3 1761 07048276 5

BRITO CAMACHO

SCENAS DA VIDA

Livraria Editora
GUIMARÃES & C.ª
68, Rua do Mundo, 70
LISBOA

SCENAS DA VIDA

1.º MILHAR

DO AUCTOR

Publicados:

Herança morbida (esgotado)
A propaganda (esgotado)
Dois crimes (esgotado)
Impressões de viagem (esgotado)
Por ahi fóra (esgotado)
Nas horas calmas (esgotado)
Ao de leve (esgotado)
Longe da vista (2.ª edição)
D. Carlos intimo (2.ª edição)
Gente Rustica (2.ª edição)
Os amores de Latino Coelho
A caminho d'Africa
Terra de lendas
Quadros alentejanos
Pretos e brancos
Jornadas
Contos ligeiros
Gente varia
Contos e sátiras
Scenas da vida

A publicar:

Fôgo disperso

BRITO CAMACHO

SCENAS DA VIDA

1.º MILHAR

Livraria Editora
GUIMARÃES & C.ª
68, Rua do Mundo, 70
LISBOA

PQ
9261
L75S3

Comp. e imp. na IMPRENSA LUCAS & C.ª
59, Rua Diário de Notícias, 61 — LISBOA

O Moinho

Ia em dois anos que o moinho não trabalhava.

Uma cheia, como d'outra igual não havia memoria, fizera desviar o leito da ribeira, convertendo o açude n'um paredão inutil, e a leváda n'um caneiro sem prestimo.

Durante uma semana, sem despegar, caira chuva a potes, e ao mesmo tempo uma ventania desabrida enrodilhava as arvores muito flexiveis e arrancava pela raiz oliveiras e azinheiras fortemente presas à terra, de braços e pernadas rijas como o ferro.

O moinho ficara sem o telhado, da noite para o dia, não aluindo as paredes porque eram feitas de pedra bem argamassada, grossas como se fossem muralhas. Nem tempo houvera para retirar do moinho, convertido n'um pôço, o trigo e a farinha que ali havia, de freguezes varios — um alqueire d'este, tres alqueires d'aquele, uma carrada do lavrador fulano, outra do lavrador beltrano, ainda por joeirar.

Por fatalidade, uma das comportas abrira-se, e o

correspondente rodizio, como se o acionasse uma força demoniaca, a girar, n'uma vertigem, acabou por se fazer em bocados.

Ninguem se lembrava d'uma coisa assim, a ribeira caudalosa como um rio africano, as terras baixas alagadas, as searas, em herva curta, mal verdejando nas chapadas, a pedirem uns diasinhos de sol para não morrerem de todo.

Previa-se um ano de fome, um ano terrivel como o de 1856, ano de palha e de feno, mais de feno que de palha, porque as searas, sobretudo os trigos, se tinham perdido á nascença. Muita gente, n'esse ano terrivel, sofreu a miseria negra, sem pão e sem trabalho. Chegou a vender-se um alqueire de trigo por mil e quatrocentos réis, tres vezes, pouco mais ou menos o seu custo ordinario n'esses tempos recuados.

O moinho era propriedade do sr. Silverio Augusto, que o mandara fazer, menos para d'ele tirar lucros, que para beneficio de toda a familia da Aldeia, obrigada a ir moer o seu trigo a uma distancia grande, mais d'uma legua em moinho de vento, e aproximadamente a mesma distancia n'um moinho d'agua, a juzante, moinho que tinha mau chegadoiro para carros, e não era acessivel, pelo lado da ribeira, quando esta levava um golpe d'agua a cobrir as passadeiras.

O acesso ao moinho do sr. Silverio era facil e comodo, tanto do lado da ribeira, como do lado oposto — facil para carros e cavaleiros. O porto era bom, muito firme, e como a ribeira, a montante, alargava

n'um pégo, que parecia uma lagôa, a corrente chegava ali um pouco amortecida, raramente estorvando a passagem por mais de tres ou quatro horas, a não ser nas cheias desmarcadas, em anos de grande invernia. Um pouco para baixo do porto, quasi na junção do barranco que restituia á ribeira a agua com que trabalhava o moinho, havia uma pinguela lançada por sobre um pégo fundo e estreito, entre dois chaisseiros, de grosso tronco e abundante ramaria. Uma corda feita de ramos, hervas e juncos, servia de corrimão, fragil amparo que os mais audaciosos não utilisavam, e que aos timidos dava animo, permitindo-lhes distrair a vista da iminencia do perigo.

Fôra um dia de grande festa, de brodio rijo, o da inauguração do moinho. Juntou-se ali o povo todo, homens, mulheres e creanças, os novos e os velhos, só ficando em casa quem não podia ir para a rua. Por feliz acaso, na vespera, uma vaca do lavrador Goinhas, escorregando-lhe ao mesmo tempo as duas mãos, caira de mangualde n'um cachafundão, d'onde a tiraram, a muito custo, com uma perna partida.

O sr. Silverio comprou a vaca, fazendo constar, na Aldeia, que no dia seguinte ela tomaria parte na festa... ensopada com batatas e borrifada com vinho.

— Aqui ninguem se embebeda — ordenara o sr. Silverio, quando a familia, distribuida em grupos, formando pequenos circulos, se dispunha a manducar, cada qual tendo levado de casa, por expressa re-

comendação que ele fizera, o indispensavel garfo de ferro — para não comer á unha.

A primeira garfada de ensopado, ainda no tacho, foi a do sr. Silverio, quando o moleiro, erguidas as comportas, disse para a familia, ali reunida:

— Seja louvado e adorado Nosso Senhor Jesus Christo...

Todos os homens tiraram o chapeu, dizendo — seja!... — e logo o moinho se encheu, os grandes e os pequenos a quererem vêr o trabalho das mós, coisa que alguns ainda não tinham visto, e outros estavam fartos de vêr. Achavam muito complicado e muito engenhoso todo aquele mecanismo, o trigo a cair, em pequeninas porções, da tolda para a mó de baixo, graças a um estremecimento constante regulado por um systema adamita de alavancas, pêsos e cordeis, e a mó de cima a girar, sempre no mesmo sentido e com a mesma velocidade, transmitida a força da agua ao rodizio e d'este á mó, por um eixo vertical.

A' voz do sr. Silverio — vamos a isto, que se faz arde... — as mulheres assentaram-se no chão, erguendo a saia de cima, refazendo-se os grupos ou circulos á roda de cada pratada, os homens em pé, um ou outro de joelhos, entre as mulheres, como na Avé Maria, alguns de cócoras, sentados nos calcanhares, á moda africana.

— Aqui ninguem se embebeda — repetiu o sr. Silverio, ao mesmo tempo que dava ordem para que dois moços da sua casa, armados de garrafa e copo,

uma garrafa grande e um copo pequeno, fossem dando vinho á familia.

— Os gaiatos não bebem.

O Carvalhosa, ruim trabalhador e grande beberrão, quando lhe iam a dar o copo, tirou da algibeira da vestia um cordel, unindo-lhe as pontas.

— Isso para que é, ó tio Francisco ?

— É para não engulir o copo, se me escapulir da mão.

O sr. Silverio ouviu, e mal disfarçando o seu azedume, disse para o filho mais velho, um moço que nem um sobreiro :

— O' João, leva aquela besta á levada, e não lhe deixes sair a cabeça d'agua emquanto não estiver cheio como um ôdre.

Ninguem se embebedou, mas todos ficaram alegrotes, as mulheres ainda mais que os homens, porque não tendo o habito de beber, qualquer pinga que lhes caia no estomago sóbe-lhes logo á cabeça.

Retirou a familia para a Aldeia, em ranchos, bálhando e cantando, como na volta das romarias, os namorados aproveitando aquela monção para renovarem, sem palavras, os seus juramentos e promessas, provocando contactos que eram choques electricos.

O sr. Silverio, com a mulher e os filhos, deixou-se ficar no moinho até quasi ao sol posto, sentado n'uma pedra, a olhar a agua, ligeiramente barrenta, da levada, e a ouvir o barulho que ela fazia nos rodizios, a espumar como nos burdos.

Recomendou ao moleiro que puzesse um signal no primeiro saco de farinha que ali se fizesse, e que lh'o mandasse para casa, no dia seguinte, logo pela manhã.

— É para o pão que se hade comer na festa de S. Romão, se Deus nos der vida e saude.

O grande trabalho do padre, na festa de S. Romão, era o de benzer, porque além das pessoas e dos animaes que se apresentavam para esse efeito, tinha de benzer metros e metros de fita, arrateis e arrateis de pão. Era crença muito arreigada que o pão benzido livrava de muitos perigos e curava muitos achaques, comido com devoção. Conservava-se por muito tempo, mezes e anos, sem tomar bolor, ralado, quasi pulverulento, e assim mesmo eficaz, afirmavam as pessoas devotas, para debelar certas doenças. Sempre minha mãe trazia da festa de S. Romão, a que raramente faltava, alguns pães benzidos, dos quaes mandava pequenas fatias ás pessoas das suas relações gravemente doentes ou atacados de mal cronico, rebelde ás drogas da botica.

O moinho era agora o encanto, o namoro do sr. Silverio, que só nos dias asperos de vento e chuva não estendia as pernas até lá, demorando-se a conversar com o moleiro, e quando o moleiro não estava demorando-se a fumar á beira da levada ou da ribeira, sentado ou estendido, na vaga distração d'um homem que não tem habitos de pensar, e se encontra desocupado, por assim dizer inerte de corpo e siderado de espirito.

O moinho estava bem afreguezado, porque o moleiro era de bôas contas, e as mós, sempre bem picadas, faziam excelente farinha. Não lhe entrava na tolda um punhado de trigo que não fosse muito bem joeirado, sem terra e sem pedras, e a sua maquia não era de encolher e alargar, como sucedia, geralmente, nos outros moinhos.

A primeira e mais instante recomendação que o sr. Silverio fazia aos seus moleiros, era esta:

— Aqui não se tira uma pitada de farinha a ninguem. No dia em que me constar que vocemecê não dá bôas contas, vai para o olho da rua. E olhe que eu não sou homem para dizer uma coisa e fazer outra.

De começo os freguezes não se esqueciam de recomendar ao moleiro que tivesse muito cuidado não fosse trocar o seu trigo, quasi escolhido bago a bago, nem picado de cevada, nem sujo de terra — um trigo que até podia servir para hostias, muito são e muito puro. A pouco e pouco todos foram percebendo que tal recomendação era inutil, em primeiro logar porque o moleiro não fazia trocas nem baldrocas, e em segundo logar porque todo o trigo que ele farinava era passado ao joeiro, tão isento de impurezas como se fosse escolhido a dedo, no taboleiro.

O sr. Silverio não tinha propriedade que lhe desse maior rendimento, pouco dispendiosa, as mós durando uma eternidade e a madeira dos rodizios parecendo ter a mesma duração.

Se a ribeira não secasse, no verão; se tivesse

agua corrente ou represada que alimentasse a levada durante o ano inteiro, o moinho seria uma mina, muito melhor que uma herdadola, sem as despezas e canceiras inherentes a um assento de lavoura.

Os filhos queriam que ele arrendasse o moinho, a ver se lhe passava aquela bebedeira; mas ele dizia, e era verdade, que não tinha coisa que mais o distraisse, e como essa distração, ao custrario das outras distrações, lhe não custava dinheiro, antes lhe dava lucros, havia de conserval-a até morrer. O moinho seria a ultima coisa que alienaria, para pagar as suas dividas, se as tivesse, ou para matar a fome, se Deus permitisse que chegasse a esse extremo.

— Quando eu fechar os olhos, vocês farão o que tiverem na vontade. Se quizerem arrendar ou vender o moinho, a mim tanto se me dá, como se me deu.

Calcula-se, pelo que exposto fica, qual seria o desgosto do sr. Silverio quando viu o seu moinho destelhado pelo vento, quasi cheio d'agua, troncos e raizes boiando na levada, o açude rôto, a esboroar-se como se fosse de taipa! Este espectaculo atenazara-lhe o coração, que por um triz não rebenta, dias passados, notando que a ribeira tinha mudado de leito, ficando assim condenado o moinho a não ter agua para trabalhar, mesmo que os invernos fossem de chuvas diluvianas, dando logar a caudaes extremos.

Perdeu o apetite; tornou-se triste e irascivel. De atencioso que era, fez-se grosseiro; como que per-

dera o uso da fala, sempre calado, respondendo por acenos ás perguntas a que não podia dispensar-se de responder.

Não estava doente; pelo menos não dava mostras de sofrer, acusando dôres aqui ou além, sempre fresca a pele, o que excluia a hypothese d'alguma camada de sesões que tivesse no chôco, e viessem, mais agora mais logo, a pôr-lhe as uvas em pisa. Nem sequer acusava aquele mal-estar, difuso, incaracteristico, que precede muitas vezes a explosão d'uma doença claramente definida.

Lembraram-se os filhos de que aquilo lhe passaria, concertado o moinho, prolongada a levada de modo a ir receber mais longe, alguns metros mais acima, a contribuição que a ribeira, fóra do velho leito, já não poderia dar-lhe, mesmo quando enchesse a inundar os campos visinhos.

— Não quero que mexam no moinho. Está muito bem assim. Quem não o puder ver como ele está, faça o mesmo que eu faço — não olhe para ele.

Um dia, na taverna da Zéfa Castanha, viuva ainda em bom uso, estavam comendo e bebendo, em alegre petisqueira, os homens mais sisudos da Aldeia, onde veio a falar-se da doença do lavrador Silverio. O Carvalhosa, que não era da sucia, mas ali entrara, havia pouco, meio borracho, para embicar a carrada, sentenciou por esta forma:

— Aquilo, pelo que a gente ouve dizer, é *pasmo*. O unico remedio para esta doença, é uma sangria no rabo. Se lh'a não fizerem, ou morre ou fica parvo.

Alguem foi contar ao sr. Silverio a gracinha do Carvalhosa, por quem ele tinha uma particular embirração, fingindo que o não via, quando passava por ele, para o não saudar. Enfureceu-se o lavrador, e de si para si jurou que o Carvalhosa não lh'as ficaria devendo.

Todas as tardes o Carvalhosa, recolhendo do trabalho, quando trabalhava, ia buscar uma quarta d'água ao Poço da Cêrca, passando rente á porta do quintal do sr. Silverio, por ser esse o caminho mais curto. A mulher, pouco menos de entrevada havia uns poucos d'anos, a muito custo fazia os arranjos da casa, dando alguns pontinhos quando as dôres amainavam um pouco. Apezar da sua desgraça, o Carvalhosa, quando carregava os machinhos, tocava-lhe sem dó a pavana, ameaçando-a de morte se desse um pio mais alto. Nem por isso a visinhança deixava de se aperceber dos maus tratos que ele dava á pobre de Christo, tanto mais que algumas vezes os murros lhe ficavam marcados na cara, em nodoas rôxas.

Na Aldeia não havia quem gostasse de semelhante figura, trabalhador ruim que nunca acabava o tempo em casa d'um patrão, e que á jorna andava hoje aqui ámanhã além, porque não merecia o que ganhava.

Bastava o que ele fizera á sogra para toda a gente enquisilar com ele.

Tinha a pobre velha umas casinhas, unica coisa que herdara de seus pais, mortos já ela estava viuva. Foi aos trabalhos do campo, emquanto poude; depois vivia do quasi nada que rendia o seu trabalho

caseiro, e das esmolinhas que lhe davam, na Aldeia, algumas pessoas bemfazejas, condoidas da sua honrada velhice. Tinha o canto da sua casa, e isso a dispensava de vadiar, como os cães sem dono, dificilmente encontrando quem a recolhesse pelo amor de Deus. Faz-se ideia do que seriam os seus ganhos, sabendo-se que a fiar estopa ou linho, por cada arratel lhe pagavam, respectivamente, um pataco ou tres vintens e um pão, sendo igualmente modestos os lucros que tirava das linhas caseiras e dos liços.

Tanto azoinou a mulhersinha para vender as casas e ir viver com eles, que um dia a triste fez-lhe a vontade, e nem sequer teve a precaução de guardar para si o producto da venda — entregou-lh'o, como se as casas fossem dele.

Tudo era dizer-lhe, antes do negocio feito:

— Onde comem dois, comem tres, e a mãe, para ali sósinha, está em riscos de alguma vez lhe dar um vadagaio, e ficar-se n'ele, por não ter quem lhe acuda.

Durou pouco aquela lua de mel, e como o Carvalhosa se persuadisse de que a sogra se resignaria a todas as suas más-creações, grosseiro e insolente, um dia pregou-lhe uma sóva e pôl-a na rua.

Ora sucedeu que uma tarde, ia o sol a cravar se, o Carvalhosa passou, como de costume, a caminho do poço, estava o lavrador Silverio sentado n'um madeiro que ali mandara pôr, á porta do seu quintal, havia muitos anos.

Ergueu-se e chamou-o:

— O' Carvalhosa, chega aqui.

O Carvalhosa, pousando a quarta no chão, avançou despreocupadamente para ele, levando a mão ao chapeu, para cumprimentar:

— Bôa tarde, sr. Silverio. Está melhorsinho?

— As melhoras são poucas, obrigado. Persuado-me que isto, sem uma sangria no rabo, como tu receitaste, não pende para o lado da saude.

Palavras não eram ditas, cae em cima do Carvalhosa uma saraivada de murros, de que ele não procurava livrar-se, muita encolhido, d'uma humildade de cão, a procurar abrigo entre as pernas do dono.

— Deixe-me, sr. Silverio. Eu não lhe fiz mal nenhum! Ai que me mata!

Acudiu familia dos quintaes proximos, ninguem intervindo na contenda, que o lavrador deu por terminada, explicando:

— Tinha umas contas a ajustar com este mariola; estou pago e satisfeito.

O *pasmo* é uma doença da velha medicina veterinaria, abundantemente descrita no *Thesouro dos Lavradores.*

Possuo d'esta obra um exemplar que tem a data de 1762, faltando-lhe uma folha, justamente aquela em que o auctor faz a sua apresentação e explica as suas medicinas.

O *pasmo*, acudindo-lhe nos primeiros oito dias contados desde que a rez entrou a dar claros indicios de maluqueira, não é doença fatal, mas exige

um tratamento energico, consistindo principalmente em sangrias e vergas de fôgo.

Cavaco, o ilustre Manuel Martins Cavaco, auctoridade na alveitaria do gado vacum, não recomenda a sangria no rabo, como fazem alguns auctores; mas não dispensa o fogo á roda dos cornos e das orelhas, fogo moderado por baixo das orelhas — *por ser parte mais conjuncta do cerebro.*

A's vezes o mal não cede promptamente a esta medicina vulcanica, e então recomenda o grande Cavaco uma verga de fogo á roda dos miolos, abaixo do ponto mais alto da testa uma mão travessa, e uma outra dos olhos para baixo, atravessando-lhe o focinho.

Bem entendido, a therapeutica do *pasmo* não se reduz a esta carburação; mas foi ela, sem duvida, que acendeu as furias do lavrador Silverio, a ver-se considerado pelo Carvalhosa como uma vaca, o que seria ridiculo, ou como um boi, o que seria calumnioso, virtuosa como era a sua companheira.

No primeiro livro do *Thesouro* o auctor, começando por um hymno á Agricultura, acaba por uma dissertação erudita sobre a sangria, encarecendo o muito que deve saber o *artifice sangrador* para bem desempenhar o seu mister, isto é, para que sejam uteis as sangrias que fizer.

Nos recuados tempos em que eu estudei medicina ainda se praticava a sangria, mas raramente, tão raramente que eu não sangrei nem vi sangrar, durante os anos em que frequentei as clinicas escolares no

Hospital de S. José. Depois de medico, clinico de acanhados recursos, fiz umas duas ou tres sangrias, intervindo de urgencia.

Abusou-se muito d'este processo therapeutico, nos velhos tempos; mas não estou bem certo de que a falta d'uso, subsequente ao abuso, seja um procedimento louvavel na sua generalisação a todos os casos morbidos.

Aos doentes em que a falta de sangue constitue um perigo de vida, faz-se-lhes a transfusão, isto é, mete-se-lhes nas veias sangue d'homem ou de macaco, sendo preferivel o sangue humano; aos doentes cuja vida está em risco, por excesso de sangue, não será rasoavel sangral-os?

No Brazil já funcionam hospitaes espiritas, e eu não vejo que as theorias espiritas sejam menos disparatadas que a theoria dos humores, base da medicina antiga, e suprema rasão da therapeutica depletiva.

Não se poderá dizer ainda hoje, apezar de todos os progressos da sciencia medica, que o sangue é o thesouro da Vida, e filho dilecto da Natureza: — *Sanguis est vitae thesaurus et filius dilectus naturae?*

Pois bem; basta admitir a existencia de mais trez humores, como no Thesouro, a *fleuma*, a *colera* e a *melancolia*, para se compreender que a inquinação do sangue por qualquer deles, em proporções varias, possa alterar em diverso grau e por diversa maneira a composição do sangue, que deve ser puro e limpo, para que o individuo tenha saude.

Se a sangria pode fazer sair do sangue os maus principios que o inquinam, além de o diminuirem em quantidade, quando esta é excessiva, porque rasão os senhores facultativos hão de fugir da lanceta como o diabo foge da cruz?

Sangrar foi sempre facil; qualquer sangrava, o ponto era ter uma lanceta afiada e uma veia disponivel.

Mas que sabedoria não precisava ter o *artifice sangrador* para intervir na melhor oportunidade, dispensando-se de intervir, a não ser por motivos de força maior, quando as circunstancias não aconselhavam a intervenção?...

Precisava o sangrador não ignorar a existencia dos planetas Saturno, Jupiter, Marte, Venus e Mercurio; conhecer os momentos da sua aparição e conjunção, não fôsse brandir a lanceta debaixo duma perigosa influencia planetaria.

Precisava tambem saber as horas em que os *humores reinam* nos corpos, para com facilidade precisar o *humor em que peca o paciente*, sendo certo que — *das tres da manhã até ás nove começa a reinar o sangue, que é quente e humido, e dura até ás nove do dia; e desde as nove até ás tres da tarde reina a colera, que é quente e seca; e desde as tres da tarde até ás nove da noite reina a melancolia, que ê fria e seca; e desde as nove da noite até ás tres da manhã reina a fleuma, que he fria e humida, e entre estes quatro humores se repartem estas vinte e quatro horas, e toca*

a cada uma seis horas de reinar, e pelo dito conhecimento e preceitos dele se achará o proveito e utilidade nas sangrias.

Mutatis mutandis, a anatomia e a fisiologia dos animais superiores, na escala zoologica, são como a anatomia e a fisiologia do homem, e isso faz com que a sua pathologia não defira substancialmente, o que explica, como pretende o *Thesouro*, que a therapeutica veterinaria, a muitos respeitos, possa substituir e ser substituida, pela therapeutica humana.

Certo é que as sangrias passaram de moda, e por ter proposto que fôsse sangrado no rabo o lavrador Silverio, reputando-o atacado de pasmo, o Carvalhosa apanhou uma sova mestra, que lhe tirou a vontade, daí para o futuro, de exercer a nobre arte do Cavaco, e outros mestres insignes... em alveitaria.

*

Um dia melhor, outro dia peor, o sr. Silverio já não tinha parecenças do que fôra, amarelento, da côr da palha, dôres no figado, com irradiação para o hombro do mesmo lado, e um crescer de barriga, que em mulher nova se tornaria suspeito.

A muito custo, depois de lhe moêrem o bicho do ouvido, dias e dias seguidos azoinando-o para tratar da saude, o sr. Silverio condescendeu em ir á Vila mostrar-se ao doutor, embora convencido de que ele nada lhe receitaria que lhe fizesse bem.

— Eu é que me sinto. Tenho a maquina estragada

cá por dentro; só com um metro de terra em cima é que isto se cura.

O doutor, tendo-o observado minuciosamente, num exame demorado, indo até ausculta-lo por cima da jaqueta, declarou que aquilo não era coisa de maior, e receitou-lhe pilulas, duas duzias, para tomar tres por dia.

— O sr. dr. não acha que o meu pai tem a barriga um bocadinho inchada?

O doutor não tinha feito reparo, mas notava agora, chamada para o caso a sua atenção, que efectivamente o sr. Silverio, em estado de excessiva magresa, tinha a barriga em saliencia arredondada, nem sequer se dando ao trabalho de verificar se aquilo seriam ventos, como afirmava muita gente, na aldeia, se seriam aguas, como pretendia a Zefa Castanha, cujo marido, tendo enfermado com as mesmas sintomas do lavrador, viera a morrer de hidropesia.

— São ventos.

E receitou-lhe uma purga.

A doença não fazia progressos rapidos, mas só pelo facto de durar, ía consumindo o doente, que dir-se-ía um espêto senão fôra a barriga, crescendo a olhos vistos, e a crescer tornando-lhe mais vivas as dores do figado, em crises de cada vez mais frequentes, rebeldes a todos os remedios da medicina caseira, que nos da botica perdera ele a fé por completo.

Dizia-se na Aldeia, sem propositos irrespeitosos:

— Parece um sapo, Nosso Senhor me perdõe.

Constou que havia em Ferreira um medico novo, um cirurgião de grande fama, que até em Lisboa era conhecido e admirado. Atribuiam-se-lhe curas que eram verdadeiros milagres. Levaram-lhe um dia um homem, um carreiro, com a cabeça num bôlo, a deitar os miolos por um grande buraco que tinha por cima da orelha esquerda. Levaram lho por descargo de consciencia, porque bem se via que ele estava a dobrar as unhas, já com a morte nas guelas.

Pois o doutor entrou ás voltas com ele, lava aqui, cose além, chegando a furar-lhe a pele com uma agulha, para lhe meter os remedios no corpo, e o caso foi que passante um mez o pobre diabo estava livre de perigo, e nem sequer dava mostras de ter pancada na mola, apesar de ter perdido uma garfada de miolos.

O sr. Silverio não tinha o menor apêgo á vida; já lhe faltava a paciencia para tanto sofrer; preferia a morte á cura, se ela viesse depressa, mas condescendeu em ir mostrar-se ao *menino virtuoso*, de Ferreira, sem coragem para se matar. O doutor, com grande desembaraço e muita pericia, meteu-lhe um canudinho na barriga, quasi á altura do umbigo, do lado esquerdo, e poz-se a despeja lo, como quem despeja um ôdre.

— E isto não tornará a encher, sr. doutor?

— Se tornar a encher, despeja se novamente.

— V. ex.ª desculpe, que eu sou um homem rudo,

e com esta maldita doença, até parece que se me varreram as ideias. Esta cabeça já não regula como dantes. Eu queria perguntar ao sr. doutor, mas tenho medo de ofender...

— Fale á sua vontade; diga o que quizer que as palavras, mesmo que sejam ruins, não ofendem, se as intenções são bôas.

— Pois então, se o sr. doutor dá licença, eu sempre darei o meu recado, e v. ex.ª fará de conta que o não ouviu, se achar que ele não tem pés nem cabeça. Tenho eu cá pensado que a minha doença é causadora de eu ter agua na barriga; tirando-se-me a agua, fico mais aliviado, já se deixa ver, mas a doença vai sempre minando cá por dentro, até que eu estique. Quanto tempo lhe parece ao sr. doutor que eu estarei sem agua na barriga?

—E' conforme; pode estar muito, e pode estar pouco.

— Pois bem, sr. doutor, eu o que queria era morrer ou curar-me, e até preferia morrer a curar-me, porque já estou farto da vida. Felizmente tenho os filhos creados, e o que cá deixo, que não é muito, sempre chegará para o passadio da viuva. O sr. doutor não me quere desenganar, mas eu bem sei a sorte que me espera, e com ela me conformo, que não tenho outro remedio.

Regressou o sr. Silverio á Aldeia, inteiramente descorçoado, sem uma restea desperança a que se agarrasse e que vigorosamente o sustivesse no resvalar ao precipicio.

Os seus dias estavam contados, e visto a sua doença ser incuravel, não tomaria mais remedios, não consentiria mais benzeduras, e quando viesse a tomar nova pançada dagua, não voltaria a Ferreira para que o doutor milagreiro lhe despejasse a levada, não levantando as comportas, mas abrindo-lhe furos.

Toda a gente da Aldeia foi a sua casa, não por mera curiosidade, mas para se informarem do seu estado, sobretudo para lhe significarem a muita estima em que o tinham.

O Carvalhosa, quando soube que o doutor de Ferreira lhe tinha despejado a barriga, disse, com o travor do odio a ressumar-lhe de ironia:

— Provavelmente aquela agua era a que ele queria que eu bebesse na levada, quando foi da festa do moinho. Raios o partam!

O Carvalhosa ainda sentia na cara as mãos de ferro do lavrador, mais ele, ao tempo, já não era o mesmo homem que tinha sido — valente como as armas, desembaraçado em castigar o atrevido que lhe faltasse ao ádecor. Muito bom, não desfazendo em ninguem; mas quando a mostarda lhe chegava ao nariz, espirrava bofetadas e cachações, que era um louvar a Deus.

Dizia muitas vezes o sr. Silverio, quando se via mais aflito:

— Perdoava a morte a quem me desse um tiro.

A' força de lhe ouvirem dizer isto, a mulher e os

filhos convenceram-se de que ele era capaz de se matar, e foram descarregando as duas espingardas caçadeiras que havia em casa, escondendo a bagagem — polvora e chumbo, onde ele não fosse dar com ela.

A verdade é que o sr. Silverio, a sofrer de cada vez mais, perdida a esperança em melhores dias, encarava a morte como um salvaterio, o unico a que poderia ater-se no inferno dos seus tormentos indisiveis.

Morrer!

Matar-se!

Como todos os homens da sua condição, o sr. Silverio fôra educado nas doutrinas da Santa Madre Igreja catolica, apostolica e romana.

Ensinaram-lhe, ainda pequenino, que todas as coisas foram creadas por Deus, o que é visivel e o que é invisivel, e que esse Deus Creador não está em parte nenhuma, porque está em toda a parte. Disseram-lhe que existe o ceu para os justos e o inferno para os pecadores, sendo Deus o supremo juiz das nossas acções e pensamentos. Levavam-no á missa todos os domingos, e á confissão todos os anos, incutindo-lhe assim habitos religiosos que ele considerava como preceitos a que não poderia eximir-se sem pecado, salvo em caso de impedimento por força maior das circunstanclas. O bem e o mal, a felicidade e a desgraça são favores ou castigos de Deus, que se torna propiciatorio por meio de ofrendas ou orações, servindo de intermediarios os san-

tos. Disseram-lhe mais, em pequenino, formando a sua consciencia religiosa, que o sofrer com resignação é uma das mais sublimes virtudes do homem crente, a que mais o aproxima do filho de Deus, que sofreu horrores para nos redimir e salvar. Fugir ao sofrimento pela morte voluntaria é renegar o acto mais sublime da vida de Jesus Christo, crucificado entre dois ladrões, sofrendo injurias e tormentos, aguardando o seu ultimo instante de vida, como homem, não só resignado, mas satisfeito por ascender aos paramos celestes.

Todos estes ensinamentos da meninice se conservaram na memoria do sr. Silverio, que agora os evocava, a sofrer como um danado, de cada vez mais breve a acalmia das suas dôres — mais breve e menos repetida. Preocupava-o a salvação da sua alma; mas se a Morte se esquecera dele, a sofrer havia uns poucos de mezes, de cada vez mais intenso o seu sofrimento, porque não havia de ir ao encontro dela, alijando um fardo que o esmagava, mais pesado que a bemdita cruz do Redemptor?

Pecado sem remissão, o suicidio?

Mas a consciencia não o acusava de ter ofendido gravemente a Deus ou ter prejudicado gravemente os homens, sempre correcto nas suas contas, sempre sincero nas suas devoções, dando aos pobres sem tirar aos ricos, não faltando com a esmola a quem d'ela necessitava e lh'a pedia, nunca mentindo ou calumniando, homem bom, varão justo, a pureza dos seus sentimentos reflectindo-se na dignidade dos seus actos...

E se não fossem verdadeiros, rigorosamente verdadeiros, os ensinamentos, em materia religiosa, que lhe tinham ministrado em creança, ainda mal sabendo levar o garfo á boca, e já fazendo correctamente o signal da cruz?

A sua morte não causaria dano a ninguem, antes representaria um beneficio para os que não poderiam desamparal-o, a mulher e os filhos, sem ofenderem a moral humana, ultrajando ao mesmo tempo a mizericordia divina. Repetidas vezes a pedira já a Deus, nas suas orações, entrecortadas de gemidos, que eram dôres, quasi abafados pelas dôres, que eram torturas.

Era indigno de viver são e escorreito?

Pois então que cessasse o seu sofrimento pela morte, que a bemaventurança, comprada por tal preço, é usura de fariseu, condenada pela Igreja, e o sofrimento eterno, começado neste mundo e continuado no outro, é coisa que se não compadece com a mizericordia divina. De resto, o que se mata nas suas condições antecipa a hora do seu julgamento no tribunal divino; comparece voluntariamente perante o Supremo Juiz para que o absolva ou condene, segundo os dictames da sua iniludivel justiça.

Vencidos os ultimos escrupulos, assentou o sr. Silverio em matar-se, e logo no dia seguinte, aparentando alivios, mostrando-se quasi satisfeito á força de resignado, disse à familia que desejava confessar-se, mas que não se sentia com forças para ir á Villa.

Perguntaram-lhe os filhos:

— Então o pai sente-se peor?

Objectou-lhe a mulher:

— Mas tu hoje até pareces melhorsinho; estás mais bem adoairado...

Não estava melhor nem peor; mas queria confessar-se, não o tendo ainda feito por querer evitar ao compadre prior, que tambem já não era creança, o incomodo de ir confessal-o á Aldeia.

E acrescentou:

— A confissão não mata ninguem, e como a Morte não diz quando chega, o melhor é uma pessoa estar preparada para se pôr a caminho quando ela chegar. Hoje ainda me posso confessar; amanhã talvez nem a estrema unção possa receber.

No dia seguinte, pelo cair da tarde, devidamente paramentado, o prior da freguesia, montado n'um burro, seguido do sacristão, escarranchado noutro bucefalo, ia a caminho da Aldeia, chamado para confessar o lavrador Silverio, que só recolheu á cama quando lhe disseram que já se ouvia a campainha, dando o signal de Senhor fóra, e convidando os crentes a ajoelharem á sua passagem, resando um padre nosso.

A familia da Aldeia homens, mulheres e creanças, foram esperar o Senhor á Portela, tendo os jornaleiros faltado ao trabalho, n'esse dia, para comparecerem n'aquele acto.

O prior e o sacristão apearam-se á distancia de

poucos passos do adjunto, retinindo a campainha e deitando o sacerdote a benção á multidão, ajoelhada e de cabeça baixa, no recolhimento d'uma dôr sincera e funda.

Organizou-se o cortejo, o padre á frente com o sacristão ao lado, as mulheres a seguir, de mantilha ou chale pela cabeça, os homens logo atraz, com o chapeu debaixo do braço, os já velhotes cruzando as mãos no peito.

Froixamente o sol, a escorregar por detraz duma cortina transparente de nuvens brancas, sem movimento aparente, iluminava aquele pequenino quadro religioso, digno de ser fixado na téla por um grande mestre pintor. Retine a campainha, sacudida com força, e logo um côro se faz ouvir, quasi perfeito de cadencia e harmonia, cortando o silencio d'aquela hora vespertina, muda a Terra, deserto e profundo o ceu, muito alto e muito azul.

Bemdito e louvado seja
O Santissimo Sacramento da Eucaristia...

Acabada a confissão, a familia do lavrador chamou o padre de banda, e perguntou-lhe quando poderia ele dizer uma missa á Senhora das Dores, para cuja festa dariam um moio de trigo, dois alqueires d'azeite e tres moedas em dinheiro se ela fosse servida que o enferno se puzesse melhorzinho.

— E' quando quizerem.

— Poderá então ser depois de ámanhã?

— Sim, senhores. E a que horas querem a missa?

— Se isso não faz transtorno ao sr. prior, gostariamos que fosse ás dez.

— Diferença, nenhuma. Depois d'amanhã, ás dez horas, lá os espero.

Sentindo-se mais aliviado, depois da confissão, o lavrador pediu a copa e vestiu-se. Queria estar algum tempo fóra da cama, a ver se de noite dormia.

— Parece que a confissão lhe fez bem...

Mal não lhe fizera, e até parecia que o conforto moral que d'ela tirara, de certo modo diminuira o seu sofrimento fisico.

Contaram-lhe, então, o que ficara combinado com o padre, muito esperançados no milagre que havia de fazer a Senhora das Dores, madrinha do seu filho mais velho, sua comadre por conseguinte.

— E' então depois d'amanhã a missa? Pois vão todos, vão todos, e que nossa Senhora os oiça, que a mim nem Deus nem os santos me querem ouvir.

A's nove horas estava o carro á porta do sr. Silverio, tendo o almocreve tirado as esquilas e os cascaveis das cabeçadas, visto o caso ser mais para dobre de finados que para repiques alegres. O lavrador já estava a pé, tendo passado uma noite sofrivel, nunca inteiramente livre de dôres, mas dormindo os seus bocadinhos menos maus.

— A gente não se demora. Em saindo da missa metemo-nos logo no carro e toca para casa.

— Demorem-se o tempo que fôr preciso, que não ha de haver novidade.

O carro a de aparecer na Portela, e o sr. Silverio a caminhar em direcção ao Moinho, levando comsigo um moço da Joana Ramas, garoto de sete anos, que geralmente o acompanhava, desde que adoecera, nos seus pequenos passeios por traz dos quintais, raramente alongados até ao pôço.

Desde que a invernia lhe inutilisara o moinho era a primeira vez que passava por ali, obrigando-se a grandes rodeios quando tinha necessidade de passar a ribeira para a outra banda.

Quando chegou ao moinho, olhou para ele como para uma sepultura revolvida, sentindo apertar-se-lhe o coração e enevoarem-se-lhe os olhos. A levada, roida aqui e além, cheia de hervaçum, mais parecia um trecho d'alverca, natural e sem destino, que um dreno feito segundo a Arte para levar agua a um engenho. Sentou-se n'um pedregulho que havia perto da levada, pelo lado de cima, firmou os cotovelos nos joelhos, pendeu a cabeça sobre as mãos abertas, uma de cada lado da face e cerrou os olhos, sem força, como que para dormir. E então, como n'um delirio systematisado, perfeitamente lucido, fiel a memoria, intacta a sensibilidade, o sr. Silverio poz-se a rememorar a sua vida inteira, até onde podiam alcançar as suas recordações.

Aos quinze anos já trabalhava como um homem, e fôra n'essa escola de trabalho que se formara o

seu caracter, de bem temperado aço. Livre das sortes por ser filho unico de viuva pobre, d'ahi a pouco casava, não por interesse, mas por amor, dando-se a feliz circunstancia de ser orfã de pai e mãe, relativamente rica, a eleita do seu coração. Viviam ainda todos os filhos que Deus lhe dera, nada menos de quatro, uma rapariga e tres rapazes. Não podia haver esposa mais carinhosa que a sua, filhos mais obedientes, mais respeitosos que os seus, e, por extrema felicidade, todos eram sadios, fortes e corajosos. Conseguira livral-os das correias, e eles pagavam-lhe esse beneficio conservando-se solteiros, ajudando o pai no seu esforço incessante para os deixar bem, a eles e á irmã, quando morresse.

Para ele, como para todos os lavradores, havia alternativas de anos bons e anos maus; mas graças a Nosso Senhor nunca lhe correra tão mal um ano que não fizesse todos os gastos da sua casa sem recorrer á bolsa alheia.

Todos o respeitavam, e se não tinha as simpatias de todos, é porque um homem, faça o que fizer, por melhores que sejam as suas ações, agrada a uns e desagrada a outros. Jesus Christo, e mais era um Deus, arranjou tantos e tão encarniçados inimigos que foi morrer no Calvario. Sim, nem toda a gente o estimaria; mas chamadas a um tribunal para depôrem contra ele as pessoas que o não estimassem, ou não compareciam, ou então, atentas á voz da consciencia, nada articulariam em seu desabono.

No seu lar houvera sempre fartura e alegria; as

suas noites eram de sono calmo; os seus dias eram de trabalho honrado e fecundo. A sua modesta fortuna não era feita de sordidez na poupança, nem de espoliação nos ganhos. Lavrador á moda antiga, não comprava nem vendia por negocio, e jamais, comprando ou vendendo, fizera a minima traficancia, realisando lucros que não fossem escrupulosamente honestos. Serviçal como ele não havia outro na Aldeia, a todos valendo nas suas aflições, a todos acudindo nas suas necessidades. E assim era que todos se descobriam á sua passagem, grandes e pequenos, as mulheres baixando-lhe a cabeça, que é o signal, entre a gente rustica, do maior acatamento. E ele a todos correspondia como de igual para igual, a ninguem fazendo sentir que era um grande personagem, por ter muita fazenda.

O seu moinho fôra a sua maior estravagancia, aliás inspirada n'um sentimento de generosidade. Prestára, assim, um bom serviço á familia da Aldeia, e fizera, sem o pensar, um bom negocio, porque ele lhe dava bom rendimento.

O moinho!

Evocava a festa da sua inauguração, n'um dia soalheiro dos fins de Novembro, a levada tumida, sustida pelas comportas, a ribeira cachoante, lá acima, a poucos metros do açude, apertada entre rochas brutas, que pareciam as colunas d'Hercules. A um signal dado, erguem-se as comportas, a agua da levada precipita-se nos cubos, e logo os rodizios entram a trabalhar, pondo as mós em ação.

A intima satisfação de todos, comendo e bebendo sem aquelas, ali reunidos como para uma festa de familia!

Formaram-se ranchos, na volta á Aldeia, e ele vê-os balhar, e ouve-os cantar, gente nova e amorosa, moços de sangue na guelra, cachopas gravalhuças que são como as nymphas dos bosques, que os faunos perseguem, babando-se de luxuria.

Intensificando a sua evocação, ouve o barulho que faz o moinho a trabalhar; vê a agua que sae, em rôlos de espuma, dos rodizios para a valeta que a restitue á ribeira, e ao mesmo tempo sente na face, quasi escondida entre as mãos espalmadas, a caricia d'uma tarde suavemente morna, com o sol a mergulhar nos montados da outra banda, matagosos por baixo e tanganhosos por cima.

De repente, como n'uma bem preparada mudança de scenario, a ribeira torna-se em rio caudaloso, alagando os campos e afogando as arvores; a levada, como se ribeira fôsse, quebra a resistencia das comportas e desconjunta os rodizios; uma ventania desabrida, como um tufão no mar das Indias, faz voar as telhas do moinho, deixando erguidas as paredes por serem feitas de pedregulhos bem argamassados, espessas como muralhas.

Sonho ou extasi, d'ele acordou ou d'ele saiu n'um estremecimento convulsivo, os olhos desvairados, o semblante transtornado, a boca aberta, como se quizesse gritar sem poder.

Ergueu-se, a muito custo, chamou o rapazinho,

que fôra sentar-se, as pernas caidas para o cubo, na mó, partida ao meio, da comporta de cima, e foi andando em direção á ribeira, de quando em quando espraiando a vista, na inquietação de quem receia a presença de testemunhas.

Sentou-se junto da pinguela, em cima d'um tufo de junco manso, debaixo d'um chaisseiro que servia de encontro firme áquela ponte arrojada.

Tomou a altura do sol, calculando o tempo decorrido desde que abalara da Aldeia, e achou de si para si que a familia devia estar de volta, não gastando mais de meia hora, tres quartos d'hora no caminho.

Ergueu-se, e assentando o pé direito na pinguela, perguntou ao rapazinho:

— Tu já sabes nadar, Chico?

— Não sei; mas com uma cortiça na barriga, não vou ao fundo.

— Pois deves aprender a nadar.

Meteu a mão na algibeira do colete, e deu-lhe uma libra.

— E' para a tua mãe te comprar um fato.

Avançou, pegando com a mão direita na corda, feita de hervas e ramos enastrados, que servia de corrimão, e quando chegou ao meio da pinguela — catrapuz! — joga-se ao pégo, e desaparece n'um redemoinho, ficando-lhe o chapeu ao de cima d'agua, como um signal indicando uma sepultura.

O rapazinho desatou aos gritos, e como ninguem lhe acudisse, meteu-se a caminho da Aldeia, correndo quanto lh'o permitiam as suas pernitas fracas, che-

gando a casa sem poder tomar o fôlego — se lhe puzessem uma mão na boca, rebentava.

— O que tens tu, Chico ?

— O que foi que te aconteceu, rapaz ?

Lôbo não teria aparecido ao mocinho, mas podia-lhe ter aparecido bruxa ou lobishomem, talvez o proprio Satanaz, a deitar fôgo pelos olhos e pelas ventas.

Ao cabo d'alguns minutos, já repousado mas ainda ofegoso, o rapazinho disse o que era passado, pondo-se a familia a caminho da ribeira, uns levando cordas, outros levando fateixas, dispostos os bons nadadores a darem um mergulho, se tanto fosse necessario, para se encontrar o cadaver.

— O' Chico, tu reparaste se o sr. Silverio deu um pulo ?

— Ná; pulo não deu. Caiu para o lado, e foi logo p'ro fundo.

— Para que lado é que ele caiu ?

— Para este — e indicou o lado direito.

Do meio da pinguela atiraram duas fateixas, encalhando uma d'elas ao cabo de poucos minutos.

— Pode ser uma pedra···

— Pode ser uma raiz···

Logo outra fateixa é atirada na mesma direção, e como tambem essa encalhasse, retesando a corda, assentou-se em que o cadaver estava fisgado, restando fazel-o subir ao lume d'agua e rebocal o para terra.

— Devagarinho, não escapulam as fateixas.

O cadaver a chegar á Aldeia, n'uma padiola, e a familia do lavrador a chegar da Villa, esperançada

no milagre que havia de fazer a Senhora das Dôres, para cuja festa, no ano proximo, tinham prometido um moio de trigo, azeite e dinheiro.

Em cima do travesseiro, na sua cama de casal, o sr. Silverio deixara um papel, no qual escrevera isto, a lapis, em letras que eram gatafunhos: — Não culpem ninguem da minha morte. Já não podia mais. Peçam a Deus por a minha alma.

Nos tempos bons em que decorre esta historia triste, os filhos nada pagavam ao Estado pelo que herdavam dos pais; a Justiça não intervinha quando a partilha era entre maiores, a não ser que a ela recorressem, desavindos por ambição ou por capricho. Maravilhosamente se entenderam os filhos e a viuva do sr. Silverio para a repartição da herança, no valor de alguns contos de réis, mas de facil partilha.

E o moinho?

Ninguem o queria, como se repudial-o fôsse uma justa homenagem ao sr. Silverio. Assentou-se, então, em vendel-o, não regateando o preço. A'parte o desvio da ribeira, que não podia considerar-se definitivo, todos os estragos que n'ele fizera a invernia eram de facil remedio, facil e pouco dispendioso, menos a reconstrução do açude, que sofrera grandes rombos. As mós lá estavam, dois pares de mós quasi novas, e todo o madeiramento, áparte um dos rodizios, conservava-se intacto. Com seis milheiros de telha cobria o moinho, o que importaria uma despeza de dez ou doze mil réis.

Um moleiro de Algalé mandou dizer que o arrendaria, se os donos quizessem pôl-o em condições de trabalhar, ou que o compraria, se lhe fizessem um preço razoavel.

Tanta sorte teve o homem, de nome Antonio Serrazina, que, efectuada a compra em Setembro, logo em Novembro a ribeira tomou uma cheia, que lhe restabeleceu o leito. Seguira-se a esta amostra de inverno uma estiagem, pessima para os lavradores, mas optima para o moleiro, porque lhe permitiu refazer promptamente o açude, em termos do moinho não estar uns poucos de mezes parado.

O mestre Serrazina usava bagalhoça, e não era pêco em gastar. A primeira coisa de que tratou foi de mandar cobrir o moinho e a arrecadação, isto é, a casa que havia de ser a sua moradia, logo que principiasse a trabalhar devéras.

Como precisava ausentar-se por quatro ou cinco semanas, decidiu fazer por empreitada a reconstrução do açude e a limpeza da levada. Assim não perderia tempo, porque tudo isto se faria na sua ausencia.

Por muito favor, pagando ele, déra-lhe pousada o Claudino Alves, com venda e estanco, dispensando-lhe a sua cama de casal, montada sobre bancos, que as barras de ferro, naquele tempo, não eram coisa que se topasse nas Aldeias. Como era por tres ou quatro dias, quando muito uma semana, o Claudino achou bem tomar aquele hospede, explicando-lhe logo, no ajuste, que a mulher lhe faria a comida, dando ele os avia-

mentos, a não ser que se sujeitasse ao que houvesse — comida de gente pobre n'uma terra sem providencias.

Uma tarde, estando o Serrazina no moinho, ouviu ali perto, no lavadoiro, um dos muitos lavadoiros que tinha a ribeira, um chôro convulsivo de mulher aflita, e para lá se dirigiu, calculando que o seu auxilio ou socorro poderia ser necessario.

Deparou-se-lhe a senhora Eufemia Cabanas, mulher do Aniceto Cabanas, a qual em meio da sua lavagem, sentira violentas dôres no ventre, e em menos dum phosphoro dava á luz um fedêlho tão magrinho que parecia um chibo esfolado, sem carne. Acabou de lavar a roupa, enfaixando o menino, na aparencia vivedoiro, n'um lençol ainda por lavar.

Quando, acabada a sua tarefa, já com o alguidar de roupa á cabeça, pegou no filho para se ir embora, notou que o menino estava rôxo e parecia que inteiriçava. Desatou então a chorar, aparvalhada, numa aflição que a inhibia duma iniciativa util, e a mais util seria a de correr para casa.

Mal viu o moleiro, naturalmente surprezo pelo que estava presenciando, correu para ele, implorando:

— Pelo amor de Deus, mestre Antonio, baptise o menino, que êle está a expirar.

O moleiro baptisou o menino — em nome do Pedre, do Filho e do Espirito Santo — e acompanhou a Cabanas á Aldeia, onde chegaram já o anjinho ia a caminho do céu.

Resolvido a fixar residencia no moinho, isto é, a passar ali, não apenas a temporada, mas o ano inteiro, Serrazina mandou fazer mais duas casas, pegadas á arrecadação, o que induziu a gente da Aldeia na crença de que ele tinha familia, talvez mulher e filhos, talvez só mulher, casado á face... duma candeia de gancho. Para mais disseram-lho que se vendia um ferragial que ia bater na levada, terra de tres alqueires de semente, e ele assentou logo de si para si compral-o, se não lhe pedissem um despreposito.

Abalou, deixando o moinho entregue ao compadre Cabanas, com a recomendação de guardar em sua casa, até que ele viesse, a turgia que mandasse, num carro ou dois.

Em conversa com a mulher, no discreto silencio da cama, o Cabanas figurava a possibilidade de virem a instalar-se no Moinho, se o Serrazina era homem só — ela para fazer a comida e tratar da roupa do compadre, ele para o serviço de cargas e descargas e tudo mais de que fosse capaz — um ajuda que poderia vir a ser moleiro.

O Cabanas era o que se chama um paz d'alma, moengão, incapaz de fazer mal a uma aranha, pelando-se por levar bôa vida. Por ele não viria mal ao mundo, nem desordeiro nem maldizente, tipo amorfo movido ao sabor das circunstancias — como ao sabor das ondas se movem os corpos que flutuam.

A mulher, moça alentada que nos trabalhos nunca era a ultima, sendo em alguns a primeira, contras-

tava com o marido, duma actividade incansavel, decidida sem ser voluntariosa, pouco dada é conversa dos soalheiros, alheia aos ditos e mexericos das senhoras visinhas, e que constituem a urdidura da vida colectiva nos pequenos centros populacionais.

Dizia-se na Aldeia aludindo ao Cabanas e á mulher:

— Foi um erro da natureza; ela é que devia ser o homem.

Instalado o moleiro, não tardou que os seus compadres fossem viver com ele, alojando-se numa das casas que mandara fazer, a pegar com a arrecadação. As duas casas eram comunicantes, e resolvera o moleiro que uma delas, a do meio, fosse cosinha e casa de jantar; da outra fariam eles quarto de cama.

O Serrazina, durante a temporada, dormiria no moinho; fóra da temporada dormiria na arrecadação.

O Cabanas não tinha geito para nada; a mulher tinha geito para tudo. O marido não mudava um pé sem pedir licença ao outro; a sua *Ófemia* trabucava de manhã á noite e ainda lhe chegava o tempo para fazer meias ou rendas, que vendia para os seus alfinetes.

Valeria dobrado, a Eufemia, se fosse solteira ou viuva. Com o contrapêso do marido ainda fazia bom arranjo ao Serrazina, homem só e da saude precária, mal se aguentando no balanço se não tivesse sempre, ao almoço e ao jantar, um comersinho que se lhe chegasse ao corpo, e nas suas trabusanadas carecendo duma pessoa amiga que lhe desse amparo e conforto.

Vendo que não fazia bom do Cabanas, cogitou na maneira de o arrumar, maioral d'ovelhas ou guardador de porcos, oficio leve que se executa de corpo direito, um bocadinho incomodo nos rigores do inverno, por causa das chuvas, mas o melhor possivel na Primavera e no verão, sobretudo no verão, a matar formigas com as costas.

Falou-lhe n'isso, uma noite, depois da ceia, e logo o Cabanas disse que estivera para fugir de casa, era moço pequeno, porque o pai queria obrigal-o a guardar gado.

— Nem que me doirassem eu seria maioral.

Foi correndo o tempo; muita agua passou da levada para os cubos, indo acionar os rodizios, e muitos moios de trigo entraram no moinho, saindo d'ali farinados.

Tambem o Cabanas cogitava sobre o seu destino, e, mais feliz que o Serrazina, tinha achado uma solução que lhe quadrava — o ponto estava em o compadre concordar.

E explicou.

— Os marchantes que veem ás feiras trazem sempre homens por sua conta, para levarem o gado para Lisboa, mas é raro não contratarem pessoal cá dos sitios para irem tocando uma partida até Aldeia Galega. Se o compadre lhe achasse geito, eu ia á feira d'Agosto, e ali qualquer lavrador conhecido pediria a um marchante para me contratar. Em me apanhando em Aldeia Galega estava montado na lei, porque ali arranjava eu trabalho, e bem pago, que no Ribatejo

paga-se melhor que por aqui, aos trabalhadores. Gostava de dar uma saltada a Lisboa, para vêr a *mimoira real*, que dizem ser a coisa mais bonita que ha no mundo inteiro. Na volta, ahi por fins do mez de S. João, fazia caminho por Alcacer, e empregava-me ali na monda do arroz. Se o compadre lhe achasse geito eu faria como acabo de explicar, e muita seria a minha infelicidade se não voltasse a casa com um bom par de patacos na algibeira».

O Serrazina disse que sim, que achava bem pensado, mas punha em duvida que ele fosse capaz de andar uns poucos de mezes por fóra de casa, longe da mulher, a lidar com gente desconhecida. A *Ófemia*, como ninguem pedia a sua opinião, deixou-se ficar calada, intimamente satisfeita pela resolução que tomara o marido.

Limitou-se a dizer, porque isso era da sua conta:

— Podias ter dito isso ha mais tempo, para tratar da roupa; não has-de ir para fóra de casa com uma mão atraz e outra adiante.

Logo no dia seguinte começou a Eufemia a tratar do modesto enxoval do marido, que devia estar em Beja no dia nove d'Agosto, sendo muito provavel mas não sendo certo, que o contratariam para tocar uma partida de gado até Aldeia Galega.

O compadre deu-lhe algum dinheiro — quem vai para o mar avia-se em terra — e ele abalou, tão contente, tão satisfeito, que dir-se-hia ligar áquela aventura a maior esperança de felicidade.

Arranjou trabalho na vinha do José Maria dos Santos, e como a sua tineta era a monda do arroz, pelo S. João desandou para Alcacer. a aproximar-se de casa, mas sem pressa de lá chegar. Caiu lhe em cima uma camada de sesões, que o obrigaram a recolher ao hospital, onde recebeu uma carta da mulher, notada e escrita pelo compadre, dizendo-lhe que não se demorasse muito, porque esperava ter o seu bom sucesso antes do fim d'Agosto.

A noticia seria para pôr em pé os cabelos d'um careca; mas o Cabanas recebeu-a com pequena surpreza e grande satisfação.

Ninguem, fóra da Aldeia, sabia da sua vida, e ele guardava-se de a relatar, á uma porque d'ela não tinha que dar contas a ninguem, e depois porque o segredo é a alma do negocio, e o plano que ele concebera, e ía executando, poderia ser frustrado se viesse a ser descoberto.

Não era, propriamente, um pobre de espirito, o Cabanas; mas o seu discernimento era excessivamente limitado, tornando-o ainda mais reduzido, na aparencia, ao menos, a sua imbecilidade moral.

Escreveu ao compadre, pedindo-lhe dinheiro para o regresso, porque a doença tinha-o enfraquecido a tal ponto que não poderia fazer a jornada a pé.

A resposta não se fez esperar.

O compadre mandou-lhe o dinheiro que ele pedia, acrescentando uns pósinhos, isto é, uns tostões, para qualquer extraordinario.

Ficou radiante.

Chegou o sr. Cabanas, alegre e buliçoso como um romeiro, e foi recebido como o filho prodigo, não se matando o vitelo gordo, á maneira biblica, porque o unico vitelo que havia na pecuaria do moinho... era ele.

Muita festa p'raqui, muita festa p'rali, e nem a mais pequena alusão ao interessantissimo estado da Ófemia, que o marido deixara, havia dez meses, enxuta e escorreita, e encontrava agora rotunda, esticada a pele da barriga, a adivinhar se tensa por baixo das saias.

— Eu não lhe dizia, compadre? Ha uns poucos d'anos a lidar com ele, tenho obrigação de o conhecer por fóra e por dentro.

Uma noite, ao cantar dos galos, a senhora Eufemia sentiu se incomodada com fortes dores nos rins, as quais, dentro em pouco, se generalizavam ao ventre.

— O melhor será o compadre ir buscar a parteira, que isto, não tem que vêr, é coisa para demorar pouco.

Tão pouco demorou, que ainda não era sol fóra, já os berros d'um perfeito garoto quebravam o silencio do moinho, dizendo a quem passava que ali havia gente nova.

Comentava o Cabanas, atentando no pequerrucho, já lavadinho e enfaixado, não como o outro, o que nascera á beira do pêgo, n'um lençol ainda por lavar, mas em cueiros de bôa lã e optimo linho que a

mãe, com todo o vagar, sabendo que viriam a ser-lhe precisos, foi confeccionando em bocados de serão, sentada ao lado do compadre Serrazina, a sentir enlevos de progenitor:

— E' mesmo as ventas do pai, coitadinho!

Fixou-se o dia para o baptisado, que não seria, por conselho do Serrazina, dia de função, para evitar murmurações á porta da Igreja. Iriam os dois compadres, e a parteira serviria de madrinha, se a Eufemia estivesse d'acordo. O unico convidado seria o sr. Jacinto Barquinho, a quem o Cabanas devia muitas obrigações, e que lhe servira de empenho para se livrar das correias.

Apezar de todo o segredo, a Igreja encheu-se de gente curiosa, homens, mulheres e creanças, muito interessado e muito atrevido o mulherio, a querer ver com quem se parecia o menino.

— Deixe vêr, comadre, se tem as feições do pai.

A pia baptismal ficava ao fundo da Igreja, quasi por baixo do côro, pia de marmore que uma tampa grossa fechava, tampa de madeira articulada no meio, levantando se a metade movel por meio d'uma argola de ferro. Só muito de longe em longe o sacristão renovava aquela agua, partindo do principio de que sendo ela benta e purificada, não poderia corromper-se ou contaminar-se.

As pessoas com alguns meios de fortuna, e alguns escrupulos de higiene, conseguiam a renovação da

agua, quando levavam os filhos a baptisar, bastando para isso untar as unhas ao sacristão, ganancioso como um judeu mercante.

A regra, n'aquele tempo, era baptizar de mergulho, a não ser que a creança, excessivamente debil ou manifestamente doente, corresse perigo d'um banho frio, sobretudo no inverno. Fazia-se então o baptismo de concha, só mergulhando a cabeça do neophyto.

Era crença geral que a agua do baptismo não constipa, havendo todavia quem opinasse em contrario. O Joanito do sr. Manuel Antonio fôra baptisado em agua quente, o que lhe valeu a alcunha do *Agua-morna*, com que fez a travessia da vida, desde o berço á cova. E esta alcunha ele a justificava, sanfona que parecia maricas, as mãos brancas de menina linfatica, os olhos claros n'uma cara glabra.

O recinto em que estava a pia, assim que chegou o padre, devidamente paramentado, encheu-se a não puder mais, toda a multidão que acudira á Igreja, curiosa e palreira, a querer assistir á cerimonia, como se para ela tivessem sido convidados.

Á parteira, muito matraqueada no ofício, já tinha o menino desenfaixado, sem camisa, nusinho como viera ao mundo — era só pegar-lhe e metel-o n'agua.

Todos aguardavam esse momento, para satisfazerem uma curiosidade maliciosa, se é que o menino se parecia com alguem.

Ao tomal-o nas mãos, por baixo dos bracinhos, na melhor disposição para o mergulho total, o pe-

tiz desatou aos berros, a torcer-se como um vime, fazendo-se rôxo de tanto chorar.

Ao pé do Cabanas, fingindo que o não via, uma velha ramelosa diz para outra, com as ventas atafulhadas de rapé:

— Tão pequenino, e faz uma *serrazina* como se fosse uma pessoa grande.

O Cabanas não percebeu o trocadilho e teve ares de agradecer o cumprimento.

— Quem é a madrinha?

— E' aqui a comadre Januaria.

— E o padrinho?

— E' aqui o sr. Jacinto, se me quizer fazer essa esmola.

Acabada a cerimonia lithurgica, dirigiu-se o sacerdote para a sacristia, e tendo-se aliviado dos paramentos, dispoz-se a lavrar o registo paroquial.

— Quem é o pai do menino?

Resposta do Cabanas:

— E' aqui o meu compadre.

— O seu compadre?...

— Sim, senhor, o meu compadre Antonio Serrazina.

— Isso não pode ser, creatura de Deus. Então vocemecê não é o marido da mãe?

— O sr. prior bem o sabe, porque foi quem nos arrecebeu.

— Então, já vê; o marido da mãe é o pae da creança.

— Lá isso é que não. O sr. prior é uma pessoa muito verdadeira e que teve estudos, mas nisto, ha de perdoar que lhe diga, está fóra da rasão. Ora faça favor de reparar: — Eu abalei d'aqui no mez d'Agosto, e voltei noutro dia, no mez de S. João. A creança nasceu ha oito dias, fal-os depois de ámamhã. Sempre quero ver que voltas o sr. compadre dá a este embréchado para me fazer pai do menino.

— Que voltas dou? Não tenho que dar voltas nenhumas, porque a lei, a este respeito, é clara como a agua. Olhe, compadre, ha um ditado que reza assim: — *Pater est quem nuptiae demonstrant.* Sabe o que isto quer dizer?

— Eu sei lá...

— Pois eu lhe explico. Isto quer dizer que o bezerro que nasce no curral pertence ao dono da vaca Ora o dono da vaca quem é?

— O dono da vaca sou eu, mas o pae do bezerro, como Vocemecê lhe chama, é aqui o meu compadre, e Deus não salve a minha alma, se isto não é assim.

— Não jure, que é pecado jurar o santo nome de Deus em vão.

— Em vão, sr. compadre? Pelo Santissimo Sacramento, que além está no attar, juro e trejuro que o menino é filho aqui do mestre Antonio, e uma hora não tenha eu de saude, se estou a mentir na faiça de Deus.

— Seja lá como quizer; mas eu é que não faço o

assento sem que o marido da mãe figure como pai do filho.

— Faça o sr. compadre o que quizer, visto não ter subordinação de ninguem; mas sempre lhe digo que se fizer isso, escarrapacha no livro uma refinadissima mentira.

E jámais o Cabanas, em toda a sua vida, dissera uma verdade tão irrefragavel.

A meio da Igreja, como se lhe tivesse esquecido alguma coisa na sacristia, volta ali, sacudido e resoluto, e diz ao padre, a enrolar um cigarro:

— Ainda lhe quero dizer mais esta, sr. prior, e com ela me vou, na graça do Senhor: — Se o pequeno chegar a ser homem e tiver o uso da rasão, ele lhe agradecerá o roubo que lhe faz por causa d'um latinorio de bôrra.

E abalou, enfurecido como um toiro bravo.

A Ritinha

Mais alta do que baixa, typo de *fausse maigre*, o cabelo negro, os olhos castanhos, sobrancelhas fartas, labios carnudos, a Ritinha, como lhe chamavam na vizinhança, não passava despercebida na rua, prendendo á elegancia dos seus movimentos sem afectação a cubiça de todos os homens, novos e velhos.

Fôra creada com grande recato; mas aos quinze anos perdera a mãe, e aos dezoito o pai, oficial de carpinteiro, meteu em casa uma saloia de má vida, indo ela pedir agasalho a uma tia, que trabalhava de costureira, amancebada com um môço de café.

Não lhe faltava geito para a costura; mas faltava-lhe a vontade de aprender, e á tia, sem encargo de filhos, não sobejava a vontade de ensinar. Depressa se convenceu de que teria de procurar modo de vida, fosse ele qual fosse, comtanto que não vivesse ás tenças de ninguem, alojada e alimentada por favor, sujeita a vêr-se d'um instante para outro a vadiar nas ruas, nas condições da outra:

Como sou mulher perdida
Ando a ver se alguem me encontra.

Uma tarde, no Jardim da Estrela, encontrou uma condiscipula, moça da sua idade, talvez um pouco mais velhinha, não sendo a diferença de palmo. Havia muito que se não viam, nem sequer tendo noticias uma da outra por qualquer amiga comum.

— Que tens feito ?... Cresceste sem licença de Deus, estás uma perfeita mulher !...

Em breves palavras, breves e comovidas, pôl-a ao facto da sua melindrosa situação, arriscada a ver-se d'uma hora para outra sem pão e sem agasalho, já mal podendo suportar as impertinencias da tia, constantemente a esfregar-lhe a cara com a esmola de a ter em casa pelo quasi nada que ganhava.

— Já me lembrei de ir para o Brazil, porque me dizem que lá, qualquer pessoa que seja amiga de trabalhar, tendo quem a recomende, farta se de ganhar dinheiro. E tu, o que tens feito? Aposto que já casaste...

— E ganhavas a aposta. Empreguei-me no Hospital de S. José, como praticante, e ao cabo de seis mezes casei com um ajudante de enfermeiro, que me tem em grande estimação. Considero-me feliz, porque nada falta na minha casa, e ele adivinha-me as vontades, para m'as satisfazer, sem que lhe peça seja o que fôr.

— E's feliz, e merecias sêl-o, porque foste sempre uma excelente rapariga.

— Sim, não podia ser mais feliz do que sou, e espero em Deus que esta felicidade me acompanhe até ao fim da vida. Has de vir jantar comnosco, um dia, para te apresentar o meu marido. Mas o que é preciso, sem perda de tempo, é tratar da tua situação, não vá a desalmada da tua tia romper n'um excesso, pondo-te na rua. Porque não has de fazer concurso para ajudante de enfermeira?

Era uma saida, e não lhe seria dificil vencer o concurso, porque fizera belamente o seu exame de instrução primaria, tinha optima caligrafia, arranhava o francez e tinha luzes de escripturação comercial. Muito amiga de ler, devorava folhetins e romances, e essa leitura instruia-a, que mais não fosse polindo-lhe a linguagem.

Dizia a tia, quasi analfabeta:

— Se gostasse das agulhas como gosta dos livros, havia de ser uma grande costureira.

Arranjou os papeis, e sem empenhos, porque não tinha quem se empenhasse por ela, apresentou-se a exame, obtendo a mais alta classificação.

Por acaso, mandaram-na fazer serviço para uma enfermaria escolar, e quiz a sua bôa sorte que a enfermeira engraçasse com ela, tratando-a de tal maneira, com tanto carinho e tais atenções, que as colegas se convenceram de que fôra para ali, muito bem recomendada, protegida de Senhora... ou Cavalheiro ocupando elevada posição.

Todos os estudantes a requestavam, mas ela, con-

versando e rindo com todos, não animava as pretenções de nenhum, contendo a audacia dos mais atrevidos nos limites d'um forçado respeito.

Todas as doentes gostavam da Ritinha, porque a todas ela dispensava solicitos cuidados, para todas, sem nenhuma preferencia, tinha bôas palavras e bôas maneiras, acudindo promptamente ás que a chamavam, sempre deligente durante o dia, sempre desperta durante a noite, jámais surpreendida pela ronda a cabecear de sono.

Raramente saía quando estava de folga, alegando que não tinha parentes ou amigas que visitasse, e não a divertia sirandar pela cidade, menos para ver que para ser vista, que para isso, e quasi só para isso, se empapoilam as raparigas, as que teem ou procuram namoro, as que, sendo casadoiras, no que pensam é em casar. Nunca se escusava a substituir uma colega, sacrificando-lhe a sua folga, e por isso todas a estimavam, tanto mais que ela lhes não fazia concorrencia na caça aos derriços, tratando com o mesmo desdem, a mesma delicada indiferença os estudantes, os medicos e os enfermeiros.

Dizia a Enfermeira, encarecendo o preceito, a compostura da Ritinha, que a todas apontava como exemplo:

— Nem parece rapariga d'este tempo.

Muito ao contrario do que poderia supor-se, aquela vida de Hospital, aquela profissão de enfermeira, não quadrava ao seu feitio, repugnava ao seu temperamento, feria dolorosamente a sua sensibilidade.

Faziam-lhe muito dó os que sofriam, mas sentia que não viera ao mundo para ser irmã de caridade, toda a vida sacrificada ao bem alheio, deixando apagar-se na sombra algida d'uma renuncia voluntaria toda a frescura da sua mocidade, condenada a jamais fruir as venturas dum amor partilhado, na paz honesta de um lar.

Por acaso ou de proposito, um estudante deixou na enfermaria, em cima da meza em que se fazia o receituario, um livro traduzido do francez, com o titulo — *Irmã Philomena*, dos manos Goncourt. Pozse a lêl-o com muito interesse, só deixando de o ler com as interrupções que o serviço lhe impunha... quando chegou á ultima pagina.

Admiravel, extraordinaria mulher; mas para a imitar faltava lhe uma forte crença religiosa, a fé que transporta montanhas e faz desaparecer no misticismo divino o amor verdadeiramente humano, capaz das mais santas dedicações e susceptivel das mais sacrilegas revoltas.

Deu-lhe vontade de fugir, abandonar o Hospital, procurando fóra d'ali um Barnier que a amasse e a possuisse, um homem que fosse digno do seu amor e pudesse realisar os seus pequenos sonhos ambiciosos.

Um dia a Ritinha, pretextando negocios de familia, pediu uma licença e ausentou-se do Hospital. Despediu-se de todas as doentes, uma por uma, e reconheceu, com satisfação e com orgulho, que todas

se lamentavam de a ver partir, as mais sensiveis, naturalmente as mais reconhecidas, debulhando-se em lagrimas.

— Não se esqueça de nós, menina Rita. Em podendo, venha-nos vêr.

Soube-se depois que estava vivendo com um medico, director da Enfermaria em que fizera serviço, nos mezes de férias, homem já de certa idade, bom clinico e bôa pessoa, sendo voz corrente que tinha o seu vintem, ganho a tratar doentes e a jogar em papeis de credito.

Era feliz a Ritinha, tanto mais que o doutor já lhe prometera casar com ela, sabendo muito bem o que lhe devia e querendo prendel-a a si por fortes laços — os rijos laços matrimoniaes.

Morreu-lhe o pai n'um desastre de caminho de ferro e a tia, arrastada pelo amante, embarcou um dia para a Guiné, onde morreu de febres.

Não podia dizer que era filha das aguas turvas, neta das aguas correntes; mas via-se inteiramente só, sem um vago parente que aos outros desse a certeza de que não viera ao mundo por geração espontanea.

Tinha muita confiança nas promessas do seu doutor; mas assaltava a algumas vezes o receio d'ele a abandonar, não por amor, mas por dinheiro, e gelava-se-lhe o sangue nas veias só de pensar que êle

poderia morrer antes de a tornar sua esposa. Já não se afaria á vida do Hospital, e tinha por seguro que voltando a ser enfermeira, depois do passo que dera, haviam de respeita-la menos e não a estimariam como d'antes a estimavam.

Um dia cae de cama o doutor, grassava a pneumonica na cidade. O primeiro colega que o viu declarou que o caso era grave, e n'uma conferencia que lhe tizeram, ao quarto dia de doença, sem divergencia d'um voto, assentou-se em que o mal era de morte.

— Assim que melhorar, casamos.

Pelo sim, pelo não, foi-lhe entregando tedos os valores que possuia, titulos ao portador, e a muito custo fez uma declaração, devidamente authenticada, de que tudo quanto havia na casa, tirando a sua pequena livraria e os objectos do seu uso pessoal, tudo era d'ela. A casa, um bom predio com rez-do-chão e primeiro andar, estava em nome d'ela havia muito tempo.

Já com a morte na garganta, rigorosamente *in extremis*, mostrou desejos de a receber ; mas o oficial do registo civil, chamado a toda a pressa, declarou que o não casaria sem que dois medicos atestassem, sob sua responsabilidade, estar ele nas condições da lei.

Quando os medicos chegaram, não se tendo feito esperar, já ele ia metido á viagem de que se não torna.

Era uma viuvez burlesca, a da pobre Ritinha, mal a consolando o facto de herdar a pequena fortuna do *marido*, que ela não sabia estimar no seu justo valor.

Papeis!

D'uma hora para outra podiam valer o dôbro ou não valer coisa nenhuma, e comtudo eles eram, além da casa, tudo o que ela tinha para viver, a garantia do seu futuro, sem trabalho e sem privações.

Por indicação d'uma pessoa amiga, dirigiu-se a um corrector, a inquirir do valor dos seus titulos n'aquela casa de tavolagem que se chama a Bolsa. Soube que eles estavam cotados muito por baixo, sendo-lhe aconselhado vendel-os, porque a tendencia era para continuarem a descer, podendo dar-se o caso de chegarem ao limite dos valores positivos, ao zero.

Um horror!

O que agora tinha não lhe chegaria para um viver modesto, se não morresse cêdo, e aqui se via a pobre Ritinha novamente em frente do problema da vida, obrigada a resolvel-o antes que a miseria lhe batesse á porta.

Foi então que travou relações, n'uma casa amiga, uma noite, com o sr. Thomé dos Anjos, que enriquecera no Brazil, solteirão incorrigivel, sem herdeiros forçados, segundo a lei, sem parentes mais ou menos proximos a quem legasse o que amealhara em quarenta anos de trabalho honrado, como se diz em giria de comercio.

O sr. Thomé condoeu-se muito da pobre *viuva*, informado da sua triste historia, e respeitosamente lhe pediu licença para a visitar, certo de que poderia arranjar colocação vantajosa e segura para o modesto capital que realisara vendendo os titulos de cotação avariada que lhe entregara o *marido*.

O caso foi que passadas algumas semanas o sr. Thomé dos Anjos era a visita mais assidua da Ritinha, e como se esquecesse, algumas vezes, a conversar com ela, de consultar o relogio, para não se aventurar, de noite, fóra d'horas, pelas ruas desertas da cidade, lá ficava até ao outro dia, em geral não saindo senão depois do almoço.

Um dia, a compor-lhe o nó da gravata, estendendo os beiços n'uma momice cariciosa, a fazer-se pequenina para que ele a erguesse nos braços, ao mesmo tempo acanhada e resoluta, a Ritinha disse ao Thomé :

— Porque não casas comigo ? Bem sabes que só não estou viuva pela maior das fatalidades.

O sr. Thomé concordava, mas com a rude franqueza de que sempre usava em todos os actos da sua vida, falava-lhe por forma a não lhe alimentar esperanças vãs, disposto como estava, a não pôr no cachaço a canga do matrimonio.

— Não, minha filha. Não casei quando devia ca-

sar; agora é tarde para fazer um negocio de tanta monta. Se isto te contraria, és livre, e eu não quero que por minha causa deixes de procurar a felicidade onde te parece que podes encontral-a. Gostava de têr um filho para ter um herdeiro; mas não irei buscal o ao registo civil, por muito que me custe não o ter.

— Se eu tivesse um filho eras capaz de dizer que não era teu...

— Se ele se parecesse comigo, o que se costuma dizer — é o retrato do pai, — talvez o considerasse meu, e n'esse caso para ele seria a minha fortuna.

— Talvez o considerasse meu!... Bem sabes que nem sempre os filhos se parecem com os pais...

— Bem sei; mas o meu havia de parecer-se comigo, e ainda assim havia de ter minhas duvidas. Eu bem sei o que me disseram os medicos, no Rio...

Aqui principia a Ritinha a procurar um pai... para o filho do sr. Thomé dos Anjos.

Correra a cidade inteira, dias seguidos, a procurar um homem que se parecesse o mais possivel com o sr. Thomé, e já desesperava de o encontrar, quando topou na rua, por acaso, um senhor muito bem posto, que estava a calhar para o seu intento — era um Sosia do brazileiro.

Foi-o seguindo, discretamente, a distancia, e viu-o entrar n'uma escada onde havia, no primeiro andar, um consultorio medico.

Iria ali para consultar? Iria para dar consulta?

Informou-se com o guarda portão, e veio a saber que aquele Senhor, Sosia do brazileiro, era o doutor Alvarês Scromenho, e que a consulta era das duas ás seis.

No dia seguinte lá estava a Ritinha, já muito aliviada do lucto, apetitosa como um fructo maduro, os labios carnudos a pedirem beijos.

A consulta foi demorada, e como o tratamento exigia pericia medica, a doente voltou lá vezes sem conta, não se tornando dispendiosa a doença, porque o medico lhe fazia o tratamento de graça e não receitava para a botica.

Ao cabo de dois mezes a Ritinha interrompia o tratamento, sem dar cavaco ao medico, muito admirado de ver que ela não aparecia. Nunca ela lhe dissera a morada, e delicadamente ele se abstivera de lh'o perguntar, respeitando um melindre que lhe não parecia bem justificado, mas que poderia dar-se por ofendido com uma pergunta de mera curiosidade.

Deixou de ir á consulta, a Ritinha, e todavia agora é que ela começava a sentir-se doente, sempre com enjôos, sempre com dôres de cabeça, preguiçosa como nunca fôra, apetecendo-lhe comer coisas de que n'outro tempo não gostava, ao mesmo tempo que lhe repugnava a sua habitual comida.

— Sabes, Thomé? Parece-me que estou embaraçada.

— E' possivel, mas só depois de vêr é que acredito.

— Pedi a Deus que me desse um filho, e acho que ele ouviu e atendeu as minhas suplicações.

— Talvez, mas se o teu filho se não parecer comigo, se não fôr o meu retrato, negarei que seja tambem meu filho.

— Isso seria uma maldade sem nome e sem desculpa, porque tu bem sabes que o meu filho não pode ser senão teu.

— Temos conversado, minha filha. Os mais afamados medicos do Rio disseram-me que eu só por milagre poderia ter um filho; que se casasse, e a minha mulher me presenteasse com um cachôpo, a menos que ele fôsse o meu retrato, o tivesse como adulterino. Imagina o que eles pensariam de mim, se lhes mandasse dizer, d'aqui por alguns mezes, embora sem me ter casado — cá tenho um filho que se parece tanto comigo como um ovo com um espêto!...

Fructo de rapaziadas, o Thomé contraira doenças a que n'aquele tempo se chamava vergonhosas, e como era vergonha tel-as, a maior parte dos individuos que as contraiam não se tratavam convenientemente, ignorantes das suas terriveis consequencias n'um futuro proximo ou remoto.

Assentou um dia, o Thomé, em que lhe convinha casar, e estava convencido de que não lhe daria o cabaço a irmã d'um amigo, tambem estabelecido no Rio, a quem vinha fazendo, desde alguns mezes, um namoro discreto.

Muito cauteloso e muito calculista, ocorreu-lhe consultar os medicos sobre a influencia que podiam ter na sua vida conjugal as suas rapaziadas. Ter ou não ter filhos — tal era a questão para este Hamlet de sêcos e molhados. A resposta dos medicos, depois de exames repetidos, decidira-o a não casar.

Figurava a hypothese de adoptar uma creança, orfã de pai e mãi, atirada para o conflito da vida sem protecção, e sentia-se capaz de ser para ela um pai amantissimo, um protector desvelado, querendo-lhe como se fosse a carne de sua carne, o sangue do seu sangue, conforme se diz nos Evangelhos. A sua alma não era um terreno esteril, incapaz de n'ele germinarem sentimentos altruistas, afectos nobres, aqueles nobres afectos que são a dignidade suprema no homem e na mulher, porque são o amor dos pais e das mães na sua cristalisação mais pura, quasi divina. Mas figurava a hypothese de condescender em ser o pai legal d'um filho que talvez fosse d'outro, que não era seu, segundo o maior numero de probabilidades, e sentia-se ridiculo e degradado, homem sem energia fisica e sem aprumo moral, nem sequer respeitado pela femea a quem emprestára o seu nome para encobrir a sua libertinagem.

Convencida estava a Ritinha de que o Thomé acabaria por se considerar pai do seu filho, fossem quaes fossem as suas parecenças, e embora se não considerasse pai, nos termos da lei, sugestionado pelos

medicos do Rio, como tal o trataria, provendo á sua educação e garantindo o seu futuro. A confiança que ele tinha n'ela, desde que fizeram relações, não sofrera o minimo abalo, e a baboseira da paternidade authenticada por contigentes parecenças, havia de sair-lhe da cabeça, que mais não fosse... a marteladas de bom senso.

Na maior parte dos casos os filhos não se parecem com os pais; muitos nem sequer teem o que se chama *ar de familia*.

Certo é que ele prestara credito a essa invencionice estupida, que dir-se-hia paga por bom dinheiro se alguem houvesse, no Brazil ou em Portugal, interessado em que o Thomé morresse sem herdeiros forçados.

Por acaso ele, Thomé dos Anjos, não se parecia nada, absolutamente nada com o auctor dos seus dias segundo o testemunho insuspeito de retratos que tinha no seu album, e nem por isso o marido de sua mãe, pessoa de grande austeridade, se julgou atraiçoado, nem ele, por esse motivo, e outro não teria, suspeitou jámais de ser gerado no adulterio.

— Isso é outra coisa. Nem tu és como foi minha mãe, a mais santa creatura que Deus ao mundo deitou, nem eu sou como meu pai, que só teve a doença de que morreu, ia a entrar na casa dos oitenta.

E se o filho, na realidade, fosse d'ele, embora nem tivesse a menor caracteristica das suas feições?

Surpreendia-se, algumas vezes, a fazer esta judiciosa consideração, e ficava-se, por muito tempo, a scismar, por um lado sentindo-se criminoso se não reconhecesse um filho que lhe pertencia, por outro lado sentindo-se ridiculo se tivesse e apresentasse como seu um filho d'outrem — filho do crime ou da burla.

Acabava por se ater ao que lhe haviam dito os medicos do Rio, afamadas notabilidades clinicas em toda a vasta redondeza do Brazil. Seria o pai do filho da Ritinha, se o petiz fosse o seu retrato, por uma pena, tão parecido com ele que toda a gente, incluindo as pessoas menos geitosas para tirar feições, pessoas que o conhecessem, está bem dever, dissessem n'um repente, vendo o cachopito — é o retrato do pai.

Quanto á Ritinha...

A ambição espevitara a sua religiosidade, que n'outro tempo não chegava para uma missa todos os domingos e uma confissão em cada ano. Agora frequentava com a maior assiduidade as Igrejas, reverenciava todos os santos, a uns acendendo vélas, a outros dando peças de vestuario. A' porta da Igreja dava esmola a todos os pobres, e na *caixa das almas*, dentro de cada Igreja, metia sempre uma quantia avultada.

E, afinal, o que pretendia ela dos santos?

Que a ajudassem no empenho em que andava, fazendo com que o seu filho se parecesse o mais possivel com o brazileiro, que fosse, como ele dizia, o

seu retrato por uma pena. Da sua pia fraude não resultaria mal ou prejuizo para ninguem, visto o Thomé não ter parentes nem adherentes, um vago primo no mais afastado grau, que pudesse herdar-lhe a fortuna. Era um milagre simples e vulgar, tanto mais que o verdadeiro pai do seu filho se parecia imenso com o Thomé — ambos bochechudos, a barba rala, d'um castanho escuro, olhos azues, como as vacas algarvias, o nariz um bocadinho arrebitado, a mostrar as ventas largas e cabeludas.

Era tão facil o milagre!

Ao Senhor dos Passos da Graça prometeu uma vela de cêra que pezasse trinta kilos, e ao Senhor Jesus dos Aflictos prometeu duas andainas de fato, uma de verão e outra de inverno, ambas em sêda azul celeste, com bordaduras d'oiro.

Ocorreu-lhe consultar uma bruxa, uma dessas mulheres que deitam cartas, e tratou de inquirir qual era, das muitas que na cidade exploram essa industria rendosa, a que gosava de melhor reputação.

Confiava muito nos santos; mas confiava tambem no poder das bruxas, não para fazerem milagres, mas para lerem no futuro. Os santinhos nada lhe diziam; mesmo que estivessem dispostos a fazer o milagre impetrado, mantel-a-hiam na mais cruel incerteza até ao momento decisivo.

A bruxa, não.

Poderia não lhe dizer coisa que se aproveitasse, ou então dizer-lhe alguma coisa que tornasse mais torturante a sua duvida. Em todo o caso dir-lhe-hia

alguma coisa, e ela precisava que lhe falassem, porque o silencio, no seu caso, era o mysterio, e o mysterio era a tortura.

A bruxa disse-lhe, em resumo, o seguinte: — A senhora nasceu para ser feliz. Tudo lhe correrá bem, mas parecendo que lhe corre mal. Terá contrariedades, talvez desgostos, mas acabará por ver satisfeitas as suas ambições. O seu passado retrata o seu futuro.

— E morrerei viuva?

— Ninguem morre viuvo, se não tiver casado, e a senhora ainda se conserva solteira.

Desculpou-se, muito comprometida, e cheia agora de confiança na bruxa, perguntou-lhe abertamente;

— O pai do meu filho casará comigo?

A bruxa tornou a deitar as cartas, e disse, consultando-as:

— O pai do seu filho... Sim, ha aqui uma grande confusão, que eu não posso desfazer hoje. O melhor é a senhora voltar para a semana.

Chegou o momento decisivo, aguardado pela Ritinha, n'uma anciedade torturante, como deve ser aguardada a sentença no julgamento d'um crime a que corresponda pena de morte.

Tudo correu bem, melhor do que seria de esperar. Era a primeira vez que a Ritinha se via n'aqueles assados, e geralmente nas primiparas a representação de semelhante drama, embora não haja mudanças de scenario, costuma ser demorada. Pois entre a

primeira dôr, anunciando o começo do espectaculo e a ultima, marcando o seu final, mediaram tres escassas horas.

— E' menino ou menina?
— E' um menino, e muito perfeito, benza-o Deus.

Enfaixado o pimpôlho, feita a *toilette* da mãe, quiz esta vêr o fructo do seu ventre, o penhor da sua fortuna — se os santinhos, a que fizera promessas, implorando o seu valimento, tivessem acolhido os seus rogos.
— Com quem se parece, comadre?
— Ora essa! E' o retrato do pai.

O Thomé tinha saído, assegurando-lhe a parteira que se voltasse ao cabo d'uma hora já encontraria gente nova.
— Não será preciso chamar o medico?
— Isso sim!
— As dôres são tão grandes, coitada!...
— Ainda bem, porque assim a creança nasce mais depressa. E' vir uma dôr mais forte, e salta logo o pinto da casca. Pode ir descansado, que tudo correrá bem, graças a Nosso Senhor.
— Não sou homem para estas coisas, não sou...
— Pois então vá dar uma voltinha, sr. Thomé, e não se demore, que isto fica despachado em menos d'um phosphoro.

Quando o Thomé voltou, estava a creança ao lado

da mãe, sem tugir nem mugir, os olhitos, muito vivos, a bailarem-lhe na cara, movendo-se em todas as direções, como se já tivesse curiosidades de observador.

— Com quem se parece, Thomé?

— As creanças, quando nascem, a bem dizer não têem feições,

— Mas o meu filho tem. A parteira, assim que ele nasceu, disse logo — é o retrato do pai.

— Disse isso para te ser agradavel, a ver se a paga é mais avultada.

— Forte birra a tua!... Sempre quero vêr se arranjas alguma desculpa para faltares ao que prometeste, renegando um filho que bem sabes que é teu, e fazendo com que as pessoas que me conhecem, e que até agora me estimavam, passem a ter por mim, infiel ao homem com quem vivia como se fossemos casados, o maior desprêzo.

Passados alguns dias o Thomé assistia ao banho do menino, a deliciar-se na agua tépida, batendo com as perninhas e os bracitos como se quizesse ensaiar os seus talentos de nadador.

— E' tão engraçadinho, o pequeno!...

O Thomé concordou em que o pequeno era engraçadinho; mas notou que ele tinha ou parecia ter um defeito no pésinho esquerdo. Retirado do banho, e enxuto n'uma toalha fôfa, verificou o brazileiro que uma membrana delgada e incompleta unia o dedo grande do pé esquerdo ao dedo imediato, acidente

que a parteira já notara, dispensando-se de o dizer á mãe, por ser coisa de nenhuma importancia.

— Muitas creanças nascem com isto, que é mais um signal que um defeito. Com a idade desaparece.

Quando a parteira saiu — até logo, senhora comadre... — o Thomé quiz vêr novamente o pé do menino, e tendo apalpado a membrana, como que a certificar-se da sua consistencia, visivelmente preocupado, continuando em voz alta uma serie de reflexões que de si para si fazia;

— E' muito curioso!... Muito curioso!...

— Muito curioso o que tem o menino? Aquilo é um signal, como a parteira disse, e mesmo que fosse um defeito, nem sequer é um defeito que se veja, a não ser que o menino ande descalço, por o pai não fazer caso d'ele.

— Bom, ahi voltamos nós á cega-rega do costume... O que eu acho curioso é o menino ter exatamente o defeito que tinha um irmão de meu pai, o tio Francisco, mais velho que meu pai dois anos.

— Ora vê lá tu! Não só o menino se parece com o pai, mas ainda por cima tem o defeito d'um tio!

— Pois sim; mas o pai do meu tio não tinha semelhante defeito, e dos filhos d'esse meu tio, nada menos de quatro, tambem nenhum o tem. Caprichos da Natureza, que nada teem que ver com a sanguinidade de cada um.

Filho de pai incognito, por invencivel obstinação do sr. Thomé, ao filho da Ritinha foi posto o nome

de Alvaro, que tal era a graça do avô paterno — Alvaro dos Anjos, natural d'uma aldeola do Minho, no concelho de Guimarães. Foi o maximo que puderam arrancar á condescendencia do Thomé, tão refractario a ser pai, que nem o argumento da membrana o demovera do seu proposito.

Justamente no dia em que o Alvarinho fez um ano, recebeu o Thomé cartas do Brazil, chamando-o ao Rio, com urgencia, por causa dos seus negocios, sobretudo por causa da precaria saude do seu socio, mais para morrer que para viver. Era insignificante a quota que tinha na casa comercial Anjos & C.ª, e por causa d'ela não se daria ao incomodo de ir ao Rio, a vomitar as tripas por esses mares fóra. Mas o seu socio era como se fosse seu irmão; queria dizer-lhe o ultimo adeus, se ele, na realidade, tinha de morrer breve, e queria dizer-lhe que podia dispôr dos seus prestimos, que eram pequenos, e da sua bôa vontade, que não poderia ser maior, se entendesse que, na sua falta, os seus negocios e a sua familia poderiam carecer da sua leal e desinteressada interferencia.

Fez as malas e tomou passagem no primeiro paquete a sair de Lisboa com destino ao Rio.

— Porque me não levas?

— Havia de ter graça, aparecer no Rio com uma mulher e uma creança, sabendo toda a gente que não sou casado.

— Mas porque não casas?

— Hei-de pensar n'isso durante a viagem, se não enjoar.

Homem pratico, habituado a ter as suas coisas sempre em ordem, não quiz partir sem deixar assegurado o futuro d'uma creança, que talvez fosse seu filho, e da mãe d'essa creança, que durante longos mezês lhe fôra dedicada companheira, proporcionando-lhe comodos e regalos. Doou ao Alvarinho uma rasoavel fortuna. que a mãe administraría, como usufructuária, até ele chegar á maioridade. Com o que tinha, com as economias que fizesse e mais trezentos mil réis por mez que o filho seria obrigado a dar-lhe, *ad perpetuam*, a Ritinha podia considerar-se rica, perfeitamente assegurada a sua independencia e farto viver contra todas as contingencias possiveis e imaginaveis.

Pouco lhe importava, já agora, que o brazileiro casasse ou não casasse com ela; mas não se resignava a vêr o seu filho sem pai, e por isso se dispunha a renovar as suas promessas aos santinhos, para que completassem o milagre.

Quiz Deus que o Thomé dos Anjos chegasse ao Rio ainda a tempo de encontrar vivo o seu socio, doente havia tres mezes, visto e observado pelos mais notaveis medicos cariocas, opinando uns que a doença era do figado, opinando outros que a doença era dos rins, mas d'acordo todos em que o caso era grave, d'uma estrema gravidade.

A fazer-se forte para não chorar, Thomé entrou no quarto, em que estava o doente, o seu velho e querido amigo, socio de muitos anos, e teve a impressão de que ele já era cadaver.

— Ainda bem que vieste, Thomé, Custava-me muito não ter ao pé de mim, na hora derradeira, o melhor dos meus amigos, socio de mais de trinta anos, filhote da minha terra, moço da minha creação. Ainda bem que vieste.

— Não pude despachar-me mais cêdo; mas agora vejo que poderia vir mais tarde, porque a tua doença não é grave, como eu julgava. Ainda ha pouco me disse o dr. Floro que lá para os fins de maio quere pôr-te a caminho do velho mundo, em viagem demorada pela Europa.

— O dr. exprimiu-se mal ou tu não entendeste bem. A minha proxima viagem, muito antes de maio, será para o outro mundo, que tambem é velho, e será tão demorada que por lá ficarei até ao juizo final... Isto está acabado, Thomé. Milagre seria se vivesse ainda uma semana... E' uma questão de poucos dias, talvez questão de poucas horas. Por isso mesmo desejo conversar comtigo, sem perda de tempo, sobre coisas que aos dois interessam, ainda que por diferentes rasões.

— Pois conversemos, já que assim o queres; mas não levarás a mal que eu interrompa a conversa, quando vir que precisas descançar.

— Sabes que a minha fortuna é grande, algumas centenas de contos, mas tambem sabes que a minha

Casa, se não fôr bem administrada, está sujeita a prejuizos que podem comprometel-a gravemente. Em eu faltando, falta o patrão da lancha, e nada mais facil que ela desarvorar, sem governo, indo esmigalhar-se na rocha. A mulher, coitada, percebe tanto de negocios como eu de bordados. Se não tivesse uns poucos de netos, aconselhava-a a liquidar, assim que eu morra, que os rendimentos davam-lhe bem para viver onde quizesse, e como quizesse. Mas tenho cinco netos, e a minha fortuna, dividida por eles, é nada para cada um. Ha só um homem, Thomé, capaz de aguentar a minha casa no pé em que está, augmentando-a d'ano para ano, realisando o meu sonho de sempre, um belo sonho que eu realisaria, se Deus me desse vida e saude.

— E esse homem?

— Esse homem... és tu.

— Eu?

— Sim, Thomé, és tu. Se me prometesses casar com a Izabel, eu morreria tranquilo, porque sei que havias de estimal-a como ela merece e havias de gerir os negocios da Casa como se ela fosse tua, exclusivamente tua, feita á custa da tua inteligencia, da tua honradez e do teu trabalho. Não me digas que não, Thomé, porque acabarias de matar-me.

— O que eu digo é que precisas descançar, porque tens falado de mais, e o descanço faz tanto bem ou melhor que os remedios da botica.

— Descançarei depois de me responderes, e podes ter a certeza de que a tua resposta, se fôr afir-

mativa, será a minha extrema unção, terá para a minha alma o conforto d'um Sacramento.

— ... A senhora D. Izabel tem menos uns dez anos do que eu; é relativamente nova. Faltando-lhe tu, fica com uma bonita fortuna. Se pensar em casamento, escolherá marido a seu gosto, e ninguem lh'o poderá levar a mal. O futuro dos vivos, a sua felicidade, não pode ser sacrificada a um desejo manifestado ao pé da cova. Não tinhas pensado n'isto?

— Tiuha, e foi só depois de saber o que a Izabel pensava a este respeito, que eu me decidi a falar comtigo sobre o caso.

— E a senhora D. Isabel disse?...

— Disse que nada a consolaria da minha morte, mas que a ter de casar novamente, só comtigo casaria, se tu estivesses disposto a voltar para o Rio e casar com ela.

Bem dizem os francezes!

On revient toujours
A' ses premiers amours.

O Thomé catrapiscara a D. Izabel, em solteira, e certamente teria casado com ela, se por motivo de negocios não tivesse saido do Rio para Santa Catharina precisamente na ocasião em que o socio, recem-chegado ao Brazil, fazia conhecimento com a D. Izabel n'uma reunião familiar. Conhecimento foi ele, que d'ahi a pouco estava pegado o namoro, e como se desse o caso do pai da menína simpatizar com o ra-

paz, não tardou que os namorados passassem a noivos, que a Izabelinha, excessivamente azougada, era capaz de descarrilar, por excesso de velocidade, ficando lhe muito longe a Estação do Matrimonio.

O Thomé, regressado de Santa Catharina, encontrou a praça tomada, mas não se deu por achado. A Izabelinha mantivera com ele um *flirt* de poucas semanas; nunca trocara com ele duas palavras que a prendessem com um juramento solemne ou com uma simples promessa, a que não fosse correcto faltar sem motivos ponderosos. Tudo se passara em silencio, sem palavras, n'uma troca de olhares enternecidos, eloquentes na sua mudez, mais expressivos que os discursos melhor arquitetados.

Não tinha que recriminar a Izabelinha, porque usara plenamente da sua liberdade, seguindo os impulsos do seu coração; ao socio e amigo tambem não tinha que fazer recriminações, porque ele ignorava o seu idilio amoroso, excessivamente discreto, a tal ponto discreto que ainda ninguem dera por ele, a não ser alguem que surpreendesse uma troca de olhares n'um instante de facil despreocupação.

Fôra o amigo, sem querer, que lhe frustrara projectos de casamento com a D. Izabel, mal esboçados projectos, visto o namoro com ela nunca ter passado de ternos e insistentes olhares.

Pois era o amigo que, afinal, sentindo-se morrer, lhe pedia que casasse com ela, afirmando que a certeza d'esse casamento lhe daria resignação para afrontar a morte.

De certo modo esta compensação era-lhe devida, porque fôra depois do seu regresso de Santa Catharina, perdido o amor de D. Izabel, que ele entrara a fazer uma vida de rapaz que se diverte, compremetendo a saude em leviandades amorosas, mal prevendo que as graves consequencias de tais leviandades haviam condicionar tristemente o seu futuro.

Ainda estava a receber pêsames pela morte do marido, e já a sr.ª D. Isabel Fragodes se consorciara com o sr. Thomé dos Anjos, casamento auspicioso que á imprensa carioca mereceu as mais agradaveis e lisongeiras referencias.

Tratou imediatamente o Thomé de comunicar o caso para Lisboa, em carta laconica, dizendo á Ritinha que precisando d'alguma coisa, para ela ou para o filho, se lhe dirigisse com franqueza, porque o encontraria sempre bem disposto a servi-la.

Nem uma palavra que envolvesse o mais ligeiro afecto de amante, que traísse a mais froixa, a mais debil inclinação de pai, uma vaga, quasi inexpressiva referencia a um idilio que ela perfumara de beijos quentes, impregnados d'uma sensualidade a que se poderia chamar casta, se não brigassem estas palavras.

Se fôra lida em poetas brazileiros, acabando de ler a carta, e amarrotando-a nas mãos convulsas, a Ritinha teria dito, como na poesia de Guilherme de Abreu:

Meu Deus, que gelo, que frieza aquela!

Cantou o poéta os tragicos amores de Dido, que a Ritinha, talvez, por falta de erudição, mais seguramente por falta de geito, não quiz repetir:

> Dido infeliz, a um e outro mal unida;
> Morre-te um, foges; foge-te o outro, morres.

A' Ritinha morreu um, e ela fugiu... para outro; fugiu-lhe o outro, e ela procurou um terceiro. O qual terceiro era justamente aquele Doutôr que ela tivera a boa sorte de encontrar no seu caminho, andando á procura dum homem que fôsse o pai dos filhos de Zebedeu, isto é, o pai dum filho do Thomé dos Anjos, que por instinto conseguiu safar-se da rêde que a Ritinha lhe estendera, assegurando-se da cumplicidade dos santos, que talvez lhe achassem graça, a mofarem do brazileiro.

— O dr. ainda me conhece?

— Se conheço! Procurei-a por toda a parte, em Lisboa, e como a não encontrasse, nem sequer obtivesse quaesquer noticias a seu respeito, calculei que tinha ido para a Provincia ou para o Brazil... Seja muito bem aparecida!... O que tem feito?

— Tanta coisa!...

— Aposto que casou?...

— Quasi.

— Essa agora é melhor!... O estado de quasi casada não me lembro de o encontrar definido em qualquer disposição do codigo civil.

Vai então a Rita conta ao doutor, sem omitir um detalhe, a sua longa Odysseia, a começar na sua ida para casa da tia, para não viver com a amante do pai, uma saloia ordinaria, e a acabar na retirada para o Brazil do sr. Thomé dos Anjos, rebelde a uma paternidade que lhe repugnava por instinto.

— E o teu filho?

— Porque não dizes antes — o nosso filho?

— Sim, é possivel; mas o bezerro que nasce no curral é sempre do dono da vaca, e o dono da vaca, n'este caso — sem ofensa — é o brazileiro. Com quem se parece o petiz?

— Parece-se com o brazileiro.

— Ora ahi está.

— Simplesmente o brazileiro parece-se muito comtigo.

— Comigo?

— Sim, comtigo. Vê lá se este retrato não é a tua vera efigie...

— Na verdade, parece-se bastante comigo.

— Ora bem. Eu tenho a certeza, de que o pequeno é teu filho, e se alguma coisa faz abalar esta certeza, é o facto d'ele ter no pé esquerdo, um signal, como tinha um dos tios do brazileiro, irmão do pai, o mais velho, se não estou em erro.

— Um signal no pé esquerdo?

— Sim.

— Como é esse signal?

— Eu não sei explicar, mas amanhã trago cá o

pequeno, para tu veres, e para me dizeres se aquilo é coisa que possa vir a incomodal-o.

— Um signal no pé esquerdo... E' curioso...

— E' curioso o quê?

— E' curioso, porque eu tambem tenho no pé esquerdo, não um signal, mas uma deformidade, de que nunca fiz caso, porque nunca me incomodou.

— Deixa vêr...

Descalçou a bota, tirou a meia e os olhos pasmados da Ritinha cairam sobre uma delgada membrana que lhe ligava o dedo grande ao imediato — exactamente como tinha o seu filho!

Passadas algumas semanas os jornaes davam a noticia de que tinham casado o dr. F. e a D. Rita Pereira, ocultando delicadamente que na mesma ocasião do registo do casamento tinham registado um filho.

Quem chibos vende...

Era um modesto empregado de escritorio, que para mais lhe não chegavam as habilitações. O pai dava-lhe cama e mesa, dispensando-o de contribuir para as despesas da casa, e ainda por cima, em dias de festa, o presenteava com alguns centavos, umas vezes mais, outras vezes menos, conforme os negocios lhe corriam.

Não fazia a menor ideia do que fosse sustentar uma familia, e como o patrão, em maré de generosidade, prometesse aumentar-lhe o ordenado, resolveu casar, fiado nessa promessa. Com o que ele ganhava e com o que a mulher trouxesse, tinha por seguro que viveria sem privações, ajudado pelo pai que não deixaria de ser generoso para com ele, agora que mais bem cabida seria a sua generosidade. Casaria, mesmo que tivesse de contar só com os seus recursos, os modestos recursos dum empregado de escritorio sem habilitações para uma situação de maior categoria e mais farto rendimento.

Tentou o pai dissuadi-lo dessa asneira, fazendo-lhe ver que os seus ganhos, mesmo que fosse aumentado, mal dariam para a renda da casa, e que o dote da mulher, segundo informações que colhera, era um conto da Carochinha, representado por titulos sem cotação na Bolsa.

— Deus é grande e o mundo é largo; quando não puder viver aqui, vou para a Africa ou para o Brasil.

— Para o Brasil pagava-te eu a viagem; para a Africa receio muito que t'a pague o Governo.

Casou, e como o pai, embora desgostoso e aborrecido, lhe poz a casa, encontrava-se rasoavelmente instalado, sem luxo, mas com o desejavel conforto, nada lhe faltando do que era necessário, com alguns desses pequenos nadas que alegram a vista, dando uma impressão de Arte barata, mas delicada, agradavel, embora futil.

A mulher, orfã de pai e mãe, fôra creada, desde pequena, em casa da madrinha, que a não habilitára para dona de casa pobre nem para creada de casa rica. Era uma criaturinha banal, com ambições de luxo, sabendo alguma coisa de bordados, alguma coisa de musica, mas incapaz de fazer a mais simples das peças da sua *toilette*, remendar umas ceroulas, passar a ferro uma camisa. De cosinha... sabia fazer ovos quentes, para gemadas, e tinha uma vaga ideia de ouvir dizer que não se devem assar

sardinhas sem lhes tirar as tripas. Era uma adoravel boneca, um *bibelot* em que apetece tocar, um fruto sasonado que apetece meter na boca, um vinho delicioso que apetece beber aos sorvinhos.

Houve necessidade de tomarem uma criada com algumas artes de cosinheira, sobrecarregando o seu exiguo orçamento com uma verba pesada, que muito contribuia para o seu desequilibrio.

Logo no segundo mez reconheceu que o pai tinha rasão quando o aconselhava a não casar; mas a asneira estava feita, e o que era preciso, agora, dada a impossibilidade de aumentar as suas receitas, era um franco entendimento com a mulher para se diminuirem as despesas, entrando se num regime de severa economia.

— Antes que cases vê o que fazes, diz o dictado, e tu devias ter visto que os teus ganhos não chegavam para ter casa, hoje só casa e mulher, mais tarde, naturalmente, casa, mulher e filhos.

— Diziam que a tua madrinha te dotaria, e como ela é rica, sempre calculei que te dotasse com alguma coisa que se visse.

— Diziam, mas eu nunca t'o disse, e se m'o tivesses perguntado, como era natural, ter-te-ia dito que não contasses com isso. Olha quem, uma unhas de fome...

— Eu sei a quem ela disse, por mais duma vez, que te daria um bom dote, se tu casasses a seu gosto.

— E' possivel; mas se o disse foi para que constasse, a ver se eu lhe desamparava a loja sem ter que me pôr na rua.

— Seja como fôr, a verdade é que não posso com as despesas da casa, e ainda não comprámos um trapo, para ti ou para mim. O meu ordenado, e só com ele posso contar, some-se todo na cosinha. Já não espero que meu pai nos ajude, e milagre foi que nos puzesse a casa, contrariado como ficou com o nosso casamento.

— Pois sim; algum remedio se ha-de dar a esta situação dificil.

Já no mês seguinte o Orçamento teve um *superavit*, que ela explicou pelo facto de ir ás compras e nada comprar fiado na mercearia. O passadio fôra como nos meses anteriores, se é que não fôra melhor, áparte o vinho, que ela abolira, porque a criada, só á sua parte, bebia um litro.

— Isto de criadas são todas a mesma coisa — umas ladras. Só com o que roubam nas compras, fazem tanto como o ordenado. Algumas não se importam ganhar pouco, contanto que vão á Praça. Carregam sempre no preço das coisas, e para os patrões, o que não presta custa o mesmo que os generos de primeira qualidade.

— O pior é o incomodo que tu tens, e isso tambem vale dinheiro ..

— O incomodo não é grande, e será por pouco tempo. As criadas, em vendo que os patrões vão de

quando em quando á Praça e andam ao facto do preço de tudo, não roubam com tanto descaramento.

— Com respeito á mercearia é que ha-de ser dificil pagar tudo de pronto, emquanto não puzermos a vida a direito...

— Estás enganado. O que é preciso é não comprar senão aquilo que se pode comprar com dinheiro á vista. E' preferivel pedir dinheiro a juros, pondo alguma coisa no prego, a fazer conta nas mercearias. Quem fica a dever, além de comprar tudo mais caro, impingem-lhe sempre o que os outros não querem. Calculam que muitos dos que fazem conta nunca virão a pagar, e então carregam-lhe nos preços, a ver se uns dão para os outros.

— Ha muitos homens que vão á Praça e fazem as compras tão bem ou melhor que muitas donas de casa. Eu não tenho geito para escolher ou para ajustar. Se os vendedores fossem pessoas sérias, incapazes de impingir gato por lebre, e se os preços estivessem marcados em tudo, como em certas lojas, eu podia ir á Praça, não digo todos os dias, mas umas vezes por outras, para te poupar essa massada.

— Descança, que isto não me massa. Antes pelo contrário, até me distrai. Encontro lá muita gente que vai só para ver o espectaculo, que, na verdade, não deixa de ser interessante. Se Deus quizer, para o mez que vem já não precisarei ir á Praça. A moça que ahi temos agora é geitosa, e quer-me parecer que não é mulher para meter a unha até fazer sangue. Isto vai mudar muito, tu verás.

Começou ele a andar satisfeito e a mulher radiante, os dois felizes porque havia abundancia no seu lar — era como se tivesse aumentado muito o seu ordenado, ou tivesse barateado muitissimo a vida.

— Está bem; mas eu preciso dum fato, tu precisas um chapeu, e para isto não chegam as nossas economias.

Dias passados, muito poucos, apresenta-lhe ela, em notas de cem escudos, mais do que o bastante para as despesas imediatas que se lhes impunham.

E explicou:

— Fui hoje visitar a minha madrinha. A corda quebra sempre pelo mais fraco, e visto ela não vir á nossa casa, fui eu á sua. Gostou muito de me vêr, e preguntou-me se era feliz. Disse-lhe que sim, que sou muito feliz. Percebi que ela tinha qualquer prevenção a teu respeito, e puz-me a fazer-te um elogio tão rasgado, que a paginas tantas vi que estava caindo em exagero. Quiz saber como nos arranjamos com as despesas da casa, e na despedida, beijando-me muito, entregou-me isto.

— Vamos lá; não era de esperar tanto duma pessoa tão sovina.

— Pois é verdade. E disse-me que em me vendo em apuros, me lembrasse dela, porque sempre algum bem nos faria.

Foram amiudando as visitas á madrinha, e cada

uma dessas visitas era a cobrança de uma quota, variavel, mas crescente. Entrou a madrinha a visitá-los tambem, mas por acaso nunca ele estava em casa quando ela lá ia. E a coincidencia era-lhe sobremodo agradavel, porque apezar das suas generosidades, gostava tanto dela como de sal de azedas.

Umas vezes por outras a madrinha obrigava-a a ficar — jantas hoje comigo... — e isso, longe de o contrariar, dava-lhe satisfação. Em primeiro lugar a quota era maior nesses dias, e depois, a comer sósinho, depressa engulia o bocado, e ála que se faz tarde para o regabofe dos *clubs*.

Mercê de Deus, agora chegava-lhe o dinheiro para tudo, tornando-se já reparado o luxo em que a mulher andava, e excedia de muito, excedia de muitissimo a exiguidade dos seus vencimentos.

Perguntava-se maliciosamente:

— F. terá sociedade na casa?

A verdade é que ele não fugia a despezas, sempre bem trajado, luvas caras, gravatas do mais alto preço, um grande cachucho no dedo minimo da mão esquerda, que lhe devia ter custado algumas centenas de escudos. Frequentemente tomava um taximetro ou automovel para não chegar tarde ao escritorio, e quando se demorava a conversar, em qualquer parte, depois de fechar o escritorio, para não retardar a hora do jantar, era de trem ou de automovel que ia para casa. Tornara-se freguez assiduo dos animatografos, não lhe escapando a estreia de um só *film*,

sobretudo dos filmes que chegavam a Lisboa precedidos de grande fama.

Apeteceu á mulher um casaco de peles; mas para tanto não chegavam as *generosidades* da madrinha. Esse luxo não lhe custaria menos de três contos, pouco menos de metade do que ele ganhava em todo o ano, a não ser que se contentasse com umas peles ordinarias, cossadas antes do fim da Estação.

— Porque não falas nisso á tua madrinha?

— Deus me livre! Ela já acha que eu tenho luxo demasiado para as nossas posses, aconselhando-me sempre a que economise, porque ninguem sabe o tempo que lhe hade vir.

— Não sei que voltas lhe heide dar, filha, porque três contos é muito dinheiro, e o que se possa reduzir nos meus gastos não dará coisa parecida com isso.

— E se jogassemos na loteria? Diz-se que a sorte grande é uma coisa que sai aos outros; mas a verdade é que ela a alguem hade sair. Valeu? ..

— Um bilhete para o sorte grande custa muito dinheiro; o melhor será comprar umas cautelitas, e se elas forem premiadas, jogamos então mais forte. E' como o outro que diz — com o mesmo sangue se fazem os chouriços.

— Pois sim; compra lá o que te parecer.

— Compra tu, que eu, em todos os jogos, sou um tumba.

Andou a roda, e quando ele entrou em casa, para

jantar, desenvolta como um colegial em férias, abraçando-o e beijando-o em transportes de alegria, mostra-lhe um masso de notas — quatro contos e quinhentos — e declinou o numero que comprara, e em que lhe saíra toda aquela dinheirama.

— Três contos são para as minhas peles...

— Um conto já chega para comprar as coisas que nos são mais precisas.

— Os quinhentos que sobram, são para nos habilitarmos em todos os jogos, a vêr se alguma vez apanhamos a taluda.

— Isso é que hade ser mais dificil.

— O' filho! E' tão dificil apanhar a sorte grande como apanhar o mesmo dinheiro. O trabalho é o mesmo, e a habilidade, num caso e noutro, é nenhuma. A questão é a gente habilitar-se, e com estes quinhentos escudos, se tivermos um bocadinho de sorte, quando chegar o Natal, já temos arranjado a massa precisa para nos habilitarmos a ser ricos, muito ricos...

A partir de então, nunca mais ela deixou de jogar na loteria da Santa Casa, favorecida de tal modo pela sorte, que era raro o jogo em que não lhe saissem algumas centenas de escudos.

Era sempre ela que ia receber ao cambista, como era sempre ela que comprava as cautelas, vigesimos ou bilhetes, segundo os seus palpites.

O que êle não dispensava era a participação directa nos lucros, uma percentagem que ia algumas vezes até aos cincoenta por cento, quando o premio não era chorudo.

Já tinham na Caixa Economica alguns contitos, e tanto ela se afizera á ideia de ganhar sempre, em todos os jogos, que já considerava a loteria como uma propriedade que trazia arrendada, pagando-lhe a renda em fracções, todos os mezes.

Mudaram de casa, melhorando consideravelmente; meteram mais uma criada, e como a sua dama sabia alguma coisa de musica, o trivial, compraram um piano. Ele preferia um gramofone; mas ela disse que isso era pires, e as circunstancias em que se encontravam, felizmente, permitiam o luxo dum bom piano, que se poderia tirar, fazendo o pagamento integral, no acto da compra, por seis ou oito contos.

Desaparecera de scena a madrinha, de cujas fantasiosas generosidades já não tinha necessidade, porque a loteria justificava plenamente a proveniencia dos seus recursos monetarios, umas poucas de vezes superiores ao ordenado do marido.

— O que dirá a tua madrinha quando souber que vivemos numa casa melhor que a dela, mobilada como nunca foi a sua?

— A mim não me dirá nada, porque nunca mais a visito.

— Zangaram se?

— Não nos zangámos, porque ouvia tudo quanto ela queria dizer-me, e fazia-me desentendida. Ultimamente estava insuportavel, a querer saber, o que temos e o que não temos; se o teu pai nos ajuda, se fazemos conta na mercearia, se pedimos dinheiro

emprestado. A ultima vez que lá estive, teve o descôco de me dizer que os nossos rendimentos não podem chegar para as nossas despezas, e que a continuarmos assim, acabamos por fazer dividas que nunca poderemos pagar.

— E tu não a mandaste?...

— Eu não a mandei a parte nenhuma. Lembrei-me do que ela nos tem feito, e deixei-a rabujar á vontade.

— Fôsse comigo que eu lhe cantaria! Naturalmente todo esse sermão foi manha para nunca mais te dar um centavo.

— Creio que sim; mas isso pouco me importava, se ela não se tivesse permitido insinuar que a nossa relativa prosperidade não pode ter uma origem honesta.

— O quê? Ela teve esse atrevimento?

— Quando me despedi, os olhos cheios de lagrimas, quasi sem poder falar, beijando-me como de costume, dissesme que tivesse muita cautela, porque as aparencias me comprometem e que não esquecesse nunca que ha um ditado que resa assim: — quem chibos vende, e cabras não tem, dalgures lhe vem.

— Que grande desavergonhada!

Todos se admiravam que um modesto empregado de escritorio podesse viver como ele vivia, podesse gastar como êle gastava, a mulher vestindo como a primeira, e êle frequentando assiduamente os *clubs*,

onde geralmente ceava em boa companhia, bebendo vinhos e fumando charutos caros. Só lhe faltava o luxo duma mulher por conta, uma amante *titrée*, para ficar consagrado como um *clubman* dinheiroso, a que dificilmente resistiriam as madamas que se alugam ou se vendem.

Tambem não jogava.

— Como diabo é que o F., só com o ordenado pode viver á grande, como vive, gastando sem conta nem medida?

— Só com o ordenado, não; com o ordenado e os dividendos.

— Os dividendos?...

— Sim; as acções da mulher dão lhe um bom rendimento, porque estão muito cotadae na Bolsa... alheia.

O pai, depois de ter com êle uma explicação violenta, que por bem pouco não chega a vias de facto, na duvida sobre se êle era mais parvo do que cinico, ou mais cinico do que parvo, disse-lhe que preferia chorar a sua morte a presencear a sua degradação, e que prevenisse a porca da mulher de que a poria no ôlho da rua, a pontapés, se ela tivesse o descaramento de lhe cruzar os portais da casa.

— Fica dispensado de me cumprimentar onde quer que nos encontremos. Somos duas pessoas que se não conhecem, e uma d'elas não quere relações com a outra.

*

Empregado habil, na esphera, muito restricta da sua competencia, um amigo que precisava ir ao Brasil liquidar uma causa comercial, convidou-o a acompanhal-o, garantindo-lhe bons honorarios.

Aceitou.

Havia muito que pensava em deixar o escritorio, e essa viagem dava-lhe o pretexto, que ainda não encontrára para o fazer, sem erguer reparos, sobretudo sem dar ensejo a que o patrão lhe pedisse explicações, em conversa amigavel, que seriam embaraçosas, e teriam sempre o ar do que se chama — *desculpas de mau pagador.*

Ainda pensou em escrever ao sr. Bastos, comunicando-lhe a sua resolução; mas logo viu que procedendo assim era demasiadamente incorrecto para com uma pessoa, que o tratara sempre com as maiores deferencias, e que além d'isso nunca se esquecia de o gratificar quando ele tinha um pouco mais de trabalho, embora não fizesse horas extraordinarias.

Encheu-se de coragem, e um dia, quando já todos os empregados tinham saido, disse ao sr. Bastos que tratasse de o substituir, porquanto ia ao Brasil fazer uma liquidação comercial, e tencionava, no regresso, estabelecer-se por sua conta, montando uma agencia de consignações.

— Quando parte ?

— No fim do mez.

— Oxalá seja feliz, e nunca tenha ocasião de se arrepender.

Agradeceu, protestando o seu reconhecimento, e saiu do escriptorio aliviado d'um grande pêso — aquele enorme pêso que esmagava o Raposão quando copiava oficios, com o inevitavel — Deus Guarde.

Já eram publicas e notorias as leviandades da esposa, ninguem acreditando nas generosidades da madrinha, não acreditando ninguem na *chance* das loterias e todos acreditando... que ele não acreditava em semelhantes invencionices.

Já ele ia pelos mares fóra, com poucos dias de viagem, quando o acaso, uma tarde, a poz em frente do homem que, havia muito, a perseguia por toda a parte, tendo-lhe escripto já umas poucas de cartas, que lhe mandava entregar por um galego, quando sabia que o marido não estava.

Teve logar o encontro no Jardim Zoologico.

Logo ela viu que tinha a tratar com um Lovelace muito rico, incapaz de seduzir pelo encanto da sua conversa, pela delicadeza do seu trato, pela elegancia das suas maneiras. Esse homem desejava-a com furia, e não hesitaria, para a possuir, em alargar os cordões á bolsa, pagando o seu amor, isto é, a sua posse, a pêso de dinheiro.

Entrincheirada nos seus deveres de mulher casada, sem fortuna propria, fez-lhe perceber que não arriscaria levianamente a sua posição nem comprometeria o seu futuro para lhe proporcionar um gôso ephe-

mero, talvez apenas a satisfação d'uma vaidade, d'um capricho, o vulgar capricho de inscrever mais um nome, ainda que obscuro, no ról das suas conquistas amorosas.

— Não sou e nunca fui ambiciosa ; mas não quero arriscar-me a andar por ahi, ao desamparo, se meu marido, informado do meu procedimento, me puzer na rua.

— Isso, trocado em miudos...

— Isto, trocado em miudos, quer dizer que não darei um passo que me comprometa, sem me prevenir contra a peor das hypotheses.

— E a peor das hypotheses ?...

— A peor das hypotheses, como já disse, é o meu marido expulsar-me de casa, e como não tenho fortuna, seria uma desgraçada como tantas outras, vendendo o amor a retalho emquanto não perdesse a frescura da mocidade. Não, meu caro. Se pensar bem, hade ver que tenho razão, e convencido da inutilidade da sua insistencia para vencer os meus firmes propositos, seremos um para o outro duas creaturas que se encontraram no caminho da vida, seguindo em direções opostas.

No dia em que a praça se rendeu, ao cabo d'um longo cêrco, desculpando-se de não ter geito para escolher prendas, entregou-lhe um *cheque* de trinta contos. Esse dinheiro pôl-o ela n'um Banco, disposta a não lhe tocar na ausencia do marido. Não lhe seria dificil explicar a sua proveniencia, se ele lhe pe-

disse explicações a esse respeito; mas estava certa de que não lh'as pediria, já habituado aos premios da loteria, nunca tendo posto a vista n'um bilhete, cautela ou vigessimo antes de andar a roda — nem antes nem depois, porque esse pequeno detalhe em nada o interessava.

A cada passo comprava joias, as mais lindas e as caras, que via expostas nas montras. Um financeiro das suas intimas relações aconselhára-a a desfazer-se da papelada que tinha nos Bancos, e ela, tomando o conselho, tratou de comprar joias, muitas joias, objectos de prata para o uso domestico e uma bôa porção de libras que mandou pôr em Londres, á sua ordem.

No dia em que fez anos, o amante ofereceu-lhe a escriptura d'um terreno que tinha comprado, em nome d'ela, na linha de Cascaes, e juntamente com a escriptura um cheque de cem contos, acompanhado de muitos abraços e beijos, com a promessa d'um amor eterno! Estava rica, e porque só uma parte minima da sua fortuna era representada por escudos, encarava o futuro sem mêdo, não se importando nada com a desvalorização da moeda.

Um dia o amante appareceu-lhe em casa sem ser esperado, ainda ela estava na cama, a crear disposição para um somno complementar.

— Preciso de ir a Paris, e gostava que fosses comigo.

— Tu não estás bom da cabeça! O escandalo se-

ria tão grande, que daria brado em toda a cidade, e Deus sabe se não chegaria ao Brazil, obrigando o meu marido a apressar o seu regresso. Nem pensar n'isso é bom, meu caro.

— Vamos devagar... Vamos devagar... No fim do mez parte uma peregrinação para Lourdes, que seguirá d'ali para Roma, sendo-lhe facultada uma larga excursão pela Italia. Tu vaes na peregrinação até Lourdes, e d'ahi, em vez de seguires para Roma, segues para Paris, onde nos encontramos. Os jornaes dão sempre a lista dos peregrinos, e n'essa lista figurará o teu nome.

— E por quanto tempo contas demorar-te em Paris?

— O tempo que tu quizeres, além de quinze dias.

— Pois sim, vamos.

Teve necessidade de fazer toaletes de viagem, que ele pagou, e como fosse arriscado levar as suas joias ricas, comprou joias falsas, de grande valor artistico, e que ele tambem pagou.

Impressionou-a mediocremente Lourdes, áparte o pictoresco da região, inteligentemente aproveitado para estabelecer ali uma agencia de milagres, espantosamente rendosa. A piscina fez-lhe repugnancia, e tendo assistido a meter n'ela aleijados e chagosos, nunca viu que algum saisse curado, que mais não fosse um bocadinho mais são e escorreito. Parecia-lhe aquilo uma especie de loja do Grandela, só fornecida de objectos bentos, caros como se fossem autenticas reliquias.

Muitos dos peregrinos que por ali andavam, aos milhares, gente de varias Nações, eram com certeza pessoas crentes e devotas, acreditando nas curas milagrosas que certa imprensa apregôa e que certos medicos autenticam. Mas a grande maioria era de *touristes* como ela, indiferentes em materia religiosa, gente que não acharia um pretexto rasoavel para sair de casa, passando a fronteira, se Lourdes não existisse.

Sim, a famosa procissão das velas era um espectaculo imponente — milhares de luzes batendo a escuridão mais ou menos carregada da noite, milhares de vozes, em orpheon mal ensaiado, entoando preces e orações, no tom plangente das lamurias monasticas n'um convento sombrio. A procissão era um espectaculo na verdade imponente, não podendo ver-se com interesse mais d'uma vez, porque a repetição, já satisfeita a curiosidade, faz com que a sensibilidade não impeça a analyse e a critica.

Ao terceiro dis estava farta de Lourdes.

Achou graça vêr ali judeus fazendo o seu comercio, e precisamente na loja do que achou com ares de ser o mais directamente descendente dos malvados que cuspiram na face do Redemptor, comprou algumas lembranças, entre elas um dedal, que pertencera a Santa Brigida, e um cachimbo, que pertencera a Zebedeu, irmão de Thiago, ambos pescadores.

No dia em que os outros peregrinos, os que com ela tinham ido de Lisboa, marcharam para Roma, marchou ela para Paris.

Esperava-a o amante no *Quay d'Orsay*, onde desembarcou perto da meia noite, indo d'ali para o Hotel, o melhor Hotel de Paris.

Que maravilha! Que deslumbramento!

Tinha a impressão de que Paris era um imenso theatro d'Opera, a realisação d'um conto de fadas, Palacio encantado feito á imitação do Paraizo, mansão de goso eterno, d'eterna felicidade. O que tinha figurado, ficava muito abaixo do que via, e ainda mal vislumbrara a beleza, o sortilegio da vasta cidade que o Sena corta, rio sem largura e sem profundidade, riscado transversalmente de pontes que são, na maior parte, verdadeiras obras d'Arte. O bulicio da rua, nos grandes boulevards, o luxo dos grandes theatros em noites de espectaculo; a desenvoltura canalha dos *cabarets;* as tardes do *Bois*, tudo isto lhe exaltava os sentidos, hyperstisiando-lhe a sensibilidade, rasgando perante os seus olhos pasmados horisontes de gôso, de prazer inedito. Sem nenhuma especie de educação artistica, os Muzeus interessavam-na mediocramente, e ainda menos interessavam o amante, mais bronco do que ela.

— Olha que é uma bôa chumbada, o tal Louvre! A maior parte da gente que lá vai, não é para vêr, é para contar.

Prendia-se ás montras, n'uma admiração embasbacada, a sentir desejos de posse, em que havia ao mesmo tempo dôr e voluptuosidade. Todas as ouri-

vesarias da rua do Ouro não valiam uma só da *Rue de La Paix;* todas as lojas da Baixa não valiam o Louvre ou a Galeria Lafayête.

Considerava-se rica em Lisboa, mas sentia-se pobre em Paris, e reconhecia que ser pobre n'uma terra tão prodigiosamente rica, tão cheia de tentações, de virtudes tão dificeis e de vicios tão caros, é qualquer coisa de torturante como o suplicio de Tantalo, o incomportavel martyrio de sempre desejar e nunca possuir, a tragica sorte do que morrer á sêde quasi a molhar os labios n'uma corrente d'água fresca e pura.

— Gostavas de viver em Paris ?

— Não. Gostava de vir aqui todos os anos, retirando para Lisboa sem grande demora... a aguçar o apetite de voltar.

As noticias que lhe chegavam de Lisboa eram pouco tranquilisadoras, não porque a interessasse a politica, mas porque os boatos eram insistentes sobre projectados assaltos a estabelecimentos e casas particulares. O seu dinheiro estava todo nos Bancos, e os objectos d'ouro e prata, os de maior valia, tivera o cuidado de os depositar no Monte Pio Geral, n'um cofre que alugara. Mas nem por isso deixava de encarar, a tremer, a hypothese de lhe assaltarem a casa, menos pelo que representasse o roubo de que fosse victima, que pela vandalisação a que se entregassem os mizeraveis assaltantes, gente que se compraz em

fazer mal, ainda que d'ahi lhe não resulte o menor beneficio.

Communicou as suas apreensões ao amante, e logo no dia seguinte se puzeram a arranjar as malas, indo ele assegurar-se da passagem para o domingo imediato.

Fizeram o regresso por Madrid, onde se demoraram apenas quarenta e oito horas, tempo bastante para ela ver... que não valia a pena ter ali ido.

— Talvez achasse isto bonito se tivessemos passado por aqui, a caminho de Paris.

— Sevilha é mais bonita. Havemos de lá ir por ocasião da Semana Santa, se o teu marido estiver pelos ajustes.

Durara um longo mez a viagem, durante a qual ela pudera estudar bêm o seu amante, homem capaz de gastar muito dinheiro com uma mulher, gastando sem contar, prendendo-a ou procurando prendel-a a si por uma corrente d'ouro, mas incapaz de a prender por uma corrente de simpatia.

Devia-lhe muito, quasi toda a sua fortuna, mas não lhe era grata, porque ele comprara a sua posse, nem lhe era afecta, porque entre o seu feitio e o dele, entre a delicadeza que ela punha em todos os seus actos e a brutalidade que ele mal disfarçava na maior parte das suas acções, seria exagero dizer que havia um abismo, mas havia espaço bastante largo que os teria sempre separados — mesmo que estivessem juntos.

Era-lhe de cada vez menos agradavel a sua presença, e sentia proximo o momento em que não poderia suportar a sua brutalidade, as suas caricias, que eram explosões da sua bestial sensibilidade, os seus beijos, em que não havia o perfume duma volupia requintadamente delicada. De resto começava a tardar-lhe a fala, como dizem os Lojistas, dos freguezes que pagam tarde e a más horas.

Foi nestas alturas que recebeu carta do marido anunciando-lhe que antes de mez e meio, dois mezes, não podia regressar, porque a liquidação era um negocio muito complicado, e a burocracia, no Brazil, não sabe trabalhar depressa. Quasi ao mesmo tempo comunicava-lhe o amante que dentro dum mez iria para a Africa, com demora de dois ou tres anos.

— Negocios ?

— Não; vou administrar uma roça em S. Thomé! Joguei forte na Bolsa, comprando fundos que toda a gente me dizia que teriam uma grande subida, e que afinal desceram até não valerem nada. O que ainda me resta, chegaria para qualquer outro viver independente, querendo viver modestamente, a dentro dum orçamento equilibrado. Mas essa vida eu não a posso fazer, não a quero fazer, e só em Africa poderei calafetar o meu barco, que faz agua por todos os lados.

— Oxalá sejas feliz...

— Só posso ser feliz regressando d'Africa rico, ou deixando lá o canastro.

— E's forte, e ainda és novo. Se tiveres juizo fa-

cilmente te livras das febres, que são a peste d'Africa.

— Gostava de passar contigo, fóra de Lisboa, no Bom Jesus ou no Bussaco, uns tres ou quatro dias, toda a semana anterior ao embarque, se quizesses dar-me êsse prazer. A Africa é traiçoeira, e eu receio muito que me arrefeça o céu da boca naquela fornalha sempre acesa.

— E' impossivel, meu caro. Já foi uma leviandade a viagem a Paris, embora disfarçada na peregrinação, que só iludiu os papalvos. Já escrevi a meu marido, dizendo-lhe que fui a Lourdes, aproveitando a companhia de pessoas amigas e uma redução de preços, nos comboios, de mais de cincoenta por cento. Tenho muitos inimigos, uns por despeito, outros por inveja, e presinto que eles vão explorar esta viagem, junto de meu marido, para me tornarem a vida num inferno. Não, meu caro, é impossivel o que me pedes.

Negou-se a recebel-o na vespera do embarque, e rasgou, sem o ler, um bilhete que ele lhe deixou, insultando-a como faria o mais desbragado fadista, á mais despresivel galderia.

Chegou o Lopes a Lisboa, bom de saude, remediado de dinheiro, porque o amigo lhe pagara generosamente os serviços que lhe prestara. Por isso, e porque o cambio era favoravel, o Lopes regressou a Lisboa, não propriamente rico, mas sofrivelmente remediado.

Logo a mulher o poz ao corrente dos negocios que

fizera, e da situação que creara. Arriscou-se, jogando na Bolsa, mas jogou sempre com tanta sorte, que nem uma só vez perdeu. Bem entendido, não jogava á tôa ou por palpite; jogava por indicação de pessoas de negocios, banqueiros e correctores que adivinham as altas e as baixas como o borda d'agua adivinha as chuvas e o bom tempo. Fartara-se de ganhar dinheiro, que foi depositando á ordem, com pequeno juro, quasi sem juro, por dizerem que a praso era arriscado, no caso de haver uma corrida aos Bancos.

Tinha a casa cheia como um ovo, não de bugigangas sem prestimo, mas de objectos que sempre teem valor, uns porque são uteis, como objectos d'uso comum, outros por merecimento artistico.

Comprára um terreno na linha de Cascaes...

— Isso é que me parece que foi asneira.

— Seria; mas a compra foi muito bôa, na opinião de toda a gente que conhecia o terreno, e nós amanhã, se o quizermos vender, não precisamos senão abrir a boca para recebermos tres ou quatro vezes o que ele nos custou. Ainda não estava a escritura feita, já um lavrador do Alemtejo me mandava oferecer o dôbro do que eu dera por ele. E aquilo era negocio feito, dinheiro na mão. O homem estava a banhos na Parêde, e desejava comprar o terreno antes de acabar a temporada, para começar as obras duma casa ou *chalet* antes de retirar para a Provincia. Estou que o homem, a não ser que já esteja governado, se lhe mandassemos dizer que nos resolvemos a vender o terreno, mesmo pedindo mais alguma coisa, vinha logo

ahi a correr. Considera bem o caso, porque negocios destes não se devem fazer no ar.

— Eu não digo que o negocio foi ruim; acho até que foi um bom negocio, O terreno, ali, para aqueles sitios, ha-de valer cada vez mais. O que eu digo é que preferia uma casa em Lisboa a um *chalet* na linha de Cascaes.

Dinheiro tinham que chegava e sobejava para *chalet* e casa. Viveriam na sua casa de Lisboa durante o inverno e a primavera, e iriam viver no *chalet* o resto do ano, se o não quizessem alugar.

Ponderaram se deviam mandar fazer casa ou compral-a feita, e determinaram-se pela compra. Era mais prompto, e talvez fosse mais barato. Compraram a casa, e trataram de a apetrechar para reuniões aparatosas.

O demonio é que não tinham relações na alta sociedade, e não seria facil adquiril-as, visto ele não ser pessoa em destaque na politica ou no comercio, na industria, na finança, nas letras ou na Arte.

— Outros, com menos unhas, têem trêpado.

Relacionou-se com alguns *reporters*, e logo os jornaes começaram a falar dele e de sua ex.ma esposa, umas vezes noticiando esmolas que dera aos pobres da sua freguezia, outras vezes encarecendo o valor artistico de variadissimos objectos que tinham em sua casa, uns adquiridos aqui, outros mandados vir do estrangeiro.

Um pintor de grande nomeada fez o retrato dela em tamanho natural, e porque esse retrato fosse um momento feliz na sua vida de borra-telas, a madama não só logrou tornar-se conhecida de toda a gente, milhares de pessoas, que visitaram a Exposição em que o retrato foi exposto, mas conseguiu que d'ela se ocupassem, durante semanas, não só os criticos de Arte, mas todos os literatelhos, mais ou menos autores de romances e novelas, que nos cafés, e outros centros de Sociedade remediada, procuram demolir idolos ou erguer altares.

Fez-se socio de Sociedade de Geographia, entrou para o conselho fiscal dum Banoo e por um tris não conseguiu que o Papa o fizesse conde, tendo oferecido para o mealheiro de S. Pedro, ao cambio do dia, uns milhares de liras, o equivalente de doze contos.

A pretexto de fazer obras na casa, instalou-se no Avenida Palace, ocupando uma *suite*, que era a melhor do Hotel.

Os creados para nenhum outro hospede tinham atenções e deferencias como para com ele, sempre a dar-lhes gorgetas, umas vezes porque o ajudavam a vestir o sobretudo, outras vezes porque lhe levavam a correspondencia ou o jornal.

Relacionou-se com os politicos, gente de todos os partidos, e tendo-se afirmado, publicamente, monarquico dos quatro costados, um amigo conseguiu arranjar-lhe a comenda da Conceição, nada lhe pedindo senão que trabalhasse por ele nas proximas eleições.

S. M. a Rainha tomou a iniciativa de organisar comissões de assistencia infantil em todas as freguezias da cidade, comissões de senhoras, sendo essas comissões presididas pelo parocho respectivo. Logo ele foi ter com o prior, encomendando-lhe uma batelada de missas caras, aproveitando o ensejo para lhe dizer que sua mulher gostaria de entrar na comissão que viesse a organisar se na freguezia, estando êle disposto a contribuir para a assistencia infantil com uma avultada quantia.

A farejar nova encomenda de missas, o padre não se contentou com meter-lhe a mulher na comissão, mas faz com que ela, sem discripancia dum voto, fosse eleita presidente.

Ambições de dinheiro já não tinha, porque se via rico, e perdera de todo a esperança de ter filhos. Mas foram-lhe crescendo as ambições de representação e honrarias, afinando a mulher pelo mesmo diapasão.

Porque não havia de ser deputado ?

Tantos outros o eram, ignorantes como êle, empregado modesto de escriptorio, até ao dia em que desatou a vender chibos, ignorando toda a gente em que pastagem ele trazia as cabras, a não ser a que tinha em casa, recebida á face da santa madre igreja.

Foi apresentada a sua candidatura por um circulo seguro, de tal modo seguro que o Governo fez ahi, em seu favor, a classica manobra do desdobramento.

Ficou eleito.

Reuniu em sua casa, para celebrar o sucesso, politicos do mais elevado coturno, só deixando de assis-

tir o presidente do ministerio, o chefe do governo, por se encontrar com um ataque de almorreimas, que o obrigava a semicupios de alfavaca de cobra de quarto em quarto d'hora.

No outro dia os jornais de maior circulação davam o relato da festa como se fosse um acontecimento nacional, encarecendo a captivante gentilesa dos ilustres donos da casa, fidalgos de raiz··· quadrada, e elevando ao cubo a magnificencia do serviço. Fôra, na realidade, uma festa de estrondo, uma d'aquelas festas que marcam nas ephemerides da mais elevada aristocracia.

E citavam-se ditos picantes, maliciosos comentarios sobre o rapido afidalgamento, a elevação quas vertiginosa d'aquele modestissimo empregado de escriptorio, só abordoado ás prendas quasi banaes da mulher, sem os talentos e a beleza que escravisaram Pericles á famosa Aspasia; sem a inteligencia ambiciosa e o gosto refinadamente artistico da Pompadour, amante *volage* de Luiz XV, sem o *charme* perturbante e a superioridade intelectual, dominadora, de L'Espinasse, amante do ilustre d'Alembert, ao tempo em que ele, geometra derreado, já nem era capaz de baixar uma perpendicular ao meio d'uma horisontal, ele que se impuzera á Academia de Berlim pela transcendencia dos seus trabalhos nos dominios das sciencias mathematicas!

Quando se partiu de muito baixo, por muito alto que se trepe, subsiste sempre qualquer coisa que denuncia as primordiais qualidades do adventicio.

Os lisongeiros encareciam a rara distinção de s. ex.ª, de maneiras tão distintas, d'uma delicadeza tão natural, tão sem artificio, que dir-se-hia ter nascido em ninho aristocratico, creando-se e educando-se na melhor sociedade.

A respeito d'ele, os farçolas que o disfructavam, diziam em voz alta, para que constasse — *é um club-man*, corrigindo os invejosos que lhe conheciam a biografia — um *clubman* é favor, um *cornman*, como diria o Beyron, se conhecesse melhor a nossa lingua.

Certo é que a festa do Lopes, s. ex.ª o sr. Ignacio Victorino da Encarnação Lopes, fôra um deslumbramento, sendo a opinião geral que ela marcaria o inicio d'uma brilhante carreira politica, dando consistencia a esta opinião o facto do ministro do reino ter entretido com o Lopes, durante a noite, largos trechos de conversa, uma ou outra palavra mais alta deixando perceber que era de assuntos a tratar no Parlamento que s. ex.as se entretinham.

O pior da passagem foi que em *cinco de outubro* se proclamou a Republica, emigrando toda a familia real, só em Lisboa havendo lucta entre os revolucionarios e as tropas fieis ao throno, meia duzia de abencerregens que não levaram muito tempo a convencer-se de que não valia a pena sacrificar a vida por uma causa perdida.

A Provincia aceitaria de bom grado, pelo menos com tranquila resignação, o que fizera a capital?

Se assim fosse, d-sposto a fazer carreira politica

aproveitaria o primeiro ensejo para aderir á Republica. Considerava-se sem responsabilidades nos crimes, erros e faltas imputadas á Monarquia, eleito deputado, pela primeira vez, poucas semanas antes de proclamada a Republica, e até áquelle momento não tendo afirmado o seu monarquismo senão por signaes de respeito pela familia real, em festas de caridade.

Paiva Couceiro retirara para a Galliza, ameaçando a Republica, e era voz corrente que ele se preparava para vir á frente de tropas, n'uma incursão audaciosa, intimar o Governo republicano a entregar-lhe os poderes que usurpara, pouco mais tendo durado a Republica que as celebradas rosas do poeta.

O melhor seria esperar o desfecho d'essa aventura, não fosse dar-se o caso de coincidir a sua adhesão á Republica com a restauração da Monarquia.

A incursão couceirista fez-se, e foi um desastre completo.

O Lopes não hesitou mais — aproveitaria o primeiro ensejo para se declarar republicano.

Não teve que esperar muito.

Em Abril foi publicada a Lei de Separação das Igrejas e do Estado, e logo ele veio á imprensa declarar que dava a sua adhesão, fervorosa e desinteressada, ao novo regime, visto o Paiz ser republicano, e não podendo, contra a sua vontade soberana, prevalecer os interesses d'uma dynastia, que nunca se integrara na Nação.

Ao mesmo tempo que dava a sua enthusiastica adhesão á Republica, Lopes alvitrava que se oferecesse

uma corôa, á Demosthenes, ao glorioso auctor da *lei intangivel*, continuador avantajado do Marquez de Pombal a seculo e meio de distancia, e subscreveu logo com cincoenta escudos.

A partir d'esse momento, Lopes foi considerado republicano historico, e dispunha-se a apresentar a sua candidatura nas eleições para a Constituinte, quando a mulher requereu o divorcio para passar a segundas nupcias com um padre pensionista — justamente aquele reverendo a quem ele encomendara uma batelada de missas, e que em paga conseguira que a sua casta e devota esposa fosse eleita, por unanimidade, presidente da comissão de assistencia infantil na sua freguezia, o que lhe permitiu aproximar-se da alta roda, tomar contacto com a sociedade elegante, aquela sociedade que a deslumbrava, olhando-a de longe, e onde ela esperava marcar distintamente o seu lugar, se alguma vez lá entrasse, abrindo a porta com chave d'ouro.

Houve grande consternação no partido em que se filiára o Lopes, não se dispensando os seus correligionarios de maior valimento, mais elevada cathegoria, de lhe oferecerem os seus prestimos, alvitrando alguns que a sua candidatura fosse apresentada por Lisboa, consagrando a capital a sua velha fé republicana e os serviços que já prestara á nascente Republica.

Lopes mostrou-se intransigente, d'uma intransigencia absoluta. Não consentia em ser candidato, porque não queria ser deputado e pois que os amigos

e correligionarios se mostravam tão solicitos em servil-o, que lhe arranjassem uma situação lá fóra, no estrangeiro, fosse o que fosse, porque estava na disposição de passar fóra de Portugal uns anos, o tempo que fosse necessario para se consolar e esquecer.

Não queria uma Legação, como Ministro ou como Secretario; mas aceitaria de boa vontade um Consulado ou uma encarregatura de negocios, fosse onde fosse, preferindo o Oriente. Esperaria, sem impaciencia, até que o seu partido subisse ao Poder, e se então, por qualquer motivo, não fosse despachado como desejava, abandonando a politica, empreenderia uma longa viagem, no termo do qual seria, politicamente, o que Deus fosse servido.

Ao cabo de poucos mezes, estava a governar o seu partido.

Como ele mostrava grande desejo de ir para o Oriente, foi o caso versado em conselho de Ministros, assentando-se em mandal-o para Sião.

Dizia um bohemio de café, comentando o caso:

— Não podia ser mais acertada a escolha. Para qualquer parte o Lopes iria bem; mas em parte nenhuma ele estaria tanto no seu logar como na Côrte do Long-Corn — que tal era a graça de S. M.

As Galdérias

Entrou, bêbedo como de costume, e mal entrou, porque não tinha o jantar na meza, pregou-lhe uma bofefada.

Atirou-se para cima da cama, trovejando infamias, e só por milagre não esborrachou a creancita que ali dormia, enrolada n'um chale, entregue aos cuidados da Chica, emquanto a mãe, visinha e comadre, ia dar umas voltas.

Era a casa mizeravel d'uma prostituta barata, sem outra mobilia que não fosse uma cama, duas cadeiras, a arca em que guardava as roupas e uma mezita de pinho mal trabalhado em que faziam as suas refeições. Um biombo de chita dividia o casinhoto, e algumas imagens de santos, com retratos de toureiros á mistura, recortados dos jornais, decoravam as paredes, brancas de cal.

A um canto estava instalada a cosinha — dois tijolos entre os quais fazia lume quando não preferia

mandar vir a comida da taverna, em frente, se para tanto lhe chegavam os ganhos. Não que lhe faltasse a freguezia; mas o amante não a deixava coalhar um vintem, e não satisfeito de a roubar, ainda por cima a espancava.

Muitas vezes perguntava a si mesma que força irresistivel a prendia áquele homem, um brutamontes que nunca tinha para ela um sorriso, uma caricia, um gesto meigo, sequer ao menos uma bôa palavra.

— Se ele me deixasse, matava-me!...

Quando o conheceu trabalhava ele de pedreiro e ganhava belamente a sua vida, mais deligente do que habil, mas sabendo do seu oficio o bastante para lhe confiarem obras de somenos valia, que executava sem escusadas demoras. Ganhava muito bem, e como era economico, a sua casa era farta, sem luxos, está bem de vêr, mas nada lhe faltando do que é essencial ao conforto d'uma familia pobre.

Muito arranjada, a sua Margarida, que recebera por legitima esposa á face da Santa Madre Igreja, tornava-lhe o viver caseiro tranquilo e agradavel, com muito geito para fazer o comersinho, e na costura trabalhando como se isso fosse a sua profissão. De modo qua o melhor do seu tempo, quando não tinha trabalho, passava-o em casa e não se aborrecia a conversar com a mulher, lamentando-se a miudo de não saber umas letrinhas, completamente analphabeto.

— Olha que é uma triste coisa uma pessoa não ser

capaz de ler e escrever o seu nome, havendo cegos que leem e escrevem na perfeição!... Não tenho inveja de nada n'este mundo, senão das pessoas que pegam n'um jornal ou num livro, e entendem o que lá está. Se houvesse uma escola nocturna cá no sitio, ainda que fosse paga, só se o entendimento me não ajudasse é que eu não aprenderia a ler.

— Deixa lá, filho. As pessoas que não sabem ler, tambem se governam. O pobre só não pode dispensar a saude, porque em adoecendo, não pode trabalhar, e em não trabalhando não ganha.

A feria entregava-a á mulher, no sabado á noite, e no dia seguinte, pela manhã, se resolvia dar uma volta, para espairecer, pedia lhe uns vintens para tabaco, e sempre ela lhe dava mais do que ele lhe pedia, prevenindo a hypothese de ter de suciar com amigos, beberricando na taverna. Jámais, em dias de sua vida, ele apanhara uma bebedeira, repugnando-lhe até o vinho fóra das refeições; mas não fugia á ocasião, quando se encontrava n'ela, limitando-se a molhar os beiços quando outros despejavam um copo. Lá um golinho de aguardente, pela manhã, á matadela de bicho, era coisa que ele não dispensava, sobretudo no inverno. A Margarida, sempre solicita, nas manhãs de frio cortante, salpicados de geada os telhados, quando ele se dispunha a sair para o trabalho, oferecia lhe sempre uma chavenasinha de café, muito quente, que ele procurava arrefecer... misturando-lhe aguardente.

— Até regala as cacholinhas, cá por dentro.

Seria feliz, inteiramente feliz, se tivesse um filho; mas ia em tres anos que era casado, e baldadamente esperava a toda a hora que a mulher aparecesse no seu estado interessante. Seria mais uma boca; mas isso apenas o obrigaria a ganhar mais e a gastar menos, dispensando-se do vicio de fumar, se tanto fosse necessario.

— O homem que se deixa dominar por um vicio, é mais fraco que uma mulher.

Era curioso!

Os pais d'ela, pobres até á mizeria, tinham enchido a casa de filhos, nada menos de cinco; os pais d'ele, tão mizeraveis como os d'ela, chegaram a sentar á meza tres raparigas e tres rapazes.

Já tinha consultado medicos, e todos lhe diziam que não desesperasse, porque úm belo dia, na hora menos esperada, teria o que tanto desejava. Ele era forte, e nunca tivera doenças, a não ser em pequeno, umas bexigas doidas e uma bronquite impertinente, no decurso da dentição; e ela era tão forte como ele, peito amplo, bacia larga, e só contava no seu registo medico umas sesões que a encarengaram, tinha dezoito anos, apanhados na monda do arroz. E citavam-lhe casos, absolutamente authenticos, de casaes que estiveram seis, oito, dez anos sem terem filhos, acabando por lhes chegar de França, n'uma condessinha, um lindo menino, o primeiro d'uma serie de tres ou quatro.

Resignava-se a esperar, ouvindo taes informes, mas é certo que quem espera, desespera, e ele sentia-se resvalar a uma fase de desespero, que poria sombras de tristeza na risonha tranquilidade do seu lar.

A mocidade é um capital que todos os dias se desvalorisa, e os filhos são o rend'mento d'esse capital, que convem tornar productivo antes que principie a sua desvalorisação.

Ora sucedeu que a Margarida, um dia, entre satisfeita e apreensiva, disse-lhe que sentia umas coisas esquisitas, constantemente enjoada, nada lhe sabendo ao que era, e de quando em quando acicatando-a um desejo forte de coisas que nunca lhe tinham apetecido, limões azedos, por exemplo, cabeças de sardinha e carne em sangue, tendo já uma vez saido de casa, sem ter que fazer na rua, só para não sucumbir á tentação de comer uma pucarinha de barro.

— E sentes mexer ?...

— Não; mas parece que estou um bocadinho mais grossa.

Levou-a a uma parteira examinada, que morava ali perto, na mesma rua, e dava consultas de graça, havendo quem dissesse que provocava desmanchos por dinheiro, valendo-lhe nas ocasiões dificeis um medico de pouca clinica, a quem ela mandava pagar generosamente.

— Então, senhora D. Maria ?...

— Vá preparando o enxoval, e que Deus lhe dê uma hora feliz, que bem o merece.

Entrou-lhe uma alma nova, e a partir d'aquele dia, na furia de economisar, deixou de comprar tabaco, e aos domingos deixava-se ficar em casa, ou saía com a mulher, não fosse ter necessidade de entrar na taverna, com amigos, fazendo qualquer despeza.

— Queira Deus que seja um rapaz!...

— E se fôr uma rapariga?

— Se fôr uma rapariga, comtanto que saia á mãe, hei-de querer-lhe como ás meninas dos meus olhos.

O pequenino ser em formação, vaga hypothese d'um traquinas que dentro d'alguns mezes enchesse a casa de ruidosa alegria, mesmo quando chorasse sem motivo aparente, era já a preocupação constante da Margarida e do marido, ela a espreitar o crescimento do ventre, como o outro espreitava o crescimento das hervas, ele a querer apressar a maturação d'aquele fructo, como os gulosos amaduram os figos verdes, ainda na arvore - apalpando-os.

— Não sentiste agora, João?

Gostaria de saber como a creança estava, de que lado tinha a cabeça, se quando estava quieta era por a vencer o somno, e quando dava pulos era por lhe doer alguma coisa.

— Os anjinhos, ainda antes de virem a este mundo, já sofrem.

— Coitadinhos!

O seu primeiro cuidado, chegando a casa, era informar-se ácerca do comportamento que tivera o menino.

— Então o camarada, esteve socegado?

Se ela lhe dizia que estivera muito inquieto, aos pulos, ele ficava satisfeito, por vêr n'isso um signal de vida exuberante, uma afirmação de força recalcada, que precisa expandir-se.

— O melro já não cabe na gaiola; o que quer é apanhar se em liberdade.

Se ela lhe dizia que a creança estivera socegada, mal se fazendo sentir, uma vez por outra, ficava logo n'uma aflição, a querer leval-a ao medico ou á parteira, não acreditando que uma creança, mesmo no ventre da mãe, esteja socegada e quieta, a não ser por doença.

Levou-a um dia ao medico, que além da palpação do ventre, fez a sua auscultação, acabando por declarar que não havia novidade.

— O sr. dr. acha que o menino nascerá bem?

— Com toda a certeza. D'aqui até nascer, ainda ele tem que dar muitas voltas, sempre a procurar a melhor posição.

— E o sr. doutor acha que será menino ou menina?

— Eu acho que deve ser menino... Mas olhe que se não fôr, a diferença não hade ser grande coisa.

O que escutaria o dr. no ventre da Margarida?

— Se calhar, queria vêr se o menino gemia...

— Hum!... Provavelmente o que ele queria era saber para onde o menino tem a cabeça virada, ouvindo-lhe a respiração da boca.

Vendo que não chegavam a acordo, resolveram ir consultar a parteira, que lhe poria tudo em pratos limpos.

— Não é nada d'isso, sr. Francisco. O que a gente ouve, auscultando o ventre das mães, é o tic-tac do coração dos filhos. Quando o coração bate com força, é porque a creança está bem; quando ele começa a enfraquecer, é preciso muito cuidado, porque se pára, é de vez.

— Tenha paciencia, senhora D. Maria; gostava que me escutasse, porque ás vezes parece-me, que o meu menino não se mexe, por lhe faltarem as forças.

Tendo feito uma auscultação demorada, a senhora D. Maria declarou que o menino estava muito bem, com a cabecinha para o lado esquerdo, sendo n'essa posição favoravel que ele romperia a marcha, quando chegasse a hora de nascer.

— Ouve-se bem o coraçãosinho, senhora D. Maria?

— Ouve-se lindamente; parece um relogio de parede.

— E onde é que a senhora D. Maria põe o ouvido para escutar melhor?

— Aqui; mas isto varia muito.

O Francisco marcou com os olhos o ponto indica-

do pela parteira, e foi como se ahi tivesse posto uma balisa.

A' noite, assim que se meteu na cama, o pedreiro poz-se a auscultar a Margarida, percorrendo com a cabeça toda a redondeza do seu ventre, sem nada ouvir.

— Queres vêr que isto não passa d'uma refinadissima intrujice ?

Contentava-se, á falta de melhor, em lhe sentir os pulos, os pontapés, dizia a Margarida, convencida de que o pequeno, para sacudir os pésitos com força, se encolhia primeiro, ficando imovel da cintura para cima, dobrada a cabeça para a frente, e os braços cruzados no peito.

— A gente devia ser como os outros animaes; assim que nascem, tratam logo da vida.

— Olha os pintos, que engraçadinhos! Mal saem da casca, pingando como se tivessem caido n'agua, metem-se logo atraz da mãe, e d'ahi a pouco comem pelo seu bico, sem ninguem os ajudar.

— E os bacorinhos, ó Margarida! Era uma coisa que me entretinha muito, quando estava na Aldeia, ir á malhada das porcas, á hora d'elas darem de mamar aos seus leitõesinhos. O tino com que cada um procura a sua têta, mesmo ás escuras, e como elas conhecem os seus filhos, amarelos ou pretos como os das outras porcas, todos do mesmo tamanho, tão parecidos uns com os outros como os bagos da mesma espiga!

— Assim é que a gente devia ser.

— Pois devia. A maior parte dos creanças, antes

dos dezoito mezes, não se mexem senão de rastos, e até aos quatro anos precisam ser guardadas, porque não sabem livrar-se dos perigos nem procurar aquilo de que necessitam. Se não me faltar o leite, heide amamentar o nosso filhinho até ao ano e meio, porque tenho ouvido dizer que a alimentação antes de tempo dá cabo das creanças.

— Se fôr um rapaz, em tendo sete anos está logo na escola, que eu não quero que ele fique para ahi um alarve como o pai, nem sequer sabendo fazer o seu nome. E se tiver cabeça para os estudos, até onde chegarem as minhas posses, hade ir pr'o lyceu, que mais não seja para se empregar no comercio, que é uma profissão pouco trabalhosa e que dá grande rendimento.

— Se fôr rapariga... Gostava de a fazer modista de chapeus, porque a costura puxa muito do peito. Lá creada de servir é que eu não quero que ela seja. Antes a tenha em casa sem ganhar nada, que para o seu vestuario e sustento sempre a gente hade arranjar, se Deus nos der saude.

— Uma rapariga! Em menos de nada está mulher, e ahi começa a gente a guardal-a como se guarda uma arvore carregada de bôa fructa, plantada á beira do caminho. Bem entendido, não a quero para freira, e em lhe chegando a ocasião, se fôr coisa de geito, que Deus lhe ponha a virtude. Mas lá cabrices não as consinto. Penetra que me ronde a porta para fazer pouco da rapariga, tem uma carga de pau em cima, que não se ajuda a ela.

— Agora não sinto o pequeno. Ainda ha bocado fazia uma mexida, que parecia querer vir cá para fóra.

— Provavelmente aborreceu-se de ouvir as asneiras que a gente tem estado para aqui a dizer, ha mais d'uma hora, e ferrou a dormir. Vamos nós tambem fazer o mesmo.

*

Ao entrar nos sete mezes, a Margarida caiu de cama, ardendo em febre, a cabeça metida n'um torniquete e os vomitos, como no começo da gravidez, constantes, incoerciveis, parecendo que lhe arrancacavam as entranhas.

O medico aconselhou:

— Isto é um caso muito serio. O melhor será recolher ao hospital.

— E haverá perigo para a creança, sr. doutor?

— Perigo, ha. O mais provavel é a creança não resistir, e talvez que a sua morte contribua para que a mãe se salve.

Julgou que endoidecia, ouvindo estas palavras do medico, quasi obrigado a optar entre o filho e a mulher — o filho, que era um bocado do seu coração, a mulher, que era metade da sua alma.

Todos, na visinhança, estimavam a Margarida, e mais do que todos estimava-a a Chica Fragosa, que se lhe instalou em casa desde o começo da doença, a servir-lhe de enfermeira e de creada.

Nos primeiros dias o Goes, sobrecarregado agora com despezas de medico e de botica, ia de manhã para o trabalho, vinha a casa na folga do meio-dia, e as noites passava-as á cabeceira da enferma, solicito e carinhoso, recalcando a sua dôr e disfarçando os seus negros presentimentos — a querer incutir-lhe uma esperança que n'ele diminuia d'hora para hora.

Tendo-se agravado o mal, resolveu não voltar ao trabalho, saindo de casa só para ir á botica ou á mercearia, poupando a Fragosa a essas andanças incomodas. Fazia dó vel-o macerado, a tornar-se esqueletico, dias e dias quasi sem comer, noites e noites quasi sem dormir, não se afastando de ao pé d'ela senão para chorar á vontade.

E sempre aquelas palavras horriveis do medico, queimando-lhe o coração como um ferro em braza — talvez a morte do filho contribua para que a mãe se salve.

Santissimo nome de Deus!

Pode lá ser feliz a creança que nasce matando a mãe, como se não houvesse logar para os dois no mesmo lar, como se não coubessem ambos no mesmo coração, alimentando-se do mesmo afecto, dupla imagem do mesmo objecto querido — o menino Jesus cheio de graça, sorrindo nos braços da sua Mãe Santissima?...

Mas ele bem via que a catastrofe seria completa;

que o filho morreria sem que se salvasse a mãe, para os dois abrindo-se uma só cova, de que uma estranha covardia o afastava, um sagrado horror á morte — como se um miseravel farrapo de existencia valesse o repouso absoluto, a imperturbavel tranquilidade do nada!

Acudiam-lhe á boca orações e blasphémias, todas as preces que lhe ensinara a mãe, em pequenino, e todas as imprecações que fôra aprendendo na escola da vida, mal resignada victima da justiça humana, e a justiça divina, que nunca para ele fôra carinhosa e prometedora, assaltava o agora, tôrva e inclemente, brandindo um punhal assassino, envenenado para mais seguramente produzir os seus efeitos.

Depois d'uma observação cuidadosa e demorada, uma noite, chamado com urgencia, o medico declarou que a creança já tinha fracos signais de vida; a mãe poderia sobreviver-lhe algumas horas, mas seria inutil quanto se tentasse para a salvar.

— E se a levassemos para o hospital, sr. doutor?

— Provavelmente morria no caminho.

Não tardou que a Margarida, soltando um grito dilacerante, se estorcesse em convulsões repetidas, com intervalos d'uma acalmia lethargica, a mal se lhe ouvir a respiração, o queixo n'uma tremura quasi imperceptivel, os olhos baços, parados, a humedecer-lhe os labios numa ligeira espuma entre branca e amarelada.

Sobrevem uma convulsão mais theatral que todas as outras; ouve-se um grito mais lancinante e mais prolongado que os anteriores; a pobre enferma, como se a percorresse uma corrente electrica, firme na cabeça e nos calcanhares, ergue o corpo n'uma guinada, e geme, em contorsões dolorosas, a partir o coração.

Sentenceia a D. Maria:

— Provavelmente é a creança que vai nascer.

E foi dispondo tudo, n'uma pressa, ajudada pela Fragosa, para convenientemente acudir ao anjinho, na hypothese, nada provavel, d'ele nascer com vida. Pelas contas que dava o Goes, e pelo que dissera a Margarida, já de cama, aquilo era ventre de sete mezes, e com esta incompleta gestação muitas creanças vivem, mesmo sem o auxilio da *chocadeira*, como a senhora D. Maria, avêssa a modernismos, chamava á *couveuse*, mercê da qual se teem salvo muitas existencias condenadas.

Na verdade a creança nasceu; mas não dava signaes de vida; o corpinho rôxo, a face congestionada — um menino perfeito, disse a Fragosa, a querer mentir ao Goes, quasi emparvecido pela dôr, perdidas todas as esperanças desde que o medico lhe dissera que o seu filho já poucos signaes dava de vida, e que a mãe de poucas horas lhe sobreviveria, se não morresse ao mesmo tempo.

Desembaraçada do filho, sem consciencia do que se passava, a Margarida pareceu cair n'um somno profundo, sem dôres, os olhos fechados, a respiração

muito superficial, lenta a parecer suspensa, de cada vez mais espaçados os movimentos respiratorios.

Estaria afastado o perigo, dobrado aquele terrivel cabo das tormentas?

Nunca se consolaria da morte do seu filho; mas querendo Deus, outro viria em substituição d'aquele, não deixando de haver na sua casinha pobre a graça d'um amanhecer florido, o encanto d'uma boquita fresca, a enchel-a de risos angelicaes, emquanto a não enchesse de palavras mal articuladas, que são o primeiro esforço da inteligencia para dar expressão a ideias e sentimentos na sua forma mais elementar.

Compuzera-se a fisionomia da pobre Margarida, os olhos fechados, os labios entre-abertos, quieta como se a imobilisasse a morte, de quando em quando um tremor fibrilar das narinas, que mais se adivinhava do que se via, tão suavemente adormecida, tão palida e já tão fria, que se lhe ajustavam belamente, os funerarios versos do poeta — singela corôa de nevadas rosas, cinge-lhe a fronte de mortal pallor.

A tactear-lhe o pulso como vira fazer ao medico, a D. Maria comentou:

— Coitadinha! Ao menos agora não sofre; é uma candeia que se apaga.

Dentro em nada estava morta.

*

Aniquilado de corpo e de espirito, sem encontrar fóra de si uma rasão suficiente para continuar a vi-

ver, para ali estava o Goes, enrolado a um canto, sem fazer um gesto, sem dizer uma palavra, mal tocando na comida que a Fragosa lhe preparava e oferecia — como se quizesse morrer de fome, incapaz de se matar por um acto violento.

— Vamos lá, senhor Francisco, tome este caldinho que está muito gostoso. Foi uma grande desgraça o que lhe sucedeu ; mas nem Deus Nosso Senhor lhe pode já dar remedio, e vocemecê, a mortificar-se d'esta maneira, e a não querer tomar alimentos, arrisca-se a cair de cama, podendo ficar doente para o resto dos seus dias. Vocemecê é um homem novo ; pode ser que ainda encontre na vida a felicidade que agora perdeu, que a gente não sabe para o que está n'este mundo.

A Fragcsa ia dormir a casa todas as noites ; mas pela manhã, á hora de abrirem os estabelecimentos, vinha para junto do inconsolavel viuvo, fechando a porta á sua freguesia, sem fazer conta ao que deixava de ganhar, nem sequer pensando em que viria a ser paga de qualquer forma a sua incomparavel solicitude e carinhosa dedicação.

Nunca supuzera que um homem pudesse amar tanto uma mulher ; nem a sonhar lhe passara pela cabeça que tão violenta, tão desabrida tempestade poderia rebentar dentro do coração humano sem o fazer em bocados.

O Goes aparecia, assim, aos olhos da Chica Fragosa, amante de todos os homens que lhe pagavam,

moça da vida com registo policial, semelhante a um heroe que fôsse ao mesmo tempo um santo — especie de Hercules para sofrer e de Jesus para amar.

Porque não teria ela encontrado no seu caminho, ao começar a vida, ainda rescendendo á virgindade do berço, um homem forte e amoravel, que a sustivesse quando ía a cair, que a tirasse do charco quando o aviltamento do corpo ainda lhe não gangrenara, sem remedio, a alma ?

Foi-se desentorpecendo a pouco e pouco o malaventurado Goes, animal que acorda dum longo somno hybernante, tolhido de movimentos.

A primeira vez que saiu de casa foi para ir ao cemiterio, abordoado á Fragosa, que não quiz deixál-o ir sósinho, no justificado receio, fraco como estava, de se deixar colher por um carro, na possivel hipotese dum desmaio, sem pessoa amiga que lhe acudisse de pronto.

O pouco que restava das suas economias, pago o medico, paga a botica, pago o enterro, foi-o consumindo sem trabalhar, e porque a Fragosa quasi o empurrava para fóra de casa, martelando-lhe os ouvidos com a necessidade de se distrair, de espairecer, habituou-se a frequentar a taverna, menos para beber que para conversar, mas não deixando de beber os seus copitos, em sucia, não fossem tomal-o por freguez do cuspo, atribuindo á sua abstinencia propositos que o rebaixariam aos olhos d'aquela sociedade.

Assim foi adquirindo o habito de beber; o habito creou-lhe o gôsto, e de..tro em pouco bebia sem conta nem medida, sempre metido na taverna, não precizando já de companheiros para despejar copo sobre copo, não se dispensando por fim, ao recolher a casa, de emborcar um decilitro d'aguardente, para temperar a vinhaça.

Para o Goes não havia a fase alegre da bebedeira, aquele periodo de falar incontinente e gestos sem medida que resultam da excitação do alcool sobre os centros motores e da idiação, na quasi totalidade das pessoas que se embebedam. Os primeiros copos davam-lhe uma vivacidade maior aos olhos, mas não lhe desenteramelavam a lingua, e a esse periodo fugaz de excitação, de que mal se apercebiam os companheiros, sucedia uma fase depressiva, nada mais fazendo do que beber, mudo e quedo como um animal empanturrado.

Entrava na taverna dando os bons dias, abalava sem dar as boas noites, e no intervalo, de muitas horas, mal respondia ao que lhe perguntavam, indiferente a tudo, ouvindo as vozes, mas não reparando nas palavras, de quando em quando fechando os olhos, para ser mais completo o seu alheiamento.

Para evitar alusões ou referencias directas á sua desgraça, logo que começou a frequentar a taverna desembaraçou-se do luto, de todo o luto, nem sequer conservando no chapeu o fumo com que o cingira a Fragosa logo no dia seguinte ao do enterro.

Talvez não tivesse caido na bebedeira se houvesse

um remedio para esquecer, uma especie de anesthesico da memoria, actuando parcialmente, mas actuando com eficacia.

Matar-se?... Sim, acabaria de vez o seu martirio; mas faltava-lhe a coragem para o fazer, e na mizeria a que resvalara, na abjecção em que caira, havia como que um sabor de volupia que era o nada que restava de toda a sua sensibilidade de pessoa e não apenas de entidade zoologica.

A Fragosa era verdadeiramente a sua dona de casa; tratava lhe da roupa e fazia-lhe a comida, não gastando mais que o absolutamente indispensavel, e só muito instada, uma vez por outra, condescendendo em partilhar das suas refeições, sem tempo para o serviço, embora muito reduzido, de duas cosinhas, a pequena distancia uma da outra, na mesma rua, em casas diferentes.

Um dia, ainda meio estonteado pela bebedeira da vespera, verificou que se lhe acabára o dinheiro, á boa vida desde que a doença da mulher afectára uma gravidade tal, que nenhuma esperança de cura era permitida.

Foi pôr o relogio no prego, o relogio e a cadeia, e assim conseguiu recursos para meia duzia de dias — recursos de copo, está bem de ver, que os recursos de prato não o interessavam grandemente, Era o aviso que lhe fazia a miseria, a formal advertencia de que, a continuar a sua vida de madraço e bebedo profissional, teria que fazer-se pedinte ou la-

drão, como fosse mais do seu gosto ou estivesse mais de conformidade com as suas aptidões.

A pouco e pouco foi empenhando tudo o que possuia de valor, e como não resgatava as cautelas indo até esquecer-se de pagar os juros, uns modestos juros de doze por cento ao mez, objecto empenhado, era objecto vendido, de tais vendas não resultando para ele o menor beneficio.

Numa ocasião em que se pôs a desarmar a cama, para a reduzir a cobres, a Fragosa perguntou lhe, sem ares de recriminação:

— Se te desfazes da cama, onde queres depois dormir?

Aproveitou a sota para lhe fazer uma proposta que trazia engatilhada havia muito e nunca se atrevera a formular com a suficiente claresa:

— Assim como assim... O melhor é deixares o cacifo e trazeres para aqui a trouxa.

— Isso é que eu não faria por coisa nenhuma d'este mundo. Graças a Deus não devo cinco réis partidos ao meio, e para o aluguer da minha casa sempre hei-de arranjar, o ponto é não me faltar a saude. Não; escusas de pensar nisso, que é tempo perdido.

Recomeçou o trabalho em que estava, e que por instantes interrompera, visivelmente contrariado com as palavras da Fragosa, não se atrevendo, contudo, a discutir com ela a sua inabalavel resolução. Já tinha marchado tudo quanto tinha cotação no prego; a cama era a unica coisa que restava, podendo valer o custo de meia duzia de bebedeiras.

— Deixa a cama em socego, que d'esta vez ainda te arremedeias.

Foi a casa, n'um pulo, e voltou trazendo na mão um fio d'ouro, que pertencera á Margarida, e que ele lhe dera, afogado em lagrimas, no dia em que fôra ao cemiterio, pelo seu braço, havia tres semanas que lhe tinham levado para lá a alma e o coração. Teve um movimento de repulsa, o miseravel, perante aquela recordação da mulher que tanto amara, enternecida esposa que lhe fizera sentir as alegrias sem par dos lares bem constituidos, a inefavel ventura da sociedade matrimonial quando tem por base o amor sem calculo, a felicidade d'uma pobresa honrada, que tem tudo quanto deseja, porque só deseja o que pode ter. Foi um acto da medula, rapido e sacudido, em que não tomou parte o cerebro, escurentado pelo vinho.

Quando já não tinha literalmente nada que empenhar, obrigado a despejar a casa por não trazer o aluguer em dia, aceitou o oferecimento da Fragosa, para viverem juntos, continuando ela, para sustento dos dois, o seu desgraçado modo de vida.

— Vês?... Se me tenho desfeito da minha casa, estavamos agora bem servidos.

Miseravel, despresivel, nunca mais teve noção do decôro, nem vislumbres de vergonha, degradado abaixo da condição humana. Incapaz d'um sentimento nobre, sem energia fisica para qualquer acto presti-

moso, sem energia moral para qualquer acto digno, o viuvo da pobre Margarida era o vicio na sua expressão mais abjecta, era o crime na virtualidade das suas formas infinitas.

Incendiario ?... Ladrão ?... Assassino ?...

O que as circunstancias determinarem, sem iniciativa para qualquer forma de actividade util, sem resistencia para as solicitações que a Moral condena e a Justiça pune.

Foi n'estas alturas da vida que o Goes, uma tarde, entrando em casa, bebedo como de costume, se atirou para cima da cama, trovejando infamias, só por milagre não esmagando a criança que ali dormia, enrolada n'um chale, emquanto a mãe, visinha e comadre, ia dar umas voltas, no grangeio da vida.

Furioso porque não encontrara o jantar na meza, não tendo, aliaz, horas certas de jantar, esbofeteou a pobre Fragosa, que mais se ligara a ele desde aquela vez em que um rufia dos mais temiveis e mais temidos no Bairro Alto, chamando-lhe vadia economica, a separara violentamente do Goes, apalpando-lhe o rabo com força. Caiu-lhe em cima, o Goes, aos pontapés e aos murros, pregando-lhe uma sova tal que tiveram de o levar d'ali em braços, gemendo como na salve-rainha.

Nem chegou a passar pelo somno, cheio de vinho até ao nó da guela, e ainda assim parecendo lhe que tinha o estomago vasio, sem comer desde a vespera.

Ergueu-se, n'um solavanco, e como se fosse empurrado, de trambulhão, foi sentar se á pequenina meza de pinho, mal trabalhado, em cima da qual uma pequena caçarola fumegava, espalhando em casa um cheiro agradavel de comida simples.

Meteu uma colherada na boca, e cuspindo-a logo, n'um trejeito de repugnancia:

— Nem pra porcos...

Como ela quizesse dizer qualquer coisa, explicar-se, fazer-lhe ouvir palavras mansas que desarmassem a sua colera, atirou-lhe o prato á cabeça, e a queimadura produziu-lhe uma dôr tão viva que a obrigou a gritar — quem me acode! malandro!...

Uma nuvem de sangue turvou-lhe a vista, e agarrando na faca que estava sobre a meza, colerico e bestial, cravou-lh'a no peito, do lado do coração.

Aos gritos acudiu gente, e os primeiros que chegaram viram-n'a levar a mão á ferida, tornar-se branca como a cal, e cair para o lado desamparada.

— Foi ele que a matou!... Foi ele que a matou!

Um policia que entrara, na enxurrada, empunhando o revolver, deu-lhe voz de prisão.

O mizeravel assistia áquilo tudo, n'uma atitude de bandido que ensandecesse logo a seguir ao crime. Não era indiferença nem cynismo; era o total eclipse d'um espirito que mergulha na treva da loucura,

a derradeira vibração d'uma consciencia que se extingue.

Mas ela, a esvair-se em sangue, ouviu que lhe chamavam assassino; viu que o prendiam, notou que se dispunham a lynchal-o, e n'um esforço em que consumiu o pouco que lhe restava de forças, o quasi nada que lhe restava de vida, deixando cair sobre ele o seu olhar amortecido, cheio d'amor e piedade:

— Não o culpem, que ele não me fez mal... Disse que ia deixar-me... que tem outra... e eu, então... não podendo viver sem ele, preferindo a morte ao abandono... peguei na faca...

Não acabou; estava morta.

Bois mansos

Quando soou na Aldeia que a Amelia Rodrigues ia casar com o mestre Antonio, o comentario de todos foi este — mal empregada!

A Amelia era uma rapariga perfeitaça e desembaraçada, mais simpatica que bonita, um vago typo de cigana, sem as essenciaes caracteristicas dessa gente bohemia. De estatura mais do que meã, um bocadinho cheia sem adiposidades de mulher gôrda, uma levissima penugem sombreando-lhe o labio superior, a Amelia era a mais requestada cachopa da Aldeia, requestada até por moços que já tinham alguma coisa de seu ou eram herdeiros presuntivos d'uma fortunasita rasoavel.

Com todos brincava, parecendo que a todos dava tréla, mas conservando sempre livre o coração, apostada em gosar a mocidade — solta como a rôla na eira.

Constou, um dia, que ela prometera casamento a um moço de Messejana, com quem balhara toda a

noite, pelo S. Pedro, e que nunca mais deixara de lhe arrastar a asa, aparecendo a miudo na Aldeia, e de cada vez que aparecia tendo artes de se encontrar com ela, na rua ou caminho do poço, para uma conversa ligeira. Era pena que viesse um lobo de fóra roubar a melhor ovelha do rebanho; mas não havia impedimentos a pôr-lhe, se tal era a vontade da Amelia, já em bôa idade de se casar, embora por ali, nos sitios, a regra fosse casarem as raparigas, no avisinhar da trintena, andando os moços pela mesma idade.

Era mentira, e como o pretendido noivo, seareiro quasi lavrador, seria um bom partido, um optimo partido, para qualquer moça pobre, as senhoras visinhas não poupavam criticas á Amelia, e maliciosamente preguntavam se ela estaria á espera d'algum principe encantado ou do rei da Alexandria, se é que S. M. era solteiro.

— Que mais quer ela? — Um rapaz que não tem nada que se lhe diga, e já senhor d'um arranjo que vale um bom par de vintens.

O rapaz herdara do pai um pequeno olival, uma courelita de que pagava fôro, e umas casas de moradia, que habitava com a mãe. Semeava terras ao quarto, e como tivera sorte com as searas, era voz corrente que tinha ao canto da arca uma mancheia de dinheiro.

Qualidades todos lhe reconheciam; defeitos ninguem lh'os apontava, a não ser uma acentuada pro-

pensão para luxar, não só apurada no vestuario, mas não se evitando de gastar para ser a mais sécia, a mais perluxa rapariga da Aldeia.

Vivia com a mãe n'uma casita que o pai comprara, gastando n'essa compra bôa parte do dinheiro que tinha, maioral d'ovelhas a caminho de arranjar um sofrivel peculio, quando uma camada de bexigas negras o matou em poucos dias. Já a Amelia era mulher feita, e para o pai, filha unica, um ai Jesus onde te porei. Quando ele ia vestir a roupa, aos domingos, a Amelia adornava-se com as suas melhores galas, isto é, com as suas garridices mais vistosas. E teve a rara coragem, o desgraçado, de pôr a filha a andar, fóra de casa, logo que soube que tinha bexigas, não fosse pegar-se-lhe o mal, desfigurando aquele lindo rosto de pastorinha biblica, trigueira como as filhas de Jerusalem, formosa como as tendas de Cédar.

Gostava de vestir bem, a Amelia Rodrigues, e se para vestir bem fosse necessario alimentar-se mal, da melhor vontade pouparia nos alimentos para gastar nos trapos.

Outro defeito não lhe apontavam, senão o de gostar de ter bôas saias, bons vestidos, bons chambres ou botas, lenços de fantasia, dos melhores que os paneiros vendiam, e chales de abundante ramagem, do melhor que havia nas lojas.

Dizia-se correntemente, no falatorio dos soalheiros:

— A Amelia, se tivesse posses, nem a Rainha luxava como ela.

Gostava de vestir bem, o melhor que podia, e como isso era o unico defeito que lhe apontavam, bem se podia dizer que a Amelia, além de ser uma perfeita moça, era uma moça perfeita.

De resto, todas as moças da Aldeia eram como a Amelia, só com a diferença de não terem as mãos de prata que ela tinha, e uma força de vontade perante a qual não havia obstaculos invenciveis. A febre do luxo ainda não alastrara pelos campos, intensa e dominadora como hoje; o vestuario, nas cidades, vilas e aldeias, balisava as diversas camadas sociaes sem embargo de formulas de democracia pratica, que n'estes ultimos tempos se perderam, confundidas n'um igualitarismo que, além de inosthetico, é ridiculo.

A grande guerra veio nivelar as classes perante o sapateiro, o alfaiate e a costureira, não escapando a este rasoiramento a gente rustica, só por milagre não se tosquiando ainda as moças da aldeia, como as senhoras da cidade, desde o mais horrivel calhamaço á mais esbelta donzelinha. Mas já as contagiou a moda das saias curtas, mal tocando a curva do joelho, e pernas que n'outro tempo nem sonhariam com meias d'algodão, já se afizeram á sêda, uma sêda ao alcance da gente pobre, sêda tão pouco resistente, que no proprio dia da estreia, muito esticadas, abrem buracos.

Estimada de todos, de todos merecendo respeito e atenções, quando se espalhou que a Amelia ia ca-

sar com o mestre Antonio, não houve na Aldeia uma só pessoa que a não desse por mal empregada — uma rapariga tão prendada, tão agradavel, ainda uma creança e já com o moral d'uma pessoa grande.

O mestre Antonio, filhote do Algarve, era sapateiro d'obra grossa, pouco amigo de trabalhar e muito amigo da súcia.

Apareceu ali, na Aldeia, uma bela manhã, vinha rompendo o sol, trazendo a alcôfa das ferramentas na mão esquerda e um taleigo de roupa na mão direita, rasoavelmente trajado, calçando alpergatas á moda hespanhola, com sola de corda. Não era cigano nem maltez; podia muito bem ser um desertor com pouco tempo de praça, preferindo trabalhar em liberdade, mesmo correndo o risco de o mandarem para as *pedras negras,* a trabalhar no casão, fazendo botas para todos os pés.

Dinheiro trazia algum, porque no dia seguinte pagou adiantado o aluguer d'uma casita em que se instalou, mobilando-a sumariamente — uma tarimba que lhe servia de cama, duas cadeiras com assento de bunho, uma grande e outra pequena. Deu-se o faliz acaso de por ali fazer caminho, n'aquele dia, um loiceiro de Berinjel, que lhe vendeu uma quarta para agua, duas panelas e um prato vidrado; uma tijela grande, para sôpa, uma tijelinha que serviria de copo, para não beber pela quarta, e um alguidar para lavar as mãos e a cara, podendo tambem servir de caçoila, quando fosse preciso.

Ninguem lhe perguntou d'onde vinha, e a todos pareceu desnecessario perguntar-lhe para onde ia, não só porque alugara casa, pagando ao mez, segundo o ajuste que fizera, mas porque se mostrava disposto a mobilal-a convenientemente, em termos de n'ela viver sem lhe faltar nada do que compete á permanente moradia d'um homem só.

A viuva do mestre Galope, tambem sapateiro, cedeu-lhe a tripeça do oficio a titulo de emprestimo, a tripeça e a pedra de bater sola, com a obrigação d'ele ensinar o seu rapaz mais novo logo que o gaiato tivesse prestimo para alguma coisa. Gostava que o filho tivesse o mesmo oficio do pai, excessivamente debil para os trabalhos do campo, e dotado de certo feitio para artista, mais aperaltado que os outros moços, um pequeno labroste acepilhado com algum esmero para figurar n'uma sociedade mais polida. Caracterisando os seus gestos adamados e salientando as suas redondezas feminís, os outros moços chamavam-lhe D. Ana, pondo-se logo a bom recato, porque ele tinha a mão leve, e no jogo da pedra, como se fosse maioral, era temivel. Só para não viver separada d'ele é que a mãe o não meteu a caixeiro, n'uma loja da Villa, para o livrar d'aquele inferno, a cada instante ouvindo gritar – O' D. Ana — silvando as pedras com que o filho respondia a tão injusta e depreciativa alcunha.

Ao cabo de poucos dias começou o mestre Antonio a trabalhar, e os primeiros freguezes que lhe

apareceram fizeram-lhe um bom réclame, dizendo que o homem trabalhava bem e não escaldava a freguezia.

Facilmente se relacionou com toda a gente da Aldeia, porque não era bisonho, e como na taverna, que frequentava com assiduidade, o seu dinheiro andava sempre na casa dianteira, a sua companhia era estimada, parecendo até que o vinho não tinha bom gosto quando o mestre Antonio faltava na róda, sempre franco — agora pago eu.

Tudo jogava bem — as cartas, a malha e o arrioz e mesmo o trinta e um de boca, a não ser por um descuido, se era o primeiro a pedir, não perdia nunca. Balho em que ele entrasse, tomava logo outra animação, porque ele sabia todas as modas de saracoteio, e cantava com um moral de pessoa fina, dobrando as cantigas com muita graça e engenho. Não se fazia alarve com as moças, embora gostasse de taramelar com elas, e não havia na Aldeia quem fosse mais respeitoso para com as mulheres casadas, não se dispensando de levar a mão ao chapeu quando as saudava na rua.

— Alguma fez ele, lá na terra, para vir para aqui fugido; mas tem muito bonitas maneiras, e bem-criado como ele, não ha ahi nenhum. Se tem alguma mácula é lá por dentro; ela se descobrirá com o tempo.

Fartava-se de ganhar dinheiro, o mestre Antonio, em primeiro lugar porque na Aldeia não havia outro

sapateiro, e depois, tambem, porque correra fama d'ele trabalhar bem e não ser careiro, o que lhe valeu bôa freguezia dos Montes, perdido como já ia o velho uso e costume de irem os sapateiros trabalhar á jorna a casa dos lavradores.

Por aquele tempo ainda as charnecas alemtejanas eram uma triste realidade, vastissimas charnecas onde abundavam os coelhos e as zorras, não faltando o lobo cerval, denominação especifica na linguagem regionalista que servia para designar um bicho de grande corpulencia, de requintados instintos ferozes, e capaz de se bater com os rafeiros mais valentes. Frequentemente, os rebanhos, de noite, rebanhos de ovelhas eram assaltados por um lobo ou por uma alcateia, ficando estripadas, na rêde, umas poucas de cabeças. O lobo não mata só para comer; mata para satisfazer os seus instintos sanguinarios, animal de presa que nas entranhas palpitantes da victima encontra o supremo gôso da sua vida de carniceiro.

Uma ovelha chega e sobeja para um lobo se banquetear; mas para comer uma, ele mata umas poucas, o caso é puder, e a matar satisfaz uma gulodice, como a comer satisfaz uma necessidade.

Rafeiro que não andasse armado, dificilmente se batia com um lobo dos grandes, em duelo singular. Consistia a armadura dos rafeiros n'uma larga coleira de coiro, que lhe protegia o pescoço, munida de fivelas, geralmente duas, semelhantes ás que nos botins usavam os maiorais. Pregos aguçados como

choupas cravejavam a coleira, muitos pregos, sendo impossivel que o lobo abocasse o rafeiro pelo pescoço sem ficar com as guelas rasgadas.

Faziam-se batidas por concerto entre os lavradores, e as Camaras davam um premio de quatro mil réis a quem apresentasse a pele, ainda fresca, d'algum d'esses facinoras do mato. Eram dias de festa, os das batidas, com fartura de badana e vinho á discrição. Caçadores do sitio não faltava um, muitos d'eles pedindo a Deus que nenhum bicho lhes passasse a geito de tiro, porque não teriam a coragem necessaria e o sangue frio suficiente para fazerem uma pontaria certeira. A verdade é que optimos caçadores de coelhos, lebres, perdizes, homens que se dizia que onde punham o olho lá punham uma bala, atirando aos lobos eram desastrados marteleiros, a tremer-lhes a espingarda na mão como se estivessem com o frio d'uma quartã. Confessavam eles que antes de verem o bicho se lhes punham os cabelos em pé, e quando os alvejavam, metendo-os bem na boca da espingarda, era como se lhe ouvissem dizer, arreganhando a dentuça ameaçadora — atira, mas olha que se não matas, morres. Era crença geral na familia do campo que em o lobo vendo um homem, de noite ou de dia, mesmo que o homem o não veja, a este se põem os cabelos em pé — salvo o caso de ser careca. Os maiorais partilhavam d'esta crença, alguns afirmando ter-lhes acontecido isso muitas vezes, resultando providencial o caso, porque lhes permitia darem vaia aos cães chamando-os em seu socorro.

Pois n'aquele tempo ainda eram uma triste realidade as charnecas alemtejanas, no baixo Alemtejo, e uma d'essas charnecas vinha bater nos quintais da Aldeia, deliciando-se os moradores, em certas noites, a ouvirem o cantar das zorras, muito mais espertas e manhosas que inteligentes.

Porque ficava ali á mão a charneca, abundante de caça, todos os homens validos da Aldeia eram caçadores, e caçador se fez o mestre Antonio, que nunca tinha metido uma espingarda á cara. Exercitou-se atirando aos passaros, nas montureiras, e na primeira ocasião que teve, meteu-se na jolda, tendo pago a patente — uma roda de vinho á familia — na abalada da Aldeia. A estreia foi auspiciosa, porquanto matou tres coelhos, em tiros de chofre, e uma perdiz que ia a grande altura, como que a desafiar a linha, segura de que não lhe tocaria um bago de chumbo.

— Bem feita, mestre Antonio!... Bem feita!...

A' noite, na taverna, foi devidamente celebrada a façanha do novel caçador, sendo opinião geral que ele viria a ser, dando-lhe uso, a melhor espingarda da freguezia.

Aos olhos das moças casadoiras, mestre Antonio cresceu um palmo, e d'isso se apercebeu ele, notando em muitas um acolhimento mais caricioso, mais amavel, e nos respectivos derriços uma expressão de ciume, que era, afinal de contas, um signal de despeito.

A tal ponto se apaixonou pela caça, que era ouvir um tiro abalava logo, de espingarda ao hombro, na

maior parte das vezes nem sequer metendo na cinta um naco de pão, uma bucha com que désse ao estomago a consoladora esperança de não ficar esquecido por todo o santissimo dia.

Mesmo sem ouvir tiros, mestre Antonio abalava para o mato, com um companheiro, se os seus rogos moviam alguem a acompanhal-o, sósinho, se ninguem queria ir com êle.

Por causa da caça, deixou de ser pontual em servir os freguezes, muitos dos quaes lhe desamparavam a loja, sobretudo quando tinham pressa da obra, preferindo quem fosse mais sapateiro e menos caçador.

Ele proprio fazia a sua comida, dias e dias sem acender lume, não porque lhe faltasse geito para cosinhar, mas porque lhe aborrecia esse serviço, mais proprio das mulheres que dos homens. Uma velhota, achacada de reumatismo nas juntas, varria-lhe a casa, arranjava-lhe a cama e ia ao poço, tudo feito a troco de trinta réis por dia, que lhe pagava no fim do mez.

— Vocemecê deve procurar governo, mestre Antonio, que isto assim não é vida. Eu de pouco lhe sirvo, e estou a ver que qualquer dia caio entrevada na cama, para ali ficando até que Deus Nosso Senhor faça a esmola de me chamar á sua divina presença. Trate de casar, mestre Antonio, porque meter de portas a dentro uma mulher que lhe não seja nada, nem d'agua nem de sal, é coisa que lhe não aconselho.

Entrou mestre Antonio a scismar nos dizeres da velha, acabando por se convencer de que ela tinha razão.

Figurava a hypothese de adoecer, e via-se para ali ao desamparo, no abandono dos sem-familia que não podem pagar serviços e dedicações. Tinha uma instintiva repugnancia pelo hospital, só condescendendo em ir para lá quando visse que ninguem lhe chegava ao pé, e ainda seria preciso que lhe faltasse a coragem ou o vigor para se matar com um tiro.

Bem feitas as contas, o que ganhava, o que podia ganhar, chegava perfeitamente para fazer vida d'homem casado, e viveria com o maior desafogo, se a mulher o ajudasse, indo uma vez por outra aos trabalhos do campo, quando a jorna fosse de apetecer.

Foi assim que ele se poz a considerar as moças da Aldeia, notando as qualidades e os defeitos de cada uma, não se precipitando na escolha para evitar alguma arriosca de graves consequencias.

Por méro acaso encontrou-se com a Amelia Rodrigues, uma tarde, quasi ao pôr do sol, vinha ele da caça e tinha ela ido buscar ao mato um feixe de lenha.

Venha com Deus, salve-a Deus, e aqui vão os dois a caminho da Aldeia, ela ajoujada ao pêso da lenha, êle todo pimpão com tres coelhos á cinta, e uma perdiz, que nem uma galinha, pendurada do chumbeiro.

De quando em quando a Amelia parava, levando as mãos ao feixe, que lhe curvava a cabeça, e então

o mestre Antonio sentia a fascinação dos seus olhos negros, fundos e mysteriosos, a graça, o encanto, a beleza d'aquela penugem macia que lhe sombreava o labio superior, e era como que um traço de crayon tornado quasi imperceptivel pelo esfuminho.

Separaram-se ao chegarem á Aldeia, indo cada um para sua casa, ele a pensar que seria feliz casando com a Amelia, ela a pensar que não faria o menor sacrificio casando com o mestre Antonio.

Renovaram-se os encontros, sempre por acaso, umas vezes no caminho do poço, outras vezes no caminho do barranco, tão discretos, ele e ela, que a familia da Aldeia se não apercebia de tal namoro, nem mesmo aquelas senhoras visinhas que andam sempre de nariz no ar, bebendo todos os ventos, não vá escapar-lhes alguma novidade.

Não tardaram as declarações francas, as promessas reiteradas, os juramentos d'amor eterno. Trataríam do casamento logo que ele recebesse da terra os papeis que ia pedir, e que eram apenas uma certidão de idade e atestado de que era habil para casar, viuvo ou solteiro.

— Faz de conta que não temos nada um com o outro. Quando nos encontrarmos, a não ser n'algum sitio onde ninguem nos oiça, somos duas pessoas que mal se conhecem — salve-a Deus senhora Amelia, salve-o Deus mestre Antonio, e por aqui me sirvo.

A gente vê caras e não vê corações; as boas falas do mestre Antonio podiam encobrir ruins propositos, e nada garantia que ele não fosse casado lá na

terra, capaz de levar o embuste até ao ultimo extremo.

— Depois de cá estarem os papeis, o caso é outro.

*

O compromisso de casar, tomado voluntariamente, em pouco alterou a conducta do mestre Antonio, mais dado á espingarda que á sovela, mais amigo da sucia que do trabalho, volta e meia pregado na taverna, copo vai, copo vem, chegando por ultimo a embebedar-se ignobilmente, apezar de ser, na Aldeia, o homem que podia com mais bebida.

Muito senhora do seu papel, a Amelia não fazia um gesto, não dizia uma palavra que a denunciasse como derriça do mestre Antonio, sua esposa prometida, nem sequer á mãe dando parte dos seus propositos.

— Tem muito tempo de saber, quando eu fôr pedida.

A mãe não gostava do mestre Antonio, um figurão que ninguem sabia de que terra era, talvez algarvio, como ele dizia, embora o não parecesse pelo falar, talvez de casa do diabo, que fica tres leguas para lá dos quintos infernos. Tanto embirrava com êle, que, precisando d'uns sapatos, foi compral-os a Ervidel, já feitos, só para não lhe cruzar as portas.

O coração das mães tem singulares predicados divinatorios, e o da mãe da Amelia Rodrigues dizia-lhe que aquele homem havia de causar a sua desgraça.

Evitava o mais possivel cumprimental-o — bons dias!... bôas tardes — e quando o via entrar n'um balho em que a filha andasse, a sua vontade era pegar n'um braço da moça e leval-a para casa, só para não balhar com ele. Preguntou-lhe um dia a Amelia que escandolas tinha do homem para lhe ter tanta quesilia.

— Não tenho nenhumas; mas se o diabo o levasse d'aqui, sem demora, dava uma canada d'azeite á Senhora do Castelo, e oferecia um alqueire de trigo á Senhora da Colla, para ajuda da sua festa. Não está mais na minha mão, acabou-se. Em encarando com o homem, é como se visse bicho peçonhento.

Era o presentimento da tragedia que se preparava; o vago mas angustioso presentimento da catastrofe que rugia ao longe, imperceptivel para todos, excepto para a pobre mãe, cuja sensibilidade hypersthesiada lhe permitiria ouvir o nascer das hervas, se isso pudesse ter alguma relação com o futuro da filha.

Deixara o mestre Antonio de ser uma pessoa estimada pela familia da Aldeia, a tal ponto que nos balhos as moças lhe davam o cabaço, e logo a seguir iam balhar com outro, fazendo de conta que não o viam. Uma vez que se meteu a tirar despiques a uma das moças que assim procedera para com ele, armou-se um tal laneiro, que por um triz o balho não acaba em pancadaria grossa, que o mestre Antonio prudentemente evitou, apercebendo-se a tempo de que estavam todos contra si.

Os caçadores, se ele se metia na jolda, não o mandavam embora; mas limitavam-se a responder a alguma coisa que ele perguntava, deixando ver claramente que os não interessava a companhia.

Na taverna já o seu dinheiro não andava na casa dianteira, e notavam os seus velhos companheiros de sucia que ele, em se podendo escamugir, fazia de conta que não era da pandega, quando lhe chegava a vez de dizer ao taverneiro — bóte lá, sr. Manoel.

Trabalho sempre lhe aparecia algum, mais procurado para concertos que para calçado novo, apezar de reconhecerem todos que a obra que lhe saía das mãos era bem acabada, e a sua paga não era excessiva.

— Sempre gostava de saber que mal fiz eu a esta gente, para me tratarem de tira-virão, alguns arrodeando caminho só para não cruzarem comigo ?...

Entretanto recebia o mestre Antonio os papeis que pedira, documentos necessarios para casar, e logo a nova se espalhou de que ele casaria com a Amelia, devendo realisar-se o casamento em breves audiencias.

Não houve na familia da Aldeia uma unica pessoa que não fizesse este comentario, sinceramente magoado — mal empregada !

A mãe da Amelia opoz-se terminantemente a que ele fosse pedil-a, jurando que o poria na rua se ele tivesse o atrevimento de lhe cruzar os portais da porta.

Dizia a quem queria ouvil-a :

— Não posso prohibil-a de casar, porque já fez

vinte e dois anos, e a lei está a seu favor; mas com o trongo do marido nunca me entrará em casa, nem que eu sinta a morte nos gorgomilos.

Tratou o mestre Antonio de preparar a sua casa de solteiro para o seu viver de casado, problema facil mas um bocadinho dispendioso, embora a Amelia, rapariga pobre, a esse respeito não tivesse exigencias acima da sua condição.

A casa tinha tres divisões, e um quintal com poço.

Uma das divisões, a da entrada, seria a oficina; outra seria cumulativamente cosinha, dispensa e casa de jantar; a terceira com uma janelinha para o quintal, quasi uma fresta, seria o quarto de cama.

Casa havia; faltava a mobilia, e esta falta era embaraçosa, porque o mestre Antonio estava á divina. A sogra não daria nada á filha, nem sequer uma cadeira, uma vassoura ou um capaxo, condescendendo em deixal-a sair de casa levando a roupa de seu uso.

Depois de matutar no caso, mestre Antonio tomou uma resolução heroica — pedir dinheiro ao sr. Filipe Gomes, que era o homem rico da aldeia. Pouca lidação tinha com ele; mas toda a gente o considerava um homem franco, não propriamente um mãos rôtas, mas pessoa amiga de servir, quando lhe pediam emprestado, e amigo de bemfazer, quando lhe pediam esmola.

Pedir-lhe-hia cincoenta mil réis, com a promessa de lhe pagar a pouco e pouco, e mais depressa lhe

pagaria se ele quizesse dar lhe trabalho, o que até então ainda não fizera.

O sr. Filipe Gomes era um solteirão incorrigivel, já com os quarenta em cima dos hombros, mas rijo e desempenado como ao dobrar os trinta. Professava a maxima zoologica com aplicação ao genero humano — um boi solto lambe-se todo. Ainda muito novo, acabava de se livrar das sortes, deixou-se embeiçar por uma lavradora do concelho de Odemira, que conhecera em Mil Fontes, n'uma temporada de banhos, só não casando com ela porque a bôa da serrenha lhe pediu uma espera de quatro mezes, e antes de findar esse prazo se explicou com um cachôpo que parecia um novilho. Jurou aos seus deuses não pensar mais em casar, e como perdera de todo a confiança nas mulheres, jurou tambem não ter amante teuda e manteuda, considerando que a mancebia, sem ter nenhuma das presumidas vantagens do casamento, tem todos os seus inconvenientes conhecidos.

Tinha em casa uma creada que se lembrava muito bem d'ele ter nascido, e da festa rija que houvera por ocasião do seu baptisado, justamente no dia em que ela fazia dezoito anos. Para a pequena lida da casa, chegava muito bem uma só creada; mas o sr. Gomes tomara encargo d'uma afilhadita sem pai nem mãe, mortos ambos com intervalo de poucos mezes, não lhe sofrendo o animo ver a moça pequena, ainda incapaz de qualquer trabalho util, que lhe rendes-

se para o sustento e vestuario, caida na lama das ruas e levada no enxurro a caminho de todas as miserias.

N'uma terra de gente pobre, o sr. Gomes podia considerar-se rico, senhor e possuidor d'uma excelente morada de casas, que era a sua habitação, d'uma herdadola com montado de azinho e terras de semeadura, que herdara de seus pais, uma vinha castiça, que andava por uns dez milheiros, e um bocadito de olival, n'uma cêrca perto da Aldeia, d'onde tirava tres moeduras em anos de bôa novidade. Fazia uma pequena lavoura, achando mais comodo e mais rendoso dar as terras á ração. Dizia-se que tinha o seu par de vintens, dinheiro que pouco lhe rendia, porque não gostava do negocio de juros e não era homem que comprasse aqui para vender além, não porque tivesse mêdo de perder, mas porque lhe repugnava fazer comercio. Gostava de suciar, mas não entrava na taverna. Em sua casa nunca se acabava o vinho e a aguardente, e com frequencia o sr. Gomes reunia ali tres ou quatro amigos, banqueteando-se como n'uma função que não acabasse no mesmo dia em que principiara.

Cascava-lhe menos mal, o sr. Gomes, mas ainda ninguem o vira aos pendões na rua, e quando o procuravam em casa, se tinha bebido até acarrar, dizia a creada que não podia receber, por estar constipado.

Da sua porta não se ia um pobre sem esmola, e aos enfermos a quem faltavam todos os recursos, pa-

gava medico e botica, e mandava-lhes a casa, a cada um conforme a sua doença, os adequados meios para se alimentarem.

Todos na Aldeia o estimavam, porque todos lhe deviam favores, e além de o estimarem, respeitavam-n'o porque ele não era mole de queixos. Um ano, na feira de Castro, n'uma barraca de bacalhau frito, pegou-se de razões com um valentão de Almodovar, e como das palavras passassem aos actos, zurziu o homem e mais uns quatro fulanos que o acompanhavam, pondo-os em tal estado que nenhum poude sair d'ali pelo seu pé.

Era muito desembaraçado, e com um bom cacete nas unhas era homem para varrer uma feira. Felizmente que os homens como o sr. Gomes, valentes no mais rigoroso significado da palavra, nunca são desordeiros nem provocadores; aceitam as situações que lhes criam; não voltam a cara ao perigo que os ameaça, e quando precisam afirmar os seus brios e pundonor fazem-n'o a dentro da justa medida, como que procurando que a legitima defeza não toque as raias da agressão desnecessaria.

Dizia-se á boca pequena que o sr. Gomes tinha amizade com a mulher d'um algarvio, que trabalhava na sua herdade, arvorado em feitor, um paz d'alma que andava n'este mundo por ver andar os outros, animal docil que não sacudiria a canga do matrimonio, ainda que os respectivos canzis se lhe espetassem na cabeça. A verdade é que esses amores adulteros, se era certo existirem, não eram objecto de

escandalo, havendo muita gente que ia jurar que o sr. Gomes, talvez por defeito de nascença, não precisava de ser santo, porque lhe seria impossivel não ser casto.

Sem dizer nada á Amelia, mestre Antonio foi bater á porta do sr. Filipe Gomes, que mal o conhecia, e nem sequer era seu freguez, talvez de proposito deliberado, talvez por não ter necessitado, até áquele momento, de utilisar os seus serviços. E era o demonio, uma recusa, porque na Aldeia não havia mais ninguem que pudesse servil-o, e fóra da Aldeia não tinha ele credito para levantar um pinto. As economias da Amelia chegariam escassamente para as despezas do seu enxoval, reduzido ao minimo. Visto a mãe não consentir que o futuro genro lhe puzesse os pés em casa, achava a moça que o melhor era não haver função, passando-se tudo como se de casamento se não tratasse, saindo ela de casa para a Villa, acompanhada da madrinha, e da Villa regressando ela e ele à Aldeia, instalando-se em sua casa sem a classica jantarada e o balho correlativo.

Fôra e continuava a ser muito amiga da mãe, e segura estava de que a oposição que ela fazia ao seu casamento, a ponto de a deixar sair de casa como uma creada despedida, derivava tão sómente do muito amor que lhe tinha, podendo ser tambem um pouco de ciume, não querendo partilhas n'um afecto a que se julgava com direitos exclusivos. Mais tarde, quando a visse feliz, quando reconhecesse que o seu

Antonio lhe dava a estimação devida, voltaria a ser para ela o que sempre tinha sido — mãe amoravel capaz de todas as dedicações e sacrificios, e para ele, o genro, uma sogra afectuosa, a desmentir a lenda.

Far-se-hia o casamento sem função; mas nem por isso ele deixaria de fazer despezas que não cabiam no seu orçamento, e como não podia lançar impostos, recorria ao emprestimo, como os Governos fazem.

Bateu devagarinho, a mêdo, á porta do sr. Filipe Gomes, e foi a moça pequena que veio abrir, perguntando-lhe o que queria.

— O sr. Filipe está em casa?

— Está.

— Diga lhe que está aqui o mestre Antonio que deseja dar-lhe uma palavrinha.

Foi a pequena com o recado, e voltou sem demora, dizendo ao mestre Antonio:

— Faça favor entre cá para dentro, que o meu padrinho já vem.

Não se fez esperar o sr. Filipe, mal pensando no que lhe queria o mestre Antonio, com quem mal trocara meia duzia de palavras, uma tarde, encontrando-o casualmente no caminho da Villa.

Feitos os cumprimentos, mestre Antonio explicou ao que vinha:

— O sr. Filipe hade desculpar o meu atrevimento, mas a gente, quando precisa, a quem o pode servir

é que se chega. Estou para casar com a Amelia Rodrigues — o sr. Filipe hade já saber?... — e como a freguezia, ultimamente, tem afracado, e me faltaram com o pagamento d'obras que eu contava que fossem pagas no acto da entrega, vejo-me em dificuldades para governar a minha vida. Pelas minhas contas devo gastar com o casamento uns cem mil réis, mas cincoenta tenho eu, vindo só a precisar d'outros cincoenta. Na terra não ha senão o sr. Filipe, que me possa valer, e como estou aqui estabelecido ha uns poucos de mezes, e o meu porte tem sido o que toda a gente sabe, não tendo de que me envergonhar diante de ninguem, lembrei-me de vir incomodar o sr. Gomes, pedindo-lhe o favor de me emprestar o que me falta para as despezas do meu casamento, na certeza de que o primeiro dinheiro que me fôr entrando em casa, será para lh'o vir trazer. O juro será o que o sr. Filipe disser.

— Eu não empresto dinheiro a juros; se lhe disseram o contrario disto, disseram-lhe uma refinada mentira.

— A mim ninguem me disse semelhante coisa, sr. Filipe, e se eu em tal falei, foi por considerar que me não ficava bem pedir-lhe dinheiro emprestado, gratuitis. Queira perdoar se o ofendi, sr. Filipe; mas eu considerei que já seria um grande favor emprestar-me o dinheiro com algum lucro, e atrevi-me a falar de juros para vocemecê não me tomar por um chupista.

— Está bem, não falemos mais d'isso. Se quer

levar já o dinheiro, ele está aqui ouvindo a conversa.

— Pois se o sr. Filipe me faz o favor...

Meteu a mão na algibeira da jaqueta, a algibeira de dentro, tirou déla uma bolsa de riscado, da bolsa tirou onze libras que passou ás mãos do mestre Antonio, acrescidas de cinco tostões em prata, que tirou da algibeira do colete.

— Conte...

— Não é preciso; vocemecê já contou.

— Posso ter-me enganado.

Contou; estava certo.

Abalou, desfazendo-se em agradecimentos, e prometendo pagar logo que as circunstancias lh'o permitissem. Seria agora mais assiduo no trabalho, menos frequentador da taverna, e a caça que matasse, em vez de a consumir na pangalhada, como até então, reverteria toda em seu exclusivo proveito, vendendo o que restasse dos gastos de sua casa.

Se a jornada a casa do sr. Gomes seria a estrada de Damasco em que se operasse a conversão d'aquele Paulo de sola e vira?

Ficou á porta, o sr. Gomes, até o mestre Antonio desaparecer, dobrando a esquina mais proxima, recolhendo-se então, a murmurar por entre dentes:

— Tem má pinta, o raio do homem.

*

Andava num brinco a casa da Amelia, pouco guar-

necida de mobilia, mas cada coisa no seu logar, as paredes muito brancas de cal, e o soalho, de terra batida, sempre tão varrido, tão limpinho, que até se podia lamber o mel que n'ele caisse.

No quintal, com abundancia d'agua, um quasi nada salôbra, semeara salsa, couvinho, hortelã e coentros. Com o alho entra em quasi todos os manjares do pobre, n'um grande taboleiro de terra fôfa, caldeada com cinza, plantou ela alhos, com cebolinho á mistura. Esta abundancia horticola permitia-lhe ser generosa para com as visinhas, que parecia estimarem-n'a, tanto quanto detestavam o marido.

— As artes que teve este figurão, para casar com a melhor moça da Aldeia! Nem a gente sabe onde ela tinha a cabeça quando lhe prometeu casar com ele. Em casa não lhe faltava nada; a mãe tudo era adivinhar-lhe as vontades, não a contrariando em coisissima nenhuma. Para casar assim, antes ficar solteira toda a vida.

De quando em quando a Amelia ia visitar a mãe, e nunca perdia ocasião de lhe dizer que o marido era muito bom para ela, já frequentava menos a taverna, ia raramente á caça e entregava lhe todo o dinheiro que ganhava.

— Estimo isso muito, mas que ele não se atreva a pôr-me os pés em casa, porque o enxoto logo para a rua.

A verdade é que o mestre Antonio, nos primeiros tempos de casado, pareceu entrar n'outra regra de vida; mas isso foi sol de pouca dura. A pouco e

pouco ele foi retomando velhos habitos, a maior parte do tempo passando-o na taverna ou no mato, esquecido dos compromissos que tinha para com os fregueses, os poucos que ainda conservava, por comodidade, não valendo a pena ir á Villa, distante uma legua bem medida, só para deitar meias solas n'umas botas ou remendar com uma tomba um sapato que se rompêra.

Quando a mãe da Amelia sabia que o genro abalara da Aldeia, com a espingarda, calculando que ele só voltaria á noite, mandava chamar a filha, e com ela repartia a sua comida, almoço ou jantar, nunca se esquecendo de lhe dizer que para ela a meza estava sempre posta, não querendo que passasse necessidades, havendo na sua casa com que lhe pudesse valer.

— Tenho esperanças que aquele maldito desapareça como apareceu, importando-se tanto contigo como eu me importo com o tempo que ha-de fazer d'aqui a um ano. Se assim fôr, e queira Deus que assim seja, o mais depressa possivel, não tens senão que fechar a porta, e vir p'ra minha companhia, porque o que cá deixou, cá encontra.

— Credo! Para a minha mãe não ha em todo o mundo homem peor que o meu.

— E não ha, que duvida lhe põe? E mais a gente não sabe o que ele fez antes de vir aqui parar, pouco me custando a acreditar que entrasse n'algum roubo ou morte d'homem.

— Jesus, que é santo o nome de Jesus! A mãe

diz essas coisas, e se o visse n'uma grande aflição, era a primeira a acudir-lhe.

— N'isso é que vocemecê se engana. A unica coisa que lhe faria de boa vontade — Nosso Senhor me perdôe, se é pecado — seria a despeza do enterro.

— Como isto acabava, bem sei eu; mas parece que não sou de qualidade...

— E ainda bem; ao de menos assim, em o levando o diabo, não fica rasto do bicho peçonhento.

*

Ao vicio da caça ajuntou o mestre Antonio o da pesca, podendo dizer-se que a ribeira, a charneca e a taberna eram os angulos d'um singular triangulo dentro do qual se desenrolava a sua vida, inutil como a d'um conego, na frase justa de Alexandre Herculano, que por essas e outras a clericalha tratou desapiedosamente, sem o minimo respeito pelo seu enorme talento, pelo seu modelar caracter e pela ingenua pureza das suas crenças religiosas.

A caça era para ele, de certo modo, um vicio lucrativo, porque atirava bem, sendo raro andar um dia inteiro a bater mato e regressar a casa sem duas ou tres peças, conforme a epoca do ano. A's vezes a Amelia vendia um coelhote, uma lebre ou uma perdiz, e com isso fazia uns magros vintens, que empregava nas coisas precisas e de menor custo.

Um dia, chamando uma pequenita que andava a brincar, na rua, em frente da sua porta, deu-lhe um coelho, com este recado:

— O' Chica, leva isto á minha mãe, e diz-lhe que mando eu, que é para o seu jantar.

A pequena foi n'um pé e voltou no outro, trazendo o coelho, porque a mãe da Amelia não o quiz aceitar.

— Leve lá o coelho á senhora Amelia, e diga-lhe que eu estou proibida pelo medico de comer carne de qualquer especie.

Nos velhos tempos em que decorreu esta historia, e nos sitios em que ela decorreu, vendia-se um coelho por tres ou quatro vintens; uma lebre, quando se vendia cara, vendia-se por dois tostões, o que só sucedia por festas do calendario, baptisados ou casamentos. A carne da lebre é seca, muito mais seca que a do coelho. Guisada com batatas é excelente; mas cosida com arroz e grão de bico era um dos melhores jantares que se comiam em minha casa, de bôa mas pouco variada cosinha.

Tudo era barato, n'aquele tempo, e mais barato do que tudo era o trabalho humano. Ganhava um homem, no campo, a trabalhar de sol a sol, menos do que hoje ganha numa hora, e as mulheres, então, coitadas, só pelo facto de serem mulheres, nunca passavam do salario-mizeria, o salario-fome, mal ganhando para o concerto dos sapatos as que trabalhavam longe de casa, na monda, na apanha da azeitona ou na ceifa.

As peugas e as meias, trabalho caseiro, eram o luxo de poucos homens e de muito poucas mulheres, sendo frequente n'um rancho de trinta mondadeiras,

por exemplo, não haver mais que um ou dois pares de meias para todas. As ligas eram uma tira de pano, sem outro prestimo, quando não eram uma especie de torcida, apertada abaixo do joelho.

Dizia o mestre Antonio, desdenhoso do que a mulher ganhava, procurada para todos os serviços, porque em tudo era perfeita e desembaraçada como poucas:

— Ganhos de mulher!

Nem sequer reflectia que sem esses ganhos minimos já ele teria entrado na regra do jejum forçado, mas jejum sem consoada, nem sequer enchendo a barriga na refeição do meio-dia.

Uma tarde, tirando o avental, n'um repente, pegou no chapeu e na espingarda e abalou, porta-fóra, na pressa de quem vai tirar o pai da forca.

— O' homem, que mosca te mordeu?

— Vou buscar um coelho para a ceia.

N'esse dia, como em muitos outros, o jantar fôra um naco de pão e uma isca de toicinho crú, escusando-se a Amelia a comer do toicinho para que ele tivesse mais abundante conduto.

Quasi na orla do mato, de guarda a uns bacoritos encontrou o tio Francisco Garcia, pobre velho que fôra um esforçado trabalhador, e se via agora reduzido a fingir que ganhava o comersinho que lhe davam, pedindo a Deus que durassem emquanto ele vivesse os farrapos que o cobriam.

— Boas tardes, tio Francisco.

— Venha com Deus, mestre Antonio.

Apeteceu-lhe ficar ali, um bocado, a conversar com o velhote, que ás vezes lhe aparecia em casa, muito amigo da Amelia, da mesma idade do seu primeiro neto, com o qual fôra creada, a mãe d'ela dando de mamar ao pequeno, que mais tarde, sendo já homem-sinho, abalou de casa, uma noite, não havendo mais noticias d'ele.

— Antes tenha morrido, do que ande por esse mundo, desgraçado.

Com a manga da jaqueta limpou o tio Francisco os olhos, afogados em lagrimas, e reprimindo um soluço, que tinha entalado na garganta, disse ao mestre Antonio, dando novo rumo á conversa:

— Esta terra, para a sua Arte, não deve ser má. Depois, como não ha outro...

O mestre Antonio disse que sim, que a Aldeia não era má para um Artista da sua classe, mas que ele viera para ali em má hora, pois nunca fôra grande a freguezia, apezar de não haver outro mestre do mesmo oficio, preferindo muita gente ir aos sapateiros da Vila a dar-lhe a ele que fazer.

— E' bem certo que os santos de casa não fazem milagres, e eu nem sequer da casa sou.

O tio Francisco, procurando animal-o, disse-lhe que a freguezia, ali como em toda a parte, não vem de repente; que é preciso dar tempo ao tempo. A principio havia a desconfiança d'ele não se demorar, passaro de arribação — um belo dia vae-se, da mesma forma que veio. Agora não. Casado com uma

moça da Aldeia, era como se ali creasse raizes, cada vez mais valentes, com o correr dos anos.

— Pode-se gabar, mestre Antonio, que apanhou a melhor cabeça do rebanho. Não desfazendo em ninguem, a Amelia é uma moça como ha poucas; aquilo é trigo sem joio. Nos arranjos da casa não ha quem o faça melhor, tanto com respeito ao comer, como no que pertence á costura, que ela nunca deu cinco réis a ganhar para lhe fazerem a sua roupa e a da mãe, e até o fato do pai ela cortava e cosia como se fosse um alfaiate. Vocemecê bem sabe quem meteu de portas a dentro; se tem calhado com alguma d'essas ranhosas que ha para ahi, impostoronas e desmazeladas, o seu aconchego havia de ser outro, e quando vocemecê quizesse a casa varrida, havia de a mandar varrer, quando quizesse um botão pregado na camisa, havia de esperar que ela se resolvesse a pregal-o, se lhe não dissesse como muitas por ahi dizem aos maridos — se tem muita pressa, pegue nas linhas e na agulha, e pregue-o á sua vontade.

E aconselhou:

— Vocemecê, mestre Antonio, no meu fraco entender, devia semear, uns baguinhos, que isto da gente não ter senão o que tira do seu trabalho ou do seu oficio, os que o teem, é uma triste coisa.

— O tio Francisco diz bem; mas eu, para semear uns baguinhos, precisava de os ter, e não os tenho; precisava de terra para fazer a sementeira, e não tenho um palmo de chão a que possa chamar meu. As egiras custam dinheiro, e eu não o tenho; as mondas

não se fazem de graça, nem as mondas nem a ceifa. Se eu tivesse posses para tudo isto, tio Francisco, não precisaria de semear uns baguinhos, porque mesmo sem isso teria o necessario para o governo da minha vida.

— Desculpe, mestre Antonio, mas vocemecê, n'este particular, não discorre bem. Qualquer lhe empresta trigo para a semente, e uma ou duas geiras de bestas, paga-as vocemecê a deitar meias solas. A Amelia faz-lhe a monda e a ceifa, sem a ajuda de ninguem, e com um burro e umas cangalhas, se o caminho fôr curto, em meio dia põe vocemecê o pão na eira. Já vê que o caso é mais simples do que se lhe afigura, e se vocemecê tomar o meu conselho, verá que não se hade arrepender.

— E a terra, tio Francisco?

— Ora a terra!... Se vocemecê pedir ao lavrador Filipe um bocado de relva, ele não lhe diz que não. E até, se o apanhar de bôa catadura, empresta-lhe a semente e dá-lhe as geiras que forem precisas. Tome o meu conselho, mestre Antonio, e verá, se Deus o ajudar, que nunca mais anda á espiga falida.

— Ha uns poucos de mezes que vivo aqui, na Aldeia, e lidação com o lavrador Filipe, não tenho nenhuma. Ele nem sequer é meu freguez. Que mais não fosse, em todo este tempo já podia ter mandado a minha casa um par de sapatos ou umas botas para qualquer pequeno concerto. Já me lembrei que talvez o homem não goste de mim, sem rasão nem mo-

tivo, e por isso faz de conta que na terra não ha um sapateiro, mandando á Vila para o mais insignificante remendo. De modo que se eu lhe fosse bater á porta...

— Se lhe fosse bater á porta, estou que vinha de lá servido. Ele gosta de obsequiar, e mesmo pessoas que mal o conhecem, gente que não é da Aldeia, pedem-lhe favores que ele podia muito bem recusar, e ele serve-as de boa vontade, ás vezes com a certeza de que não lhes porá mais a vista em cima. E' uma bela pessoa, muito obsequiador, muito amigo de servir.

Era já tarde para ir caçar no mato, e era a hora apropositada para fazer uma espera aos coelhos.

O tio Francisco despediu-se, enrolando os bacoritos e pondo-os a caminho da Aldeia, e o mestre Antonio, para mais bem disposto com a conversa, foi pôr-se atraz d'uma grande junqueira, no barranco que passa ali perto, correndo com os olhos a orla do mato, a ver se algum mitra, a sapelguear, se lhe vinha oferecer para a ceia.

Já do sol não havia noticias, senão pelo tom vermelho ou acobreado que tinham algumas nuvens altas, e na Aldeia começavam os telhados a fumegar, sem chaminé a quasi totalidade das casas, a tornar-se mais densa, a cada instante, a sombra que ia enchendo os vales, mal se ouvindo no silencio da noite proxima, uma vibração de vida.

*

Levou toda a noite o mestre Antonio a ruminar a conversa que tivera com o tio Francisco, ás voltas e reviravoltas, como se ali estivesse Morpheu e andasse a jogar com ele, em cima da cama, o jogo da cabra cega.

Qual dormir nem meio dormir!

O velhote, n'um encontro d'acaso, sumariamente informado ácerca das aflictivas circunstancias da sua vida, dera-lhe um conselho que ele desejava tomar, e apresentara-lhe um caminho que ele tinha medo de seguir.

Com que cara havia de ir outra vez a casa do lavrador Filipe, a pedir-lhe fosse o que fosse, se ainda lhe não pagara os cincoenta mil réis que ele lhe emprestara, sem nenhuma garantia e quasi sem o conhecer?

Mas se fechasse essa porta, se não tentasse esse recurso, a mizeria instalar-se-hia definitivamente em sua casa, certo já agora de que não recuperaria os freguezes que perdera, e tendo por igualmente certo que novos freguezes não viriam.

A mulher não podia ajudal-o mais do que ajudava, só ficando em casa quando não havia trabalhos do campo, e em casa fazendo roupa que lhe encomendavam, e quando não tinha encomendas, fazendo meias de linho ou algodão para vender.

Pegou no somno já ao clarear da manhã, e tendo dormido pouco mais d'uma hora, saltou da cama com

excepcional desembaraço, na boa disposição de quem aproveitou bem a noite para tonificar os musculos cançados e refazer energias perdidas.

Estava tomada a sua resolução.

Aproveitaria o conselho do tio Francisco, mas não iria ele a casa do lavrador Fiiipe. A Amelia saberia muito bem dar o recado, e ha, geralmente, menos coragem de dizer que não a uma mulher que a um homem, sobretudo quando a mulher que pede não é velha nem é feia.

Logo no dia seguinte o sapateiro foi á Villa, e á noite quando regressou, disse á mulher que soubera por um soldado, em gôso de licença, que no hospital de Beja estava de cama, gravemente enfermo, um rapaz da sua terra, de quem era primo e muito amigo, e que já por varias vezes, no delirio da febre, perguntara por ele, dizendo que o queria ali ver.

Iria vêl-o, e talvez por lá se demorasse uma semana.

— E dinheiro para a viagem?

— Pedi cinco mil réis ao Chico Anacleto, dizendo-lhe que era para comprar sola e carda, e ele emprestou-m'os. Estou em que chegue e sobeje.

Foi só á hora da abalada que ele comunicou á mulher os seus projectos, arquitectados sobre uma sugestão do tio Francisco, honrado velho que mal pensava, ao dar-lhe um conselho amigo, que empurrava aquele malandrim para um plano inclinado de ignominias, ao fundo do qual estava o crime.

— Tenho cá pensado, Amelia, que a gente não pode, por mais que faça, passar toda a vida assim. Umas vezes não temos para o almoço, outras vezes não temos para o jantar, e quando Deus quer não temos para o jantar nem para o almoço, dando-nos por felizes se temos um bocadinho de pão sêco para a ceia. Confesso que, por minha culpa, perdi uma bôa parte da freguezia que tinha, mas ela não voltará por mais que eu faça, e sem ela o oficio não rende para comer.

Calou-se, por instantes, como que a reflectir, e continuou:

— Se tivessemos uma searasinha, sempre era uma ajuda. Os trabalhadores da aldeia, que vivem só da jorna, sem mais nada, passam a vida negra que nós passamos, mesmo os que teem filhos que já trabalham, caçando todos para a mesma mochila. Os que semeiam, governam-se bem, porque a ceara nem sempre é ruim, e os que não semeiam, mas ganham trigo em salario, esses escapam sofrivelmente, o ponto é haver saude. Tenho matraqueado muito n'isto, e parece-me que descobri a maneira de sairmos de tamanho aperto, se tivermos a sorte de encontrar uma alma compadecida.

— Hoje em dia ha pouco quem se compadeça.

— Não é tanto assim. Bem sabes que ainda estariamos noivos, se não tivesse encontrado um homem compadecido que me emprestou o dinheiro para as despesas do casamento.

— Pois sim, mas lavradores Filipes ha um só, na

Aldeia, e talvez em toda a freguezia se não encontre outro como ele.

— Não vou fóra d'isso, e tanto assim que no lavrador Filipe é que eu penso para nos acudir mais uma vez.

— Essa agora é melhor! Ainda lhe não deste cinco réis do dinheiro que ele te emprestou, e já queres ir pedir-lhe mais? Olha que é preciso ter bôjo para uma coisa d'essas.

— Será o que tu quizeres; mas quando a gente não tem senão uma vereda para ir ao seu destino, é por ela que toma, sem olhar ao que possa acontecer. Ora ouve bem o que eu te vou dizer, e não te arrufes antes de tempo.

Fez uma pequena pausa, e prosseguiu:

— A minha ideia é esta: — Tu ámanhã vaes a casa do lavrador Filipe, e dizes-lhe que eu já tinha quinze mil réis para lhe dar, mas precisei ir a Beja, por causa do tal rapaz, e quiz ir prevenido com algum dinheiro, para o que desse e viesse. O homem hade meter conversa, e tu então falas-lhe da seara, para acudir ás nossas precisões, e se ele não se descoser com o oferecimento, pedes-lhe tu um bocado de terra e uma mancheia de trigo, prometendo que tudo será pago na colheita.

— A mentira está muito bem arranjada; mas eu é que não tenho cara para me apresentar na casa do homem, e dizer-lhe essas pantominas todas que tu tens estado para ahi a alcatear. A minha creação foi outra.

— A tua creação foi outra; mas agora tens que fazer o que te digo, ou não tornas a pôr-me a vista em cima, que eu não estou para viver n'este inferno, sempre com falta de tudo, ás vezes querendo um bocado de pão, e não o tendo no taboleiro, metendo a mão nas algibeiras, á procura d'um vintem, e só encontrando cotão.

— Ao que eu havia de chegar Santa Mãe de Jesus! Bem creada, mal fadada, e sabe Deus se ainda terei de sofrer mais enxovalhos e passar por maiores vergonhas!...

— Deixa-te de cantigas, mulher, que com isso nada remedeias. As colsas são o que são, e tudo o mais é historia. Bem entendido, tu não dizes á tua mãe uma palavra d'esta conversa; ela tratava logo de te despersuadir, mas não se lembraria de nos mandar com que encher a cova d'um dente.

Abalou o mestre Antonio, da Aldeia, dizendo que ia para Beja, palmilhando o caminho de noite, por causa do calor, sem receio de maus encontros, armado d'um fangueiro de zambujo.

Mal se levantou, no dia seguinte, pela manhã, a Amelia foi ter com a mãe, e contou-lhe, tim-tim por tim-tim, a conversa que na vespera tivera com o marido.

— Tu não fazes semelhante coisa, Amelia! Era só o que faltava.

— A mãe diz muito bem; mas se estivesse no meu lugar...

— Se estivesse no teu lugar, ainda que tivesse de comer terra, largava esse homem, na mesma da hora em que ele tivesse o atrevimento de me fazer semelhante proposta. Parva que tu és! Então não vês que ele o que quer é negociar comtigo, entregar-te a um homem rico para comer e beber regaladamente á custa da tua honra?... Um homem com sentimentos, quando visse que só assim podia viver, dava um tiro na cabeça, para se livrar de tal vergonha, a maior que se possa imaginar.

Limpou os olhos, cheios de lagrimas, e fazendo um esforço heroico para não romper n'um choro descomposto, concluiu:

— Não, minha filha; tu não fazes o que esse malandro te aconselhou, e não voltas para a sua companhia, que eu nem sei do que ele é capaz. Amanhã vamos para os Gasparões, e quando ele tiver desarvorado da Aldeia, voltaremos para a nossa casa.

Muito serena, os olhos enxutos, com uma firmeza que se impunha, a Amelia disse á mãe:

— Estou farta de saber que fiz mal em casar; mas casei, e a vontade do meu homem será sempre a minha. Se eu fôr a casa do lavrador Filipe, não me cae a honra no caminho, e por sorte que o homem perderá a cabeça em me vendo, e se atire a mim como gato a bofe. Mulheres como eu ha muitas na Aldeia, e não se me consta que ele se tenha metido com alguma, acenando-lhe com o seu dinheiro.

E rematou, com fria e inabalavel resolução:

— Só as crianças se enganam com promessas, e só os medrosos se acovardam com ameaças. Não se perde senão quem se quere perder, e eu tenho muita confiança em mim, para andar por todos os caminhos, a todas as horas do dia e da noite, sem medo de cair em armadilhas.

A mãe ouviu-a em silencio, palida e fria, muda como a esphinge, contrafeita como a dôr, inquieta como o desespero. Tambem ela, a pobre mãe, como tres dias antes o mestre Antonio, havia tomado uma resolução. Iria para casa d'uma irmã viuva, que tinha nos Gasparões, certa de que a filha se perderia, explorada pelo marido, e não querendo que a sua presença na Aldeia d'algum modo auctorizasse a suspeita da sua indiferença ou da sua cumplicidade na pratica de tamanha infamia.

Procurando tornar firme a voz um bocadinho tremula, mal encarando a filha, que ainda não era culpada, mas tambem já não era, pelos vagos pensamentos deshonestos que se adivinhavam nas suas palavras, aquela criança inocente, toda candura e meiguice, que lhe saira de casa para se unir áquele monstro, a sogra do sapateiro disse á Amelia:

— Como o teu marido só volta lá para o fim da semana, não precisas ir já ámanhã a casa do lavrador. Prometes me que só irás na quinta-feira?

— Prometo, mas com uma condição — a mãe não dirá nada seja a quem fôr da conversa que agora tivemos, e do passo que eu vou dar.

— Prometo.

No dia seguinte, á noite, dormia tudo na Aldeia a mãe de Amelia metia-se n'um carro que a esperava na estrada de Montes Velhos, e a levaria para os Gasparões, fugida como da peste.

*

Bateram devagarinho á porta do lavrado Filipe, e logo a moça pequena, sua afilhada, foi vêr quem era.

— Vocemecê quer alguma coisa ?

— O sr. Filipe está em casa ?

— Entrou agora mesmo pela porta do quintal.

— Olhe, menina, diga-lhe lá que está aqui a mulher do mestre Antonio, que lhe deseja falar.

Foi a pequena levar o recado in-continenti, mandando entrar a senhora Amelia, para o *escriptorio* do sr. Filipe, uma casa ladrilhada em que ele tinha uma pequena mêza com gaveta, quatro cadeiras d'Evora, uma grande arca de castanho, com fechaduras, e um bahú preto, com pregaria amarela, que desempenhava as funções de cofre forte.

— Assente-se, faça favor, que o padrinho já vem.

Efectivamente o sr. Filipe não se demorou, e encontrando a senhora Amelia de pé, fel-a sentar-se na cadeira mais proxima da sua, do mesmo lado da secretária, em cima da qual havia papeis, uma regua, um tinteiro de chumbo, uma caneta, uma borracha e um grande ouriço do mar.

— Então diga lá o que deseja...

Levantou-se a Amelia, em signal de respeito, e arregaçando um bocadinho o avental com as duas mãos, muito comprometida, medrosa e acanhada, dispoz-se a dar o seu recado.

— O sr. Filipe hade desculpar...

— Pois sim, eu desculpo tudo, mas vocemecê hade sentar-se, que eu assim não oiço bem.

Esta gentileza do lavrador, que para toda a gente era atencioso e delicado, poz logo a mulher do mestre Antonio á vontade, já sem lhe tremerem as pernas e sem embaraços na fala.

— O meu Antonio é que estava para vir falar com vocemecê, mas ante-hontem foi á Villa, e lá soube que um primo, de quem é amigo, como se fossem irmãos, está no hospital de Beja, muito doente, e pediu já umas poucas de vezes para o chamarem, porque não quere morrer sem tornar a vêl-o. Deliberou logo abalar, e como em Beja não conhece ninguem, o dinheiro que tinha, e que eram quinze mil réis, já apartado para lh'o vir trazer por conta, levou-o, que isto, como o outro que diz, quem vai para o mar avia-se em terra. De modo que me disse para eu vir falar com o sr. Filipe, contar-lhe o sucedido, e pedir-lhe desculpa d'este transtorno que nos obriga a faltarmos á nossa palavra. O primeiro dinheiro que acarearmos será para vocemecê, que hade fazer a esmola de nos esperar...

— O seu marido não me prometeu pagar hoje ou amanhã, nem eu, graças a deus, estou precisado da dinheiro, a pontos de me fazerem falta meia duzie

de mil réis. Vão-se governando como poderem, sem ralações por causa do que me devem, que eu não lhes mando a justiça a casa.

— Não sei como lhe havemos pagar tantos favores, sr. Filipe. O meu marido, em voltando de Beja, virá ter com vocemecê, para lhe agradecer.

— Para me agradecer não vale a pena cá vir; mas diga-lhe que venha para me tirar as medidas para um par de botas caneleiras e uns sapatos pretos. Ele tem bôa freguezia?...

— Teve, sr. Filipe. Ao principio de cá estar, não lhe faltava que fazer. Todos diziam que era muito perfeito nas suas obras, e como não esfolava ninguem, uns freguezes traziam outros. Depois, invicionado com a caça, entrou a fazer menos caso do oficio, e o trabalho foi afracando, a pontos que se passa uma semana sem pegar na sovela. Vê-se a gente e deseja-se, sr. Filipe, para arranjar o mantimento, e algum trapinho para se cobrir.

— Porque é que o seu marido não semeia um bocadinho de terra? Uma seara, mesmo inferior, sempre é uma ajuda.

— Ora, sr. Filipe! Essa lembrança já a gente a teve, mas não temos terra, não temos semente, e ainda que tivessemos estas coisas, o que não tinhamos era dinheiro para comprar geiras. Lá quanto á monda e á ceifa, isso não me dava cuidado, porque felizmente sei fazer esses trabalhos, e tenho bom côrpo, graças a Deus, para os fazer. O pão não vai para a eira pelo seu pé e o carrêgo custa di-

nheiro; a debulha ninguem a faz pelo amor de Deus. Costuma-se dizer que quem não semeia não colhe; mas o que hade semear quem não tem nada de seu?

— Pois olhe, senhora Amelia, se o seu marido estiver disposto a semear uns baguinhos, eu emprestolhe a semente, dou lhe a terra de graça e as geiras que forem precisas. Em recolhendo a seara, paga-me o que puder pagar, que ás vezes a mexa não dá para o cêbo.

— Isso é uma grande esmola que vocemecê nos faz, sr. Filipe. O meu Antonio, em eu lhe dizendo, fica doido de contente. Tambem, só assim, nós poderemos desenvencilhar a nossa vida.

Ergueu se a senhora Amelia — com sua licença — não querendo prolongar mais a conversa, com mêdo de aborrecer, e renovando os seus agradecimentos, disse ao sr. Filipe que tanto ela como o marido estavam ao seu dispôr, se pudessem servir-lhe para alguma coisa.

— Quem dá o que tem mostra o que deseja, e quem nada tem, como nós, que mais pode fazer senão mostrar o seu reconhecimento fazendo tudo o que as suas fracas posses lhes permitam?

Era o momento decisivo da despedida.

— Passe bem, sr. Filipe.

— Vá se com Deus, senhora Amelia.

Ia ela a pôr um pé fóra do *escriptorio* quando o lavrador a deteve, para lhe perguntar:

— Vocemecê não me disse que o seu marido le-

vou para Beja todo o dinheiro que tinha em casa?

— Pois disse, sim, senhor.

— Mas, então, como é que vocemecê se governa até ele voltar?

A Amelia baixou os olhos, córando, e a sua mudez envergonhada foi a resposta que deu.

Meteu-lhe na mão tres mil réis em moedas de cinco tostões, e disse-lhe que não tivesse acanhamento de o procurar quando se visse em apertos, porque da melhor vontade a serviria.

*

O lavrador Filipe estava farto de conhecer a Amelia, mas pareceu-lhe que a via agora pela primeira vez.

Por acaso, talvez mais provavelmente por coquetismo, ela deixara cair para os hombros o lenço que trazia na cabeça, um lenço amarelo com muitos desenhos, salpicado d'olhos brancos, preso em nó froixo por baixo do queixo. Tinha o cabelo negro de azeviche, naturalmente ondulado, e calculava o sr. Filipe que afogando-se naquelas ondas teria uma vida longa de completa felicidade.

Que bem lhe ficava a penugem, macia de veludo, que lhe sombreava o labio superior, e que frescura havia na sua boca de labios vermelhos, talvez escaldantes de mal contidos desejos! Nunca vira mulher da sua raça que mais se parecesse com uma cigana, mas tambem nunca vira uma cigana que realisasse tão perfeitamente esse typo de beleza.

Seguia-lhe com os olhos o arfar dos seios tumidos, que ele adivinhava, atravez da bata, serem morenos e rijos, como os peitos da Sulamita, o mamilo aspero e vermelho como os medronhos pequeninos!

Repêzo agora, tarde e a más horas, de não ter casado, a aproximação da Amelia, embora de curta duração, fez despertar no lavrador Filipe represados instintos de sexualidade, e um sentimento de vida familial, sob qualquer forma, que é a base de todas as organisações sociaes, desde as mais elementares ás mais complexas.

Que estupido fôra em dar ao caso excepcional da serrenha de Odemira os fóros d'uma regra invariavel, sendo certo que as mulheres, na sua grande maioria, são honestas, e a prova está na facilidade com que se apontam as que faltam aos seus deveres, casadas ou solteiras!

Ao menos podia ter arranjado uma amante, uma rapariga pobre que se lhe dedicasse, senão por amor, ao menos por gratidão, e em qualquer dos casos enchendo o vasio da sua existencia de solteiro, privado das caricias feminis que perfumam a vida, mesmo quando, por falta de prole, a deixam incompleta.

Como que acordara, o lavrador Filipe, d'um longo somno hybernante, somno durante o qual não perdera forças, parecendo antes que acumulara energias, dada a necessidade que estava sentindo de as tornar patentes, exercitando-as conforme a Natureza manda, a Natureza que sempre reage quando a contrariam,

porque ela é a suprema regra a que obedece tudo o que tem vida no Universo.

E fôra a Amelia, a mulher do mestre Antonio, cigana d'olhos negros e cabêlo ondeado, fôra ela que derretera, como o sol, a espessa camada de gêlo em que ele fizera o seu longo somno hybernante, esse somno de vinte anos, pelo menos, porque começara quando uma lufada de vento agreste fizera murchar as ilusões do seu primeiro amor, o funesto amor da mulher serrenha, e durava até agora.

A Algarvia do Monte!...

Não ignorava o sr. Filipe o que na Aldeia se bocarejava a esse respeito; mas a verdade é que essa mulher, sem beleza, sem mocidade, sem graça, considerava-a ele como uma providencial agua do barranco, estagnada e pôdre, que ao caçador mata a sêde, sorvida atravez d'um lenço, nos dias torrificantes da canicula.

Só de a invocar lhe parecia mais bela a Amelia, mais linda, mais gentil, mais louçã e apetitosa, a rescender o perfume d'uma juventude sádia, mulher capaz de dar volta ao miolo d'um santo, anjo do Senhor pela formosura, isca de Satanaz pela fascinação pecadora.

E nunca tinha reparado n'ela, entregue á sua obstinação de macho que assentou em não acasalar, fazendo o minimo de concessões ás exigencias do seu temperamento de animal forte e saudavel. Fechara os olhos no crepusculo do seu entendimento sem cul-

tura e sem experiencia, timido e assustadiço como um animal bravio, e abria-os agora, no esplendor d'uma aurora boreal, na alacridade d'um sol dos tropicos, luminoso como um foco eletrico e quente como uma fornalha acesa, pondo nas coisas animadas ou inertes vibrações e anceios d'uma alma a trasbordar d'amores e desejos.

A Algarvia!

Esse mostrengo de nariz grelado, desengonçada e magra, fecunda como as coelhas, fria como as geadas, a Algarvia nem sequer lhe fizera vislumbrar o gôso que só podia dar-lhe a felicidade que resulta d'uma posse desejada, a posse d'um bem que se deseja.

Para fugir de si mesmo, arrancando-se ás suas hezitações, negras de pezares e floridas de esperanças, o sr. Filipe abalou de casa, á procura de conversa, indo lançar ferro na Adega do sr. Romão Salvador, que ali se encontrava, por acaso, com uns amigos, provando um vinhote que não tinha querido vender, reservando-o para o gasto da sua casa — vinho preparado com especiaes cuidados.

A Amelia, chegando a casa, fechou a porta e o postigo; atirou-se para cima da cama, aniquilada, tapando os olhos com a mão, porque a luz a incomodava. Queria estar só e ás escuras; sondar as profundezas da sua consciencia, para tomar uma reso-

lução que decidisse dos seus incertos destinos. Seria como se ajoelhasse no altar, perante o Santissimo Sacramento, revelando-lhe os seus mais intimos pensamentos, os seus mais vagos, menos bem definidos propositos, suplicando-lhe a graça d'uma inspiração que a fizesse tomar pelo melhor caminho, Era já a mulher virtualmente adultera, a pedir a cumplicidade ou o perdão de Deus para o seu adulterio realisado.

Afinal, a mãe tinha rasão.

O marido, cada vez menos amigo de trabalhar e de cada vez mais amigo da súcia, no que pensava era em negociar com ela, entregal-a ao homem que o pudesse sustentar á boa vida, comendo do bom e do melhor, folgando na taverna nos intervalos da caça. Sentia que ele a atirava para os braços do lavrador Filipe, por sordido calculo de vadio, a quem repugna todo o trabalho honesto. A honra da mulher, bem entendidas as coisas, era verdadeiramente a terra em que ele se propunha semear, tendo sempre bôas colheitas, quer chovesse quer fizesse sol. Não tinha a menor duvida a este respeito, como duvidas não tinha sobre o que ele faria se resolutamente contrariasse os seus planos, desobedecendo á sua vontade — anoiteceria e não amanheceria, e nunca mais ela lhe poria a vista em cima, conforme a ameaça que lhe fizera no proprio dia em que abalara para Beja.

Se alguem lhe tivesse dito, uns mezes atraz, que

havia de escravisar-se áquele homem, sacrificando-lhe a propria honra, por môr d'elle perdendo o respeito de todos, o que era muito, e perdendo muito mais de que isso, a amizade, capaz de todos os sacrificios, da mãe para quem ela fôra sempre um ai Jesus onde te porei, se alguem lhe tivesse dito isto, mezes atraz, ela não acreditaria em semelhante vaticinio e tomal-o-hia por grave ofensa.

E, comtudo, o Bandarra nunca profetisou com mais acerto.

A mãe fugira d'ela, como d'um ramo de peste, deixando-a sem amparo e sem conselho; o marido, procurando uma formula habil para disfarçar os seus propositos deshonestos, mandara-a a casa do lavrador, á amostra, esperançado em que á vista do piteu se lhe abriria o apetite.

A despeito de tudo, reconhecia-se agora mais ligada ao seu Antonio do que poderia supôr, tão fortemente ligada que a sua abjecção, entregando-se por dinheiro, não a enchia de furia repulsiva.

O que a captivava n'esse homem?

O seu aspecto varonil, o seu desembaraço de homem forte, as suas maneiras delicadas, a sua voz alta e bem modelada, sobresaindo nos balhos; a sua pericia de caçador, a sua superioridade, em toda a especie de jôgo, sobre todos os moços da Aldeia. Captava-a ainda o segredo, o misterio da sua vida, sapateiro algarvio que um dia, pouco mais tarde que o dealbar da madrugada, aparecera ali sem dizer quem era nem d'onde vinha, — vagabundo

que pretende fixar-se, talvez criminoso que procura asilo.

Depois o mestre Antonio fôra o primeiro homem que a apertára nos braços, que lhe afogueara a cara com beijos, que repousara a cabeça, n'um meio somno de volupia, sobre as suas pômas virgineas.

Uma tarde, quasi ao lusco-fusco, vinha ela da Vilia, encontrou-se com ele no casarão d'um moinho que ficava, pouco mais ou menos, a uns trezentos passos da estrada, n'um pequeno outeiro dominando a vasta planicie á roda. Encontro combinado, está bem de ver, e que só teria logar se por ali não andasse ninguem, áquela hora, maioral ou transeunte, que pudesse dar tento da manobra, indo besbilhoteal-a na Aldeia, rompendo-se definitivamente um segredo que eles se obstinavam em guardar, e tinham conseguido guardar até então.

Ahi, n'esse abandonado casarão, ao abrigo de vistas curiosas e indiscretas, entregou-se-lhe sem a menor resistencia, que mais não fosse aquela artificiosa e simulada resistencia que geralmente oferecem as mulheres que se entregam, condescendendo... com a propria vontade.

Pois bem; do casarão do moinho saira como entrara, sem motivos para se envergonhar diante da mãe, que fôra sempre uma mulher de bem, irrepreensivelmente honesta.

Ao mestre Antonio, apenas seu namorado, oferecera ela toda a pureza da sua virgindade, a tão desejada posse d'um corpo sem mancha, imaculado

como viera ao mundo. A sua honra de moça donzela puzera-a nas mãos d'aquele homem, como se fosse um fructo maduro, que se dá, não para guardar, mas para comer logo. Tudo isto puzera á disposição do mestre Antonio, quando o seu sacrificio, que era então a sua loucura, só poderia dar satisfação plena, e sem compromissos, aos seus apetites de macho errante, hoje aqui, amanhã além.

E que fizera o mestre Antonio?

Não abusára da sua fraqueza; não tivera com ela outras liberdades que não fossem as que o codigo do amor permite, e que sendo muitas vezes desrespeitosas da inocencia, atentorias do pudor, deixam inviolada a castidade.

Reconhecia que tinha para com o marido uma divida de gratidão, e essa divida, que contraira em solteira, queria ele que lh'a pagasse agora, depois de casada.

Em que moeda?

O lavrador Filipe era um homem muito serio; nunca desinquietara uma moça, e na Aldeia não havia quem fosse mais respeitador das mulheres casadas. Falava-se dos seus amores com a algarvia; mas, a ser isso verdade, com tais cautelas procedia o lavrador que muita gente punha em duvida o facto. Depois, raciocinava a Amelia, uma mulher casada a quem principalmente tem que dar contas do seu procedimento, é ao marido, a quem deve fidelidade e obediencia, como dissera o padre, no acto de os arreceber.

Mas os actos que uma mulher pratica, sejam eles quais forem, por conselho, sugestão ou ordem do marido, são actos de obediencia, não afrouxam antes apertam mais os laços matrimoniais.

O demonio...

Queria-lhe parecer que fizera bôa impressão no lavrador.

A insistencia dos seus olhares; um certo embaraço nas suas falas; o acanhamento ou timidez com que lhe tocava no joelho, quando lhe dizia alguma coisa de mais circunstancia; o facto de se conservar á porta, com fingimentos de distração, a vel-a marchar pela rua fóra, só não olhando para trás por vergonha, tudo isto dava á Amelia o convencimento de que o lavrador ficara agradado d'ela, não propriamente preso pelo beiço, mas bem disposto para fazerem relações intimas, aquelas relações que seriam a base d'uma politica agraria, que ao sapateiro tinha sugerido o velho guardador de porcos.

Se assim não fosse, ele não lhe teria feito os largos oferecimentos que lhe fizera, oferecimentos espontaneos, d'uma absoluta e captivante espontaneidade.

Não lhe teria feito tais e tantos oferecimentos, como não lhe teria dado dinheiro, que ela não lhe pedira, para se ir mantendo, sem necessidades de maior, sem privações molestas, até ao regresso do marido.

Sobretudo não lhe teria dito, na despedida, que não tivesse acanhamento de o procurar, quando se

visse em precisão, porque da melhor vontade a serviria.

— Todos nós precisamos uns dos outros; o que hoje tem mais, ámanhã pode ter menos. Não faça cerimonias comigo. Em vendo que lhe posso ser util n'alguma coisa, não tem mais do que dizer-m'o, e será logo servida.

Por sua vez a Amelia tivera a melhor impressão do lavrador.

Nunca tinha feito grande atenção ou reparo n'ele, mas via agora que era um pedaço d'um homem, pouco mais ou menos da altura do seu Antonio, direito como a pritiga d'um carro, largo dos hombros, as mãos cabeludas como as d'um animal de prêsa. Já passante dos quarenta, e ninguem lhe fazia a idade que tinha.

N'esta altura das suas cogitações batem-lhe á porta, chamando-a com insistencia:

— O' Amelia!... O' Amelia!...

Era uma visinha que ia pedir-lhe uma pitada de sal e um dente d'alho para temperar uma açorda.

Do sapateiro não havia novas nem mandados, sendo crença geral que o homem abalára de vez, não se despedindo para não deixar saudades. Só a mulher conhecia o verdadeiro motivo da sua ausencia, mas a esse respeito não dizia uma palavra; calava-se muito bem calada, e até dava mostras, por disfarce, de partilhar a crença de toda a familia da Aldeia.

Uma tarde o lavrador encontrou-a no caminho do barranco.

— Então que noticias tem do seu homem?

— Nenhumas, senhor Filipe. Amanhã vou á Villa, a ver se tenho carta.

— A que horas vai?

— Vou assim á tardinha.

— Se lhe não fizer transtorno, na volta passe pelo moinho, que eu quero dizer-lhe uma coisa.

*

Quando mestre Antonio voltou, ao fim de duas semanas, já não era segredo para ninguem, na Aldeia, que a Amelia e o lavrador se entendiam belamente. Alguem a tinha visto entrar no casarão do moinho, e como isso lhe fizesse especie, deixou-se ficar á côca, a ver se descobria qualquer marosca.

E descobriu.

Primeiro saiu a Amelia, relanceando a vista á roda, e rompendo em direitura á Aldeia, pelo caminho mais curto, e d'ahi por um bocado saiu o sr. Filipe, muito apressado em direcção á Villa, para depois se meter á estrada, a fingir que era da Vila que vinha, e não do moinho derrocado, habitação permanente de morcegos e ninho acidental d'amores clandestinos.

O caso foi logo assoalhado na Aldeia, e desde então a Amelia passou a ser objecto de uma vigilancia policial, muito severa, que a seguia em todas as suas voltas, não perdendo um só dos seus passos.

Muita gente comentava, com surpreza e com magua:

— Quem havia de dizer!

Menos implacaveis que as senhoras visinhas, os senhores visinhos desculpavam a moça, sendo opinião de muitos que se ela tinha de dar aquele passo, antes o desse com o sr. Filipe que com qualquer charepe sem ter onde cair morto.

— Quem a bôa arvore se chega, bôa sombra o cobre.

Posto ao facto da maneira como a mulher cumprira a missão de que a encarregára, o sapateiro mostrou-se radiante de satisfação como quem verifica que assertou em calculos complicados ou como quem ganha uma aposta arriscada.

Tudo ia correndo á medida dos seus desejos e pois que descobrira o filão d'uma mina, o que era preciso era começar imediatamente a sua exploração, que o diabo ás vezes tece-as e seguro é o que a gente tem na mão.

Foi o mestre Antonio pedindo trigo ao lavrador, por conta da seara, e como nem só de pão vive o homem, foi-lhe pedindo tambem, por intermedio da mulher, aquilo com que se compram os melões, e todos os seus pedidos eram prompta e generosamente satisfeitos.

Agora mais do que nunca, o sapateiro entregava-se á mandria, dias e dias sem pegar na sovela, logo pela manhã, engulido o bocado, abalando para a caça, e as noites, os serões, passando-os na taverna, jogando a bisca ou a pedida, conforme tinha par-

ceiros para um ou outro d'estes jogos. Dinheiro tinha com fartura, e como era liberal em gastal-o, mesmo os que no intimo tinham por ele desprezo, juntavam-se-lhe na pangalhada, e achavam certa graça á desenvoltura com que ele arejava as massas do lavrador.

Tudo ia de casa do sr. Filipe para casa do mestre Antonio — a farinha, o azeite, a carne e os legumes, e ia com abundancia, porque ás vezes ele, de sucia na venda, mandava dizer á mulher que lhe mandasse um petisco, e ela mandava-lhe um naco de carne de febra, se a tinha, ou então uma posta de toicinho alto, um prato de azeitonas e um ou dois queijinhos, não esquecendo o pão alvo, como mais ninguem comia na Aldeia, a não ser o lavradar.

Os encontros do sr. Filipe com a Amelia deixaram de ter logar no campo, indo ele por um lado, indo ela por outro, de modo que quem o visse a ele, a não visse a ela, e quem a visse a ela, não desse por ele.

Não era comodo este bucolismo errático, que ás vezes obrigava o lavrador a fatigantes rodeios, postado um maioral em qualquer cabeço, a olhar pelo seu rebanho, e d'ali, sem se mover, podendo aperceber-se de tudo n'uma área de grande raio.

A pouco e pouco foram rareando os idilios campestres, indo a Amelia a casa do lavrador ou indo ele a casa da Amelia, que o sapateiro, homem discreto, em ele entrando pela porta da rua, saia logo pela porta do quintal.

Com a imprudencia de certos maridos atraiçoados, mestre Antonio regressava algumas vezes a casa, inoportunamente, tendo declarado, á saida, que ia dar uma volta larga, demorando-se por fóra até á noite. Encontrando fechada a porta e o postigo não se dava ao trabalho de bater, porque já sabia que ou a mulher tinha saido ou o lavrador tinha entrado.

Quasi nem já trabalhava pelo oficio, e á medida que os seus ganhos diminuiam, as suas prosperidades aumentavam. De nada havia falta em sua casa; comia do bom e do melhor, trajava como um morgado, e quando metia a mão na algibeira, á procura de dinheiro, sempre o encontrava.

A Amelia passara das chitas baratas para as fazendas caras; já usava lenços de seda, aos domingos, e abundavam as rendinhas e as franjas nos seus casabeques e aventais.

Apurada no vestuario sempre ela fôra, e nenhuma outra, pobre como ela, sabia tirar da sua mingua de recursos efeitos tão agradaveis aos olhos.

Dizia o mulherio da Aldeia, quando ela se enfeitava, ainda solteira, para uma festa na Vila:

— O diabo da moça nada põe em cima que lhe não fique bem.

Era bem talhada de corpo, e rustica como a própria urze do monte, sabia combinar formas e côres com o mais requintado bom gosto. Não tivera mestra de costura; mas na Vila não havia quem talhasse e cozesse como ela.

— Se um dia lhe der para bordar a bastido-

res, verão que nem as senhorinhas de Lisboa lhe ganham.

Deixara de ir aos trabalhos do campo, e um dia, á porta do forno, saiu-se em dizer que tinha muita pena de já não ir ás mondas, por ser um trabalho muito do seu gosto.

— Porque não vais ?

— Porque o meu homem não quere.

— Qual d'eles ?...

*

Dizia toda a gente que se o mestre Antonio levasse sumiço o lavrador ajuntava-se com a Amelia.

Na verdade ele não via senão o chão que ela pisava ; não tinha outros desejos que não fossem os seus desejos, outra vontade que não fosse a sua vontade. Surpreendia-se, ás vezes, a pensar que ela pertencia a outro homem, legalmente casada, e que o marido, ave de arribação, por quaisquer rasões que são da psycologia dos veados, podia abalar d'ali com ela, ou proibil-a de o ver, de lhe falar. E então sentia-se capaz d'um ato violento, d'uma acção criminosa que fizesse desaparecer de vez o sapateiro indo deitar tombas e gaspeas para as profundas do inferno. Não lhe seria dificil encontrar quem se encarregasse d'esse frete, sendo bem pago, e tinha a certeza de que a morte do mestre Antonio, n'um acidente de caça, não seria lamentada por ninguem, antes causaria regosijo em toda a familia da Aldeia, onde já

não havia uma unica pessoa de *respeito* que não lhe tivesse gana.

Durava esta sesão, que felizmente se não repetia com frequencia, até que ela o procurava ou ele ia procural-a, robustecendo-se logo a sua confiança no mestre Antonio, uma confiança que já vinha de longe e assentava em provas irrecusaveis, tornando-se de dia para dia mais firme, mais solida.

D'esta confiança participava a Amelia, e de certo modo participava toda a familia da Aldeia, jurando homens e mulheres, novos e velhos, que nunca tinham visto uma coisa assim, pouco faltando para o lavrador Filipe, a Amelia e o mestre Antonio dormirem todos tres na mesma cama.

Um dia, pela meia tarde, o mestre Antonio abalou para a caça, sósinho, avisando de que só voltaria á noite, á hora da ceia, talvez um bocadinho mais tarde, porque tencionava ir ao Monte Caiado, a ver se lhe pagavam o amanho d'uns sapatos, na importancia de nove tostões.

— Fazia-me bôa conta receber agora este dinheirinho.

O lavrador, passando pela rua da Amelia, petiscou no ferrôlho, vindo ela abrir, fragalhoteira, anunciando com alegria desenvolta que o marido não estava, e só voltaria á noite.

Como tivessem de tratar coisas sérias, de grande ponderação, assim que o lavrador entrou a Amelia fechou a porta e o postigo — porta sem tranca e postigo só com uma pequena lingueta de insignificante resistencia.

Estavam os dois no melhor da conversa quando batem á porta duas pancadas fortes.

O coração não fala, mas adivinha, e o coração do lavrador, dando um baque, avisou do perigo que corria, se não fugisse sem demora.

Renovando as pancadas na porta, sem que de dentro lhe respondessem, o sapateiro meteu o postigo dentro, e fazendo dar volta á chave, escancarou a porta, entrando de espingarda na mão, na atitude de quem se prepara para desfechar.

Pela porta que deitava para o quintal, entre-aberta, lobrigou o lavrador, que fugia, parecendo que tinha asas nos sapatos. Desfechou precisamente no momento em que ele saltava a parede do quintal, á distancia de mais de cem passos, pregando-lhe no rabo tres ou quatro grãos de chumbo, que mal furaram a péle.

Correu para a porta da rua, dando volta á chave, e armado com a navalha do oficio, de ponta aguda e folha larga, atirou-se á Amelia, já quasi desfalecida, cravando-lh'a no ventre umas poucas de vezes, com requintes de crueldade.

Acudiram os visinhos, homens e mulheres, acudiu gente de todos os pontos da Aldeia, e logo a porta foi metida a dentro, a ninguem ocorrendo, em semelhante confusão, dar volta á chave, o que dispensaria o arrombamento.

A Amelia, sumariamente vestida, uma saia por cima da camisa, descalça, agonisava n'uma poça de sangue, caida aos pés da cama.

O regedor, acompanhado de dois cabos, deu ao sapateiro voz de prisão, não esboçando o mizeravel o mais leve signal de protesto, a mais instintiva amostra de resistencia.

O mulherio não se contentava com a prisão, e em altos berros reclamava que se lhe fizesse o mesmo que ele fizera á mulher, o mesmo que pretendera fazer ao lavrador, que milagrosamente saira com vida d'aquela tragica scena de furia assassina.

— Mata-se !... Mata-se este malvado !...

— Grandissimo ladrão !... Ele é que meteu a mulher á cara do lavrador, para comer e beber á tripa fôrra, com dinheiro á farta para as suas pandegas, e sai-se agora com uma ação destas, como se de repente lhe chegasse a vergonha, ofendido na sua honra d'homem casado !

O tio Francisco Garcia, cego e tolhido, sentado n'um banco de pedra á porta da venda, soube ali de tudo que se passava e como se passara. Comentou o velhote:

— Ninguem se fie nos bois mansos ; quando marram, é pela certa.

A libertação

Dormiam em quartos separados, havia muito tempo, depois que lhe nascera o ultimo filho, um traquina que punha tudo fóra dos seus logares, como um cyclone··· caseiro.

Os dois quartos comunicavam por uma porta com chave, que ela tinha o cuidado de fechar, todas as noites, antes de se meter na cama. Dormiam, assim, tão longe um do outro como o Gungunhana da sua favorita, preso no Castelo d'Angra, rei deposto, sem côrte e sem vassalos, da sua grandeza antiga conservando apenas a memoria e a saudade, e da sua propria familia só conservando junto de si o Godide, herdeiro presuntivo··· da palhota.

Quasi sempre ele se erguia primeiro do que ela, deitando-se á ultima, e bem lavado, mal lavado, mandava que lhe servissem o almoço e abalava de casa todo o dia por fóra, gandaiando pela cidade, ouvindo aqui, escutando além — nas lojas, nas boticas e nos cafés,

Fôra uma surpresa para toda a gente, aquele casamento, ela rica, ele pobre, ela esbelta, ele desageitado, ela sadia, ele doente, irremediavelmente doente, na opinião dos medicos — epileptico, com manifesta depressão mental, absolutamente indiferente aos negocios da sua casa, de que se ocupava a mulher, com inteira liberdade, sem a esse respeito trocar com ele uma palavra. A's segundas-feiras dava-lhe dinheiro para toda a semana, dinheiro para o tabaco, e para o café, uma chavenasinha de café na *brasserie*, todas as tardes, depois de jantar.

Fazem-se entre as pessoas, como entre as ideias, associações por contraste, segundo um mecanismo que a psycologia explica, naturalmente sem o rigor com que se fazem as demonstrações em geometria, mas por maneira satisfatoria. A verdads é que ninguem compreendera aquele casamento, e como sucede, invariavelmente, perante um facto que não se compreende, cada qual o explicava a seu modo.

Aos vinte anos a Rosita, educada n'um colegio de Londres, fôra pedida em casamento por um rapaz de bôa familia, instruido como ela, bastante mais rico do que ela, moço galanteador que todas as mulheres desejavam, que todos os maridos temiam, embora ele não fôsse positivamente libertino, como o famoso Casanova, um cavalheiro de Faublas, sem escrupulos que o detivessem na realisação das suas conquistas amorosas. O *flirt* é uma instituição nacional da Gran-Bretanha, um capitulo da moral inglesa equivalente

a um versiculo da Biblia, que se pratica com devoção em todas as idades e em todas as latitudes da geografia social, e porque a Rosita fôra educada n'um colegio de Londres, á moda britanica, o facto do seu noivo cultivar abundantemente o *flirt*, longe de a escandalisar, parecia até que lhe era agradavel, porque lhe arreigava a convicção de que ele era, de todos os moços da cidade, o mais digno de ser amado. Certos maridos, geralmente os predestinados, gostam que lhes cortejem a mulher, porque isso lisongeia o seu orgulho de proprietarios, a sua vaidade de preferidos por uma beleza requestada — virtuosa como a Lucrecia romana.

Ora sucedeu que a Rosita, para fechar agradavelmente a sua vida de solteira, levando comsigo uma velha amiga, que era uma amiga já velha, foi passar uns dias em Sevilha, por ocasião da Semana Santa, seguindo no mesmo comboio em que seguia o seu noivo, conforme o ajuste estabelecido.

O facto tornou-se imediatamente conhecido na cidade, e foi ele, durante dias, o assumpto obrigado de todas as conversas, uns comentando-o com singela malicia, outros comentando-o nos termos mais baixamente injuriosos.

Pois se estava justo o casamento, porque não haviam de fazer como toda a gente de sua classe, casar primeiro e viajar depois ?

Já era vontade de fazer escandalo, ofender a moral corrente, a moral estabelecida, os sentimentos de todos quantos consideram a moral como a obriga-

ção que teem··· os outros de se portarem bem, a dentro de certos preceitos e regras formando um codigo, sempre inédito, dos usos e costumes.

Para Sevilha, juntos, um rapaz e uma rapariga, ele esbelto, ela formosa, ele capaz de fazer perder d'amor o coração da mais atormentada monja, ela capaz de transtornar a cabeça do mais inspiritualisado ermita!

Onde quer que apareciam, nas ruas como nas praças, nos cafés como nos theatros, despertavam um grande movimento de curiosidade, que se traduzia em gestos de admiração e murmurios de simpatia.

— Que guapo!

— Que hermosa!

Ser notada em Sevilha pela beleza e elegancia; ver que todos os olhares, na capital andaluza, se prendiam á graça dos seus meneios, admiravel escultura que faria a reputação do mais afamado artista de todos os tempos, antigos e modernos, era para a Rosita motivo d'uma satisfação intima e trasbordante, porque lhe dava a plena consciencia de ser digna do seu noivo, um admiravel Antinuos que todos os maridos temiam e todas as mulheres desejavam.

Naquele ano havia entre a Semana Santa e a Feira um intervalo d'uma semana, e como a aia da Rosita, ao apear-se d'um *tran-via*, na Praça de S. Fernando, fizesse uma pequena entorse, que a obrigaria, por alguns dias, a não sair de casa, resolveram os noivos dar um salto de Sevilha a Cordova, deven-

do já estar novamente em Sevilha quando a feira principiasse. Ambos tinham grande desejo de visitar velhos e famosos Paizes musulmanos, e pois que as circunstancias lhes proporcionavam belamente a satisfação, embora não completa, d'esse desejo, resolveram não perder o ensejo, que talvez nunca mais se lhes oferecesse tão favoravel.

Quem visita Cordova raramente o faz com outro intuito, sendo estrangeiro, que não seja o de vêr a Mesquita, hoje templo christão, e a Mesquita não dá para mais de algumas horas, mesmo querendo vêr tudo pelos miudos.

Tendo chegado a Cordova antes do meio dia, depois do almoço deram uma volta pela cidade, indo seguidamente vêr a Mesquita, servindo-lhes de cicerone um pobre diabo que ali perto vendia bilhetes postais, com reproduções do Templo, e uma historia de Cordova desde a dominação musulmana á epoca actual.

Rosita gostou muito de vêr aquela floresta de columnas, fazendo-lhe notar o cicerone que todas eram do mais fino marmore, diferentes na côr e no feitio.

O cicerone explicava, fazendo jus a uma avultada *propina*:

— As columnas eram mil e duzentas; agora ha só setecentas e cincoenta. Os capiteis, uns arabes e outros romanos, alguns bisantinos, eram abundantemente dourados e no thesouro do templo havia abundancia de joias e pedras preciosas do mais subido preço. Tudo isso foi desaparecendo a pouco e pouco, desde que a cidade caiu em poder dos christãos.

E acrescentou:

— Dez mil lampadas que nunca se apagavam, reforçadas por candelabros espantosamente grandes, iluminavam a Mesquita. Eram tão grandes os candelabros que consumiam, cada um deles, no ano, aproximadamente quinze toneladas de azeite.

Mais por coquetismo que por devoção, a Rosita quiz ajoelhar perante o altar-mór, a pensar, vagamente, que bem podiam os christãos ter deixado ficar o Mirhab dos infieis, que era o santuario onde eles guardavam as suas *especies consagradas*, sob a forma de Alcorão.

A Rosita não era inclinada ao misticismo, e a educação religiosa que recebera no colegio, somada, nos seus efeitos, á que recebera na familia, deixara-lhe o espirito livre, quasi indiferente ás praticas religiosas, e absolutamente alheio a congeminencias theologicas, com resaibos de filosofia. Não era uma Heloisa no saber, nem uma Thereza de Jesus no sentir; mas era, como a Alcoforado, de Beja, uma adoravel tentação carnal, um soberbo fruto, que um vago perfume de religiosidade tornava ainda mais apetecido.

Porque assim era, em materia religiosa, deliciosamente ignorante, conhecendo tão pouco a Biblia como o Alcorão, a Rosita não alteou o seu espirito até Deus, e não saberia responder, n'aquelle momento, se fôra a Mesquita que se convertera em templo cristão, se fôra uma igreja cristã, como a da sua freguezia, umas poucas de vezes menor, que se convertera em Mesquita, para maior gloria do Profeta.

Por detraz d'uma coluna escapando á vigilancia dos guardas, e aproveitando o discreto isolamento da Mesquita, sem outros visitantes, Rosita e o noivo beijaram-se com frenesi, como se ela fosse uma das lindas huris que enchem o Paraizo musulmano, e ele o mais fervoroso crente do islamismo, digno de todas as bemaventuranças prometidas aos que sempre defenderam a sua causa, e foram obedientes aos seus mandamentos.

— Minha linda moira!
— Meu anjo adorado!

O estrangeiro que visita Cordova, na generalidade dos casos, só ali vai para admirar a Mesquita, hoje templo cristão, e a Mesquita não dá para mais d'umas horas, tres ou quatro, de admiração contemplativa. Os sabios, os eruditos, os excepcionalmente cultos, podem, sem duvida, dentro da presente Mesquita, evocar a velha historia do musulmanismo na Peninsula, sobretudo a historia do Kalifato cordovez, tão cheio de lances tragicos e de aventuras poeticas.

Tal não era o caso dos gentis noivos lusitanos, escassamente instruidos na historia geral da Peninsula, e não os movendo grandemente a curiosidade de aprofundarem, a este respeito, os seus conhecimentos. Vista a Mesquita, estava vista a cidade, uma grande e populosa cidade n'outros tempos, tão populosa que alguns auctores dizem ter ela encerrado nos seus muros altos, guarnecidos de torres e bas-

tiões, aproximadamente um milhão de habitantes. Então, sim, devia Cordova, independentemente da Mesquita, ser uma cidade bem digna de visitar-se, repousando por instantes ou por horas á sombra das suas palmeiras, dos seus grandes cedros frondosos, das suas larangeiras em flôr, ouvindo o murmurio das suas fontes, d'aguas frescas e cristalinas.

A' noite, depois do theatro, a tomarem chá na *Avenida Gran Capitan*, ocorreu aos dois o mesmo pensamento ou desejo, que a Rosita, n'um enthusiasmo infantil, quasi batendo as palmas, como as creanças, expoz na forma de consulta, que era uma ordem imperativa:

— E se nós fosssmos até Granada?...

— E' verdade, se nós fossemos a Granada?

Ali, em Cordova. não valia a pena demorarem-se, e regressar a Sevilha, antes da feira, tambem não valia a pena, tanto mais que a aia ou dama de companhia de Rosita ainda precisava do repouso d'alguns dias para completamente ficar curada da entorse.

Deviam bastar dois dias para verem a linda capital do reino granadino, mais interessante, como cidade moderna, que a velha Cordova, mais pequena, muito mais pequena que Sevilha.

No dia seguinte, pela manhã, meteram-se a caminho, em comboio rapido, e perto do anoitecer, a muito bôas horas do jantar, chegaram a Granada, encantado o noivo de Rosita com os montões de *re-*

molacha que vira nas Estações, ao longo da imensa veiga, d'uma admiravel fertilidade!

Muito cêdo, para não perderem tempo, repousados da viagem da vespera, Rosita e o seu noivo deambulavam pelas ruas de Granada, vendo muito do seu vagar o aspecto exterior da cidade — a fisionomia dos seus edificios, a arquitectura dos seus monumentos, a animação das suas ruas, o incipiente bulicio das suas praças, todas com bancos e arvores, geralmente platanos.

Apeteceu a Rosita ouvir um bocadinho de missa, na Cathedral, que lhe fez uma impressão mediocre, e não quiz voltar ao hotel, para almoçar, antes de subir a um ponto alto, d'onde visse a cidade em conjunto.

Ao fim do segundo dia, tendo visitado demoradamente a Alhambra, tendo quasi adormecido, logo a seguir, na Alcazaba, enlevada no panorama da cidade, a subir pela montanha, Rosita declarava ao seu noivo que já a não interessavam as coisas arabes e que sem desfazer nas belezas da ilustre cidade granadina, achava que não tinha justificação o conhecido ditado andaluz:

> Quien no ha visto Granada
> No ha visto nada.

O noivo concordou, e logo assentaram em retirar

no dia seguinte, pelo primeiro comboio, regressando a Sevilha, sem demora em Cordova.

E acrescentou:

— O Florencio da Administração do Concelho diz muitas vezes, falando do partido do Zé Dias, chamado *constituinte*, e que se desfez em pouco tempo, por desertarem d'ele, hoje uns, amanhã outros, os seus homens de valor: — *Eu sou o ultimo abencerragem.* A primeira vez que estiver com ele, já lhe digo que vi a sala onde os abencerragens foram mortos, como sucedeu aos liberaes do Castelo de Extremoz. E' capaz o homem de ser abencerragem sem fazer ideia do que isso foi!

No dia seguinte deixaram Granada, e em menos de vinte e quatro horas entraram em Sevilha, tendo feito, como dizia a Rosita, uma antecipada viagem de nupcias, que os dispensaria, quando casassem, de irem passar quinze dias ou um mez por fóra de casa

•

A entorse ainda não permitia á amiga de Rosita acompanhal-a nos seus passeios, já com menos dôres mas apoiando-se sem firmeza no pé.

— E se nos fossemos embora? Já faço ideia do que é a feira, e como não tenciono morrer cêdo, para o ano, ou quando nos apetecer, voltamos cá.

— Não tinhamos pensado em vêr o bairro dos ciganos?...

— Tinhamos, mas acho que não vale a pena. Essa gente é a mesma em toda a parte, e farta de ver ciganos estou eu, porque os tenho ao pé da porta.

— Sempre era mais uma coisa que viamos, e para a vermos não precisavamos adiar muito a viagem.

— Estou por tudo que tu quizeres; mas francamente, demorar-se a gente aqui só para vêr ciganos, como se nunca os tivessemos visto, acho que é retardar sem necessidade, e sem nenhuma vantagem, o prazer de nos encontrarmos em nossa casa, e a felicidade de nos vermos casados, unidos para sempre, meu querido amor!

No segundo dia de feira, á noite, tomaram o comboio de Badajoz, com bilhete para Lisboa, anciosos por se apanharem em casa.

Marcou-se o dia para o casamento, dispensados os banhos, tendo a Rosita, antes da abalada para Hespanha, deixado tudo arranjado e disposto para casar no proprio dia do seu regresso, se tal fosse a sua vontade.

O peor da passagem, foi que o pagem, isto é, o noivo, adoeceu quasi repentinamente, com um ataque de gripe pneumonica, que então grassava na cidade com uma intensidade apavorante.

Passára o dia todo no campo, e á noite metera-se na cama, fatigado mas bem disposto, calculando que faria, como de costume, um sono reparador, de que acordaria ao luzir do buraco.

Passou a noite inquieto, sem bem saber o que tinha, ás voltas e reviravoltas, verificando, pela manhã, que tinha febre alta e constatando que uma pontada forte, do lado esquerdo o não deixava respirar á

vontade, fazendo uma respiração muito superficial, por defeza.

Veio logo o medico da casa, e á tarde vieram outros medicos, os quais, reunidos em conferencia, declararam que o caso era grave, d'uma extrema gravidade, reservando o prognostico. Em nova conferencia, que teve logar no dia seguinte, sem discrepancia d'um voto, declararam os ilustres galenos que ali não havia nada que fazer; só por milagre o doente poderia salvar se.

Afrontando audaciosamente as chamadas conveniencias sociaes, que são, em grande parte, regras e preceitos d'uma moral hypocrita, a Rosita instalou-se em casa do seu noivo, disposta a ser a sua enfermeira, não lhe parecendo que a falta d'um sacramento seja motivo para que uma pessoa amante se não dedique por completo, impondo-se os maiores sacrificios, á pessoa amada.

Um milagre?

Talvez o fizesse o seu imenso amor, a sua dedicação sem limites, o seu carinho sem igual.

Ha sempre n'estes actos de renuncia extrema, d'um altruismo que é a expressão mais alta e mais bela da afectividade humana, ha sempre n'estes actos uma parcela de egoismo, sem o qual entrariam na esphera da bondade divina, que a creatura não pode atingir sem perder o merecimento de quem realisa o bem tendo a liberdade de realisar o mal.

Não podia ser maior a carinhosa solicitude da Rosita, comendo e dormindo ao pé do seu querido

doente, se podia chamar-se dormir a um leve passar pelo somno, tão leve que não fazia ele o mais pequeno movimento que ela não acudisse, como se acordasse.

— Precisas d'alguma coisa, meu amor?

O desgraçado volvia para ela os olhos amortecidos, cheios d'uma suave ternura agradecida, e procurava exprimir-lhe, n'um sorriso contrafeito e doloroso, todo o amor que lhe enchia o coração, e que era, talvez, a unica força que o impedia de parar.

— Então, doutor, posso ter esperanças?

— As esperanças que é licito ter n'um milagre, minha senhora.

O milagre não se fez, e logo a Moral publica, sempre gulosa de escandalos, mal desceu o pano sobre aquela horrivel tragedia, entrou a comentar malevolamente o passeio de Rosita a Sevilha, chegando a afirmar-se que o enfermo, no delirio da febre, fizera revelações tremendas. Era falso; mas bastou que isto corresse, para que muita gente, na cidade, principalmente madamas, se puzesse em espectativa anciosa, contando as semanas, contando os mezes, inquirindo solicitamente da saude de Rosita — se estava mais gorda, se comia de tudo com gosto ou tinha estravagancias de apetite, anomalias de paladar.

O facto estranho, para as senhoras visinhas verdadeiramente escandaloso da Rosita ir meter-se em casa do noivo, postada junto da sua cama, quasi não arredando d'ali pé, quer de dia quer de noite, garantia ás bôas almas da cidade, sempre intrometidas na

vida alheia, que a Rosita procurava fazer um casamento *in extremis*, não pela vaidosa pretensão de se apresentar como viuva, mas pela necessidade de garantir ao seu filho uma legitima paternidade.

Amor, renuncia, dedicação, sacrificio!

Coisas muito bonitas nos romances e nos dramas, mas tão fóra da positividade da vida, que as não encontraria no mundo das realidades e dos factos, quem as procurasse por toda a parte, armado da famosa lanterna de Diogenes — como o philosopho cynico não encontrara o homem que procurava.

Estava a Rosita sendo o objecto de todas as conversações, na sua quasi totalidade maledicentes, algumas com ares de generosa complacencia, considerando-a como victima mais do que propriamente auctora das suas graves faltas.

— E' no que dão, afinal de contas, as taes educações á moda ingleza! Quando é que se viu uma rapariga de bôas familias, uma criança, abalar de casa para Hespanha, na companhia do homem com quem hade casar — se casar — e que não é seu parente nem adherente, tão novo como ela?... E então esta de se ir meter em casa do homem, como se ele não tivesse pessoas de familia que o tratassem!

Como sempre sucede, em casos tais, quem mais murmurava era quem mais rasão tinha para estar calado, que mais não fosse em atenção ao preceito que recomenda não falar de corda em casa de enforcado.

Era publico e notorio que a D. Felismina Graça, já noiva do homem com quem casou, passara oito dias n'um hotel, em Lisboa, fazendo-lhe companhia um professor do lyceu, com quem tivera um longo *flirt* pratico, chegando a dizer-se que uma doença grave que a puzera ás portas da morte, no mais aceso d'este namoro, fôra originada em manobras criminosas, atinentes a fazerem desaparecer a prova real, em carne e osso, da sua libertinagem amorosa.

Pois a D. Felismina, já a desandar para os cincoenta, era uma especie de cartaz, colado em todas as esquinas, a gritar aos quatro ventos o grande e horrivel crime de Rosita, enfermeira do homem, que, sem a intercorrencia d'aquela doença fatal, seria seu legitimo esposo, recebidos á face de Deus.

Não ficava atraz da D. Felismina a Abrunhosa, mãe de quatro filhos, nenhum dos quais tinha parecenças com o marido, parecendo-se, cada um deles, com o pai que lhe era atribuido pela opinião publica, que é a voz de Deus, sempre justa e verdadeira.

Durante um ano Rosita não poz os pés na rua, ninguem a viu á janela e raras pessoas recebia em sua casa. Carregara-se de luto, como uma viuva, e passava horas esquecidas, todos os dias, a olhar o retrato do seu noivo, que lhe parecia agora mais belo, na refrangencia das suas lagrimas.

Porque não teria alongado mais o seu passeio por Hespanha, ficando por lá um mez, que mais não fosse, sendo provavel que a epidemia, no seu re-

gresso, já tivesse desaparecido por completo ? Quasi tinha remorsos de não o haver feito, tanto mais que fôra ela, na pressa de se casar, que propuzera retirarem de Sevilha antes de acabada a feira, e não quizera demorar-se em Badajoz, para assistir a uma tourada que metia os espadas de maior nome.

Parecia aos que viviam perto d'ela, um pouco na sua intimidade, que nada poderia consolal-a, da perda do seu noivo, Niobe desolada que ficaria toda a vida chorando a morte do prometido esposo.

Bem se diz que o coração tem suas rasões que a rasão não compreende, frase rigorosamente verdadeira, com ares de paradoxo.

Quando constou, um dia, que Rosita ia casar, volvido cinco anos, por sobre o seu passeio a Sevilha, a surpreza foi geral, tornando-se em pasmo ao saber-se que o noivo era aquele pobre Mathias, feio e desengonçado, que desde pequeno sofria de ataques epilepticos, incapaz de reger a sua pessoa e bens, segundo a formula juridica, sendo tristemente certo que êle nada tinha de regesse, pobre como um franciscano. Fizera mal e porcamente o exame de instrução primaria, chegando a matricular-se no lyceu, tendo levado a frequencia do primeiro ano até ás ferias da Paschoa. Por completo falho de atenção, incapaz d'um raciocinio elementar, estaria duas ou três horas á mêza de estudo, a olhar para um livro aberto, levantando-se fatigado, mal fazendo ideia do que lera, e logo esquecendo o nada que aprendera, tão pobre de memoria como de inteligencia. Nem

sequer pensou, a familia, em o mandar aprender um oficio, metel-o de caixeiro n'uma loja, ganhando o que lhe quizessem dar.

O que havia de curioso no Mathias, filho de gente pobre, mas recatada, era uma queda notavel para o dandysmo, uma exagerada propenssão para o luxo, freguez impertinente de todos os alfaiates, chegando ao exagero de provar tres e quatro vezes um fato. Em materia de gravatas era d'uma exigencia que seria ridicula se não fosse incomoda, e causava admiração como ele, sem geito para o quer que fosse, dava os nós da gravata por forma irrepreensivel e com manifesta elegancia.

Na botica do Pascoal, o mais bem frequentado centro de má lingua que havia na cidade, o ruidoso sucesso foi comentado picarescamente, sem respeito e sem delicadeza, os comentarios mais sangrentos obtendo o maior sucesso de gargalhada.

— Ora vejam como são as coisas! Toda a gente a dizer que o Mathias não tem prestimo para coisa alguma, e ele, no fim de contas, até serve para tirar nódoas.

Não faltavam pretendentes á mão de Rosita, que os afastava implacavelmente — como se fosse uma nova Penelope á espera do seu Ulysses, errante por afastados e tormentosos mares. Cada pretendente infeliz era uma voz em furia clamando o mau procedimento da infeliz menina, tão leviana que se carregara de luto, como se fosse viuva, afirmando assim que a não calumniavam os que afoitamente diziam que

ela, na realidade, fizera uma viagem de nupcias a Hespanha, tendo-se esquecido de casar primeiro.

Casaram, a Rosita e o Mathias, fazendo-se o casamento n'uma capela particular, sem anuncio, quasi sem convites, para evitar o espectaculo, á porta da Igreja e dentro do templo, d'uma multidão irrespeitosa, a repetir em voz alta os comentarios da botica do Pascoal.

Como se Deus abençoasse aquela união, conforme a linguagem biblica, ainda não tinha quatro anos de casada e já a Rosita amamentava o seu segundo filho, orgulhosa do seu casalinho de bebés, ambos fortes, ambos sadios, ambos lindos como os amores — ambos parecidos com o pai.

Entretanto a decadencia fisica do pobre Mathias fazia progressos notaveis, menores, todavia, que os da sua decadencia moral. Ainda tinha vigor bastante para não parar em casa, todo o dia por fóra, gandaiando pela cidade, ouvindo aqui, escutando além, mas não se intrometendo nas conversas, não correspondendo aos cumprimentos que lhe faziam, nunca respondendo ao que lhe perguntavam. Era um espirito doente n'um corpo aleijado, a caricatura d'um homem envolucrando farrapos d'uma alma.

Fumava de cada vez mais, quasi acendendo os cigarros uns nos outros, e nunca saía de casa, pela manhã, sem pedir a sua diaria para tabaco — para o tabaco e para o cafesinho, ás vezes, muito raramente,

deitando no café um pequenino calice de aguardente de cana.

Tinha agora ataques com mais frequencia, e por mais d'uma vez, seguidamente aos ataques, manifestára propositos de agressão, monologando em voz rude injurias e ameaças. Do que ele nunca se esquecía, fosse onde fosse que tivesse o ataque, em casa d'alguma pessoa amiga, na botica, no café ou mesmo em sua propria casa, era de verificar, tornando a si, fatigado de estrebuchar, se lhe não faltava a bolsa ou o relogio. O facto não escandalisava ninguem, porque era d'um automatismo inconsciente, puramente instintivo, tão pouco deliberado como as suas convulsões.

Um dia o medico da casa, tendo visto o Mathias, ao iniciar um ataque, esboçar gestos de agressão, disse á Rosita que precisava ter cautela, por si e pelos filhos, porque os epilepticos resvalam facilmente ao crime, e com frequencia as pessoas mais intimas da familia são as victimas da sua escolha. A partir de então ela, todas as noites, antes de se meter na cama, fechava a porta que punha em comunicação os quartos em que dormiam, ficando assim tão longe um do outro como o Gungunhana no castelo d'Angra e a sua favorita no kraal de Manjacaze.

Felizmente o pobre Mathias nunca esboçou contra ela um gesto de ameaça, nunca lhe dirigiu uma palavra injuriosa, e se não era carinhoso e meigo para com os filhos, tambem os não tratava com aspereza, dispensando-se, até, de os castigar quando eles faziam maldades.

Nem as criadas tratava mal, dispensando-se de as cumprimentar, e ao que indispensavelmente lhe perguntavam respondia por monosilabos ou por gestos.

Não era, propriamente, uma pessoa incomoda; mas tambem não era, antes de se avisinhar a sua estrema decadencia, um animal estimavel.

Casada e sem marido, aquela viuvez grotesca era uma tortura que a envergonhava.

Na desolução do seu leito, pareciam-lhe interminaveis as noites, a evocar os tempos da sua mocidade florida, cheia de sonhos, a evocar, sobretudo, as delicias do *seu primeiro noivado*, e a pôr tudo isto em confronto com a sua vida presente, vasia e desolada. Ninguem a contivera no resvalar áquele abismo, e ninguem podia agora descer á profundeza do seu martirio para lhe dar um pouco de alento, para lhe insuflar um pouco de coragem.

Tinha ancias d'amor, que lhe quebravam o coração, e tinha ao mesmo tempo revoltas de orgulho que tornavam ainda maior o seu tormento. Vislumbrava a felicidade fóra do dever convencional, e surpreendia-se a estender-lhe a mão cautelosamente, como quem procura colher uma rosa, que está alta, e tem á roda, a defende-la, milhares de picos acerados.

Mal a consolavam os filhos da inutilidade do marido, moça demais para não reconhecer os direitos da Natureza, que ás vezes formula as suas reinvidicações em termos d'uma imperiosidade brutal.

Siurpreendeu, uma noite, manchando as suas tranças d'ebano uns delgados fios de prata, e teve o horror d'uma velhice precoce, irremediavelmente perdida para as alegrias do amor, esse grande amor que ela conservava dentro do coração, como um avaro conserva dentro d'um cofre um capital que lhe não rende nada. Chorou, chorou, chorou, e quando a luz da manhã lhe entrou no quarto, quebrada de não dormir, os olhos pisados de chorar, foi sentar-se á janela, olhando os campos, muito extensos, quasi interminaveis — como a sua dôr, como a sua desgraça.

Fugiu-lhe o pensamento para longe, para as terras andaluzas, e poz-se a rememorar essa viagem encantadora, na companhia do seu noivo, os dias festivos de Sevilha, as horas breves de Cordova, as tardes fuscas da *Alcazaba*, passeando no jardim de *los Adharves*, e d'ali passeando a vista pela extensa *veiga*, que talvez fosse ainda mais extensa se não esbarrasse, dos lados do poente, n'uma cercadura de montanhas, que não esmagam pela grandeza e encantam pela tonalidade da luz, á medida que o crepusculo se aproxima, quando o céu é puro e o horisonte limpo. E pensar que todo o seu poema d'amor, todo o seu belo sonho de felicidade, desfechara no horror d'uma cova aberta para nela se depositar o cadaver do seu noivo!

Faltava-lhe a coragem para se matar, e porque ainda havia fel no seu calix, encontrou no seu caminho aquele desgraçado Mathias, um imbecil com ataques epilepticos a quem dera a mão de esposa, de quem fizera o pai de seus filhos.

Fechou os olhos, como para se recluir mais a dentro de si mesma, e sentindo que ia tomal-a uma crise de chôro, fechou a janela, principiando a fazer, com muito vagar, a sua *toilette* da manhã.

Horas passadas, já muito pelo dia adiante, como não ouvisse rumor no quarto do marido, abriu cautelosamente a porta, e foi andando nos bicos dos pés, a espreitar se dormia.

Estava morto.

Retirou-se cautelosamente, como tinha entrado, nos bicos dos pés, ou porque receasse acordal-o... do sono de que não se acorda, ou por não acreditar na morte que verificara pelos seus proprios olhos, pondo-lhe quasi o ouvido sobre a bôca ligeiramente aberta, a ver se respirava. — Quando se perdeu o habito de ser feliz, não se acredita mais na felicidade.

Chamou a creada e ordenou que lhe servissem o almoço.

Sentada á mêza, como lhe observassem que o Senhor ainda não almoçara:

— Passou um pouco incomodado esta noite, só almoçará mais tarde.

Havia muito tempo que não comia assim, com tanto apetite, achando tudo excelente e servindo-se de tudo á larga. Olhou-se ao espelho que tinha em frente, e teve a impressão de que a sua face era uma placa de jardim com mólhos de cravos marginando-lhe a

bôca e ramos de violetas, emoldurando-lhe os olhos. Teve o desvanecimento de ainda ser bonita, e certificou-se de que ainda não era velha. Mal lhe cabia o coração no peito, inquieto como uma avesinha engaiolada.

Terminado o almoço, deixando os filhos á mêza, foi ela propria *acordar* o marido, ainda na cama, áquela hora, tão tarde...

E se fosse um caso de morte aparente?

Tinha muitas vezes ouvido dizer ao medico da casa, clinico de larga experiencia, com perto de cincoenta anos de exercicio da profissão, que os epilepticos, terminado o periodo convulsivante do ataque, podem estar horas sem respirar, inertes como se fossem de pedra ou de madeira, n'uma suspensão de vida que dá uma ilusão perfeita, sobretudo aos leigos na medicina, de morte real.

Se iria afogar-se á vista do porto, malaventurado naufrago que ao deitar as mãos á tabua salvadora, vê que uma onda a põe fóra do seu alcance, condenando-o á morte sem remedio!

Abriu cautelosamente a porta, como da primeira vez, e foi andando nos bicos dos pés, a tremer, no alvoroço mudo de quem tateasse nas trevas um caminho perigoso.

Estava positivamente na posição em que o deixara — a cabeça quasi inteiramente fóra do travesseiro, o braço direito pendendo fóra da cama, a bôca ligeiramente aberta, os olhos solidamente fechados. Poz-lhe

a mão no peito — estava frio de neve. Abriu lhe um pouco os olhos, arregaçando-lhe as palpebras — estavam envidraçados. Quasi lhe colou o ouvido á bôca — foi como se o colasse a uma pedra tumular.

Era lá possivel a sombra d'uma duvida?

Ficou suspensa, por instantes, n'uma especie de sideração do cérebro, não sentindo e não pensando, os olhos presos ao cadaver, sem o vêr, queda e fria como a mulher da Biblia convertida em estatua de sal.

Subitamente ouviu-se um grito doloroso — ai que desgraça! ai que grande desgraça! — e logo todo o pessoal da casa acorre n'uma aflição, precipitando-se em tropel no quarto mortuario. Gente que ia passando, na rua, entrou a vêr o que era, e o mesmo fizeram os visinhos, alguns dos quaes supuzeram que havia fogo, embora não vissem fumo ou labaredas saindo pelas janelas ou irrompendo do telhado, mostrando-se perfeitamente tranquilos, alguns visivelmente satisfeitos quando souberam que todo aquele alvorôto, em que havia gritos e lamentações chorosas, era tão sómente porque Mathias, o inutil, tinha passado d'esta para melhor. Ninguem lhe queria mal, porque ele era inofensivo, a não ser para as pessoas de casa, ferozmente egoista, querendo que lhe adivinhassem os desejos e as vontades, e que essas vontades e desejos os tomassem como ordens, cumprindo-os fielmente e com promptidão.

Dias e dias não dava uma palavra á mulher, a não ser para lhe pedir alguma coisa, dinheiro se ela

se esquecia de lh'o dar, o lenço se o não encontrava na algibeira.

Ninguem lhe queria mal, mas tambem não havia na cidade quem o estimasse, que a desgraça, em certas condições, em vez de suscitar a estima em forma de dó, provoca a indiferença inquinada de desprezo.

Ajoelhada á borda do leito, afogada em pranto, Rosita segurava nas suas mãos a mão caida do morto, como se não quizesse deixal-o partir sem ela para a viagem de que se não torna.

Tendo passado a noite toda a chorar, na desolação do seu quarto, as pessoas que iam chegando notavam-lhe os olhos pisados de quem muito chorou e sofreu, sentindo-se tomadas de respeito e dó por aquela viuva inconsolavel.

O coração batia-lhe com muita força, cheio de amor represado, ancioso de gosar a liberdade que lhe vinha envolta em crepes, mas bela, ainda assim, a lembrar um ruborescer d'aurora em manhã enevoada, durando o nevoeiro até esplender o sol, luminoso e quente, n'um ponto alto do horisonte, a caminho da sua viagem triumphal.

...Milagre foi que não desatasse a rir vendo os outros a chorar, ela que passara a vida a chorar quando todos os outros riam, insultando sem querer, a sua burlesca viuvez... de mulher casada.

INDICE

	Pag.
O Moinho	5
A Ritinha	51
Quem chibos vende	81
As Galdérias	113
Bois mansos	137
A libertação	199

ERRATA

Na pagina 77, ultima linha, onde se lê Guilherme, leia-se Casimiro.

PQ
9261
B75S35

Brito Camacho, Manuel de
Scenas da vida

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 06 02 15 008 1